



Português • 8.º ano

(Para)Textos

Guia do Professor

Pág. 11

1.1. A ilustração representa a preparação e início do ano letivo – alguns alunos compram material escolar; outros colocam livros na estante ou arrumam a secretária; outros caminham em direção à escola.

2. Resposta pessoal.

Pág. 12

1.1. b.

2.1. Resposta pessoal.

Sugestão de resposta: Na ilustração da capa, as cores das meninas são diferentes (uma é de raça branca e a outra é de raça negra), mas ambas estão unidas na mesma atividade, a escrita, a partir da qual criam novas histórias, enquanto as meninas da pintura de Picasso se encontram a ler. As feições das meninas da ilustração mostram um ar sorridente e as feições das meninas da pintura revelam uma postura mais séria, estando absortas na leitura. O vestuário de ambas também difere, sendo mais elaborado e colorido na ilustração e mais simples no quadro original.

3. Sugestão metodológica: Esta atividade parte da análise da pintura de Picasso, que serviu de base à ilustração da capa do manual. Assim, e depois da exploração da pintura original em confronto com a capa do manual, os alunos serão convidados a folhear as páginas do manual e a procurar os textos onde surgem as personagens visíveis na ilustração.

3.1.1. Pela ordem dos textos do manual: **Galileu:** “Galileu Galilei”, p. 28; **Tintim e Milú:** “Tintim: uma segunda vida”, p. 46; **Tom Sawyer:** “A quadrilha de Tom Sawyer”, p. 67; **Rei e Homem:** “O conto da ilha desconhecida”, p. 84; **Hobbit:** “Bom dia!”, p. 92; **Índigena:** “O eclipse”, p. 96; **Porco:** “O carnaval da vitória”, p. 125; **Homem com raízes na cabeça:** “Raízes”, p. 131; **Bisavô:** “A foto”, p. 143; **Mónica:** “Retrato de Mónica”, p. 162; **Os três irmãos de Medranhos:** “O tesouro”, p. 170; **Árabe:** “A inaudita guerra da Avenida Gago Coutinho”, p. 181; **Futebolista:** “O anjo das pernas tortas”, p. 232; **Romeu e Julieta:** “Romeu e Julieta – outro fim?”, p. 235; **Duas gregas disfarçadas de homem:** “As mulheres no parlamento”, p. 241; **Avarento:** “O Avarento”, p. 246.

Pág. 14

As autoras basearam-se na lista de obras das MCP e do PPEB para a seleção do *corpus* literário deste manual:

- **3 narrativas de autores portugueses** (apresentam-se 4, proporcionando-se possibilidade de escolha)
 - José Gomes Ferreira, “Parece impossível mas sou uma nuvem”, p. 147
 - Mário Dionísio, “Assobiando à vontade”, p. 154
 - Mário de Carvalho, “A inaudita guerra da Av. Gago Coutinho”, p. 181
 - Miguel Torga, “Natal”, Guiões de Leitura
- **2 textos dramáticos de autores portugueses**
 - Hélia Correia (adapt.), *A Ilha Encantada* (*A Tempestade*, de W. Shakespeare), p. 252 e Guiões de Leitura
 - Manuel António Pina, *Aquilo que os Olhos Veem ou o Adamastor*, p. 260 e Guiões de Leitura
- **1 texto de autor de país de língua oficial portuguesa**
 - Mia Couto, “Raízes”, in *Contos do Nascer da Terra*, p. 131
- **1 texto de autor estrangeiro**
 - J. R. R. Tolkien, “Bom dia!”, in *O Hobbit*, p. 92
- **2 textos de literatura juvenil**
 - A *Eneida* de Virgílio *Contada às Crianças e ao Povo* (adapt. João de Barros), p. 100
 - Vasco Graça Moura, *Os Lusíadas para Gente Nova*, p. 104
- **8 poemas (1 de Sá de Miranda, 5 de Camões, 2 de Almeida Garrett)**
 - Sá de Miranda, “O sol é grande, caem co’a calma as aves”, p. 204
 - Camões, “Amor é um fogo que arde sem se ver”, p. 206
 - Camões, “Endechas a Bárbara escrava”, p. 210
 - Camões, “Descalça vai para a fonte”, p. 211
 - Camões, “Erros meus, má fortuna, amor ardente”, p. 212
 - Camões, “Os bons vi sempre passar”, p. 212
 - Almeida Garrett, “Seus olhos”, p. 200
 - Almeida Garrett, “Barca bela”, p. 224
- **8 poemas de 8 autores diferentes**
 - “Estava eu na ermida de São Simeão” (versão de Natália Correia), p. 197
 - João Roiz de Castel Branco, “Cantiga sua, partindo-se”, p. 200
 - Shakespeare, “Soneto XCVIII (De ti me separei na primavera)” (trad. Luís Cardim), p. 216
 - Nicolau Tolentino “Chaves na mão, melena desganhada”, p. 218
 - Bocage, “O céu, de opacas sombras abafado”, p. 222
 - Antero de Quental, “O palácio da ventura”, p. 226
 - António Nobre, “Na praia lá da Boa Nova, um dia”, p. 228
 - Cesário Verde, “De tarde”, p. 230

Pág. 17

GRUPO I

1. a. F.; b. V.; c. V.; d. V.; e. F.; f. F. g. V.; h. F.

2. “do” – cérebro; “destes” – o cérebro dos alfabetizados.

3.1. c.; 3.2. c.; 3.3. a.; 3.4. b.

Pág. 18

4.1. As paixões humanas enumeradas são a aventura (perigo/risco), o amor, a gula, o vício (da bebida ou do jogo – obstinação/teimosia), a insatisfação (inconformismo) e a sede de poder.

4.2. Ao enumerar cumulativamente as várias paixões humanas, o narrador pretende demonstrar que todos os seres humanos têm a(s) sua(s) paixão(ões), e que esta(s) pode(m) ser de vários tipos. Através da enumeração, o narrador prepara o leitor para a informação que transmitirá no segundo parágrafo – a paixão do protagonista é a leitura.

5.1. Nestes parágrafos, o narrador reflete sobre a capacidade que a leitura tem de prender a atenção do leitor.

Pág. 19

6. Os segmentos que o comprovam são “*dizer adeus a personagens na companhia das quais se viveram tantas aventuras*” (ll. 20-21) e “*sem cuja companhia a vida parece vazia e sem sentido...*” (ll. 21-22).

7.1. a. A repetição está presente em “*tinha [...] muitas vezes*”; **b.** A antítese está presente em “*arrepios de frio e ondas de calor*”.

7.2. O grande desejo de Bastian era encontrar um livro cuja ação não tivesse fim.

8. Quanto à presença, o narrador é ausente ou não participante; quanto ao ponto de vista (posição) é subjetivo.

GRUPO II

1. Nunca, cedo, provavelmente, aqui.

2.1. Terceira pessoa do singular do pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo do verbo *contrair*.

2.2. Tem contraído.

3. a. Oração subordinada adverbial causal.; **b.** Oração subordinada adverbial temporal.

4. a. É preciso dizê-lo à personagem.; **b.** É preciso dizer-lhe adeus.; **c.** É preciso dizer-lho.

GRUPO III

Sugestão de aspetos a avaliar:

A. Tema (surgimento, evolução e manutenção de uma paixão por determinada atividade lúdica, desportiva, artística...) e tipologia (texto narrativo; 1.ª pessoa);

B. Coerência e pertinência da informação (progressão temática; organização – abertura, desenvolvimento e fecho);

C. Estrutura e coesão (mecanismos de coesão textual; pontuação);

D. Morfologia e sintaxe (estruturas sintáticas; conexão intrafrásica);

E. Repertório vocabular;

F. Ortografia.

Pág. 21

1.1. A. Laboratório; **B.** Biblioteca; **C.** Sala de informática; **D.** Observatório de astronomia; **E.** Pinacoteca/Museu.

2.1. a. A expressão significa que o jornalismo atual se faz também por outros canais, além dos tradicionais jornal, televisão e rádio, utilizando a *Internet* (edições *online*, *blogues*, *facebook*, *twitter*...), *SMS*...; **b.** A disponibilização da informação, atualmente, é imediata, o que não acontece com as edições em papel. Por outro lado, o mundo inteiro está ligado por uma rede através da qual as fronteiras de espaço deixam de existir.

Pág. 22

1.1. a. Artigo de divulgação científica (nota: texto de tipo expositivo); **b.** Verbete de enciclopédia; **c.** Reportagem; **d.** Entrevista; **e.** Roteiro turístico; **f.** Crítica de cinema; **g.** Anúncio publicitário; **h.** Texto de opinião; **i.** Cartoon.

Pág. 23

PRÉ-LEITURA

1.1. Exemplo de resposta:

Ursa Maior/Menor, Orion, Cassiopeia...

Pág. 24

LEITURA

1.1. a. F. – Só é possível observar a Via Láctea em locais em que não haja muita iluminação artificial.; **b. V.**; **c. V.**; **d. F.** – A Via Láctea é uma galáxia espiral, pois as estrelas que a constituem encontram-se maioritariamente distribuídas ao longo de um disco, em enormes braços em espiral.; **e. V.**; **f. V.**; **g. F.** – Estudar a Via Láctea é uma tarefa difícil, uma vez que esta é apenas uma entre milhares de milhões de galáxias.

2.1. Introdução/abertura: 1.º parágrafo (ll. 1-17); **desenvolvimento:** 2.º a 5.º parágrafo (ll. 18-44); **conclusão/fecho:** 6.º parágrafo (ll. 45-49).

Pág. 25

2.2. 1. c.; 2. a; 3. b.

3.1. a. “*Se tivermos a sorte de desfrutar de uma noite de céu limpo de nuvens e sem a poluição luminosa dos grandes centros urbanos, poderemos detetar uma estreita faixa nebulosa que cruza o firmamento*” (ll. 1-3); **b.** “*A Via Láctea é assim considerada uma galáxia espiral, com um disco de raio igual a 50 mil anos-luz, encontrando-se o Sistema Solar a cerca de 25 000 anos-luz do centro da galáxia.*” (ll. 32-34).; **c.** “*Mas, da mesma forma que o Sol é uma estrela entre milhares de milhões existentes na Via Láctea, a nossa galáxia é uma em milhares de milhões de outras tantas galáxias.*” (ll. 45-47).

4.1. O autor transmite a sua subjetividade ao dar a entender que a Via Láctea é a galáxia em que os seres humanos habitam (visto que o Sol, centro do Sistema Solar em que se insere o planeta Terra, está incluído na Via Láctea). O autor encara – com um tom de orgulho – a Via Láctea como a galáxia que pertence aos seres humanos.

Pág.26

GRAMÁTICA

1. 1. Galáxia; 2. Estrela; 3. Cometa; 4. Supernova; 5. Ano-luz; 6. Constelação; 7. Halo; 8. Meteoro; 9. Satélite; 10. Planeta.

1.1. Nomes comuns contáveis coletivos.

1.2. A palavra “estrela” tem uma relação de hiperonímia em relação à palavra “supernova”. Esta, por sua vez, é hipónimo de “estrela”.

Pág. 27

Os conteúdos relativos aos tipos de texto encontram-se desenvolvidos nas seguintes fichas informativas:

- Ficha Informativa n.º 3 – Texto argumentativo (p. 45);
- Ficha Informativa n.º 5 – Texto narrativo (p. 72);
- Ficha Informativa n.º 8 – Texto descritivo (p. 108);
- Ficha Informativa n.º 21 – Texto conversacional (p. 264).

Relativamente ao texto expositivo e ao texto argumentativo, encontram-se disponíveis, no final do manual, duas oficinas de escrita:

- Oficina n.º 1 – Texto expositivo (p. 282);
- Oficina n.º 2 – Texto argumentativo (p. 285).

Pág. 28

PRÉ-LEITURA

1.1. É usual encontrar textos com esta apresentação em enciclopédias.

Pág. 29

LEITURA

1.1. G, B, A, F, D, E, H, I, C.

2.1. a. Descoberta dos centros de gravidade dos troncos de pirâmides, cones e outros sólidos geométricos; b. Descoberta de leis da Física e respetiva tradução matemática (leis da queda dos graves, lei do isocronismo do pêndulo); c. Invenção do telescópio; descobertas astronómicas (composição da Via Láctea, formato da Lua, rotação do Sol, existência de nebulosas, dos quatro satélites de Júpiter, das manchas do Sol, do planeta Saturno, das librações da Lua, das fases de Vénus...).

2.2. Algumas das descobertas de Galileu Galilei foram bem recebidas; outras, atacadas. Inicialmente, as suas descobertas científicas foram encorajadas pelo jesuíta Christoph Clavius; o mesmo não aconteceu com os estudos astronómicos publicados em *Siderius Nuncius*, que foram muito criticados por alguns astrónomos (tendo sido, no entanto, defendidos por Kepler). Mais tarde, as suas descobertas foram aprovadas com pequenas reservas pelos professores do Colégio Romano.

3. a. genérica; b. especializada; c. palavra; d. entrada; e. imagens; f. formal; g. objetiva; h. vocabulário.

3.1. Entrada – “Galileu Galilei” (I. 1); artigo – restante texto (II. 1-67).

Pág.30

GRAMÁTICA

1.1. prof./profs (truncação) – professor/professores; G. G. (abreviatura) – Galileu Galilei; etc. (abreviatura) – *et cetera* (empréstimo latino que significa *e outras coisas*).

2.1. a.; d.

2.1.1. a. “de estrelas”; b. “pelos astrónomos apegados às ideias de Ptolomeu”.

2.1.2. a. Estrelas compunham a Via Láctea.; d. Os astrónomos apegados às ideias de Ptolomeu atacaram fortemente estas observações.

TRABALHO DE PESQUISA / ESCRITA



Materiais de apoio ao professor

Grelha de avaliação da escrita disponível nos Recursos do Projeto.

Pág. 31

Os conteúdos relativos aos tipos de verbo e à distinção entre verbo e complexo verbal encontram-se sistematizados na Ficha Informativa n.º 6 – Verbo/Complexo verbal (p. 82).



PowerPoint® Didáticos

PowerPoint® Classes abertas de palavras disponível nos Recursos do Projeto.

No e-Manual Premium está disponível uma animação sobre as Classes abertas de palavras.

Pág. 32

Subclasses do advérbio (MCP, 8.º ano)

De acordo com as *Metas Curriculares de Português (Ensino Básico)*, as subclasses do advérbio cujo ensino-aprendizagem deve ser obrigatoriamente sistematizado no 8.º ano são , para além das lecionadas no 7.º ano, as seguintes: **de dúvida, de designação e relativo** (G8, 23, 1).



Flexão

Flexão nominal, adjetival e verbal disponível nos Recursos do Projeto.

Pág. 33

EXERCÍCIOS

1. **a.** prato (nome comum contável entre nomes comuns não contáveis); **b.** turma (nome comum contável coletivo entre nomes comuns contáveis); **c.** areia (nome comum entre nomes comuns coletivos).
2. **Adjetivo qualificativo** – incoerente, vaidoso, irresponsável, espantoso; **adjetivo relacional** – asiático, comercial, madeirense, estudantil, peninsular, urbano; **adjetivo numeral** – milésima, centésimo.
3. **1. d.; 2. f.; 3. a.; 4. e.; 5. b.; 6. c.**
4. Exemplos: **a.** Surpreendentemente, felizmente, infelizmente, estranhamente, incrivelmente, curiosamente...; **b.** Ontem, anteontem...; **c.** Até, também; **d.** Apenas, só, somente; **e.** como; **f.** talvez.
5. **a.** favor, favorecimento; **b.** favorecer; **c.** favorável, favorecedor, favorecido; **d.** escassez, escasseza; **e.** escasso; **f.** escassamente; **g.** abundar; **h.** abundante; **i.** abundantemente.

Pág. 34

PRÉ-LEITURA

- 1.1. 1.ª **fotografia:** Livraria Lello (Porto); 2.ª **fotografia:** Ascensor da Glória (Lisboa); 3.ª **fotografia:** Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra; 4.ª **fotografia:** Praça da Oliveira (Guimarães).

Pág. 36

LEITURA

- 1.1. Portugal encontra-se em “destaque” devido às suas cidades, que atraem milhões e que são objeto de notícia na imprensa internacional. (Os termos “joias”, “milhões” e “imprensa internacional” sugerem que o destaque é positivo.)
- 1.2. Embora o título seja explicitado pelo subtítulo, o subtítulo é ambíguo, no sentido em que não esclarece que tipo de “joias” e de “milhões” estão em causa.
- Nota:** Este subtítulo desempenha uma função semelhante à da **entrada** da reportagem, visto que apresenta um apontamento impressivo forte, emblemático do sentido do texto.
- 2.1. Portugal é um país que se tem destacado na imprensa internacional, em termos arquitetónicos e culturais.
- 3.1. Tradicionalmente, Portugal é conhecido pelo clima (o sol) e pela zona costeira (o mar).
- 3.2. *The Guardian:* Arte urbana de Lisboa; *graffiti;* Livraria Lello (Porto); *Travel+Leisure:* Estação ferroviária de S. Bento (Porto); *The Independent:* Compras em Lisboa; *The Daily Telegraph:* Rituais académicos, zona da Alta universitária e canção de Coimbra; património histórico de Évora; diversos museus; *The New York Times:* Guimarães como cidade cultural; *El País:* Museu de Arte Antiga de Lisboa.

- 4.1. Resposta pessoal.

Sugestão de resposta:

A frase “Mais um motivo de orgulho para Portugal.” pode ser encarada como uma conclusão, pois encerra o texto. Através de um apontamento impressivo e muito subjetivo, a repórter identifica o sentimento que está subjacente a toda a reportagem: o orgulho nacionalista.

5.1. Exemplos de resposta:

- a.** “saudável concorrência” (l. 36), “excelentes propostas” (l. 115); **b.** “dos melhores” (l. 19), “A [...] mais bela” (l. 40), “uma das mais belas” (ll. 42-43); **c.** “joias” (l. 1); **d.** “A revista compilou uma lista com 14 estruturas congêneres e escolheu S. Bento!” (ll. 28-30).
6. Resposta pessoal. **Sugestão de resposta:** Um outro “motivo de orgulho” nacional é a afabilidade e a capacidade de acolhimento dos portugueses aos estrangeiros.

GRAMÁTICA

1. **a.** As aspas duplas são usadas para delimitar o discurso citado.; **b.** As aspas simples são usadas para marcar o duplo sentido da palavra *olho* (que remete para o ato de ver e, simultaneamente, para o estar atento a algo – estar de olho).

Pág. 37

- 2.1. **Nomes:** Portugal, vez, país, charme, publicidade, gente, Mundo, fama, vez, destaque, imprensa, coleção, galardões, relevo, Lisboa, Coimbra, Évora, Porto, Guimarães, título, exemplo, cantos, Mundo, graças (**nota:** graças a é uma locução prepositiva), joias, eventos, modos; **adjetivos:** internacional, arquitetónicas, culturais, peculiares; **verbos:** é, precisa, atrair, ganha, chegam, viver; **advérbios:** mais, quase, mais, independentemente, só.

ORALIDADE

 Materiais vídeo

Anúncio publicitário “Acreditar em Portugal – não desistas” e respetiva transcrição disponíveis nos **Recursos do Projeto**.

1. Resposta pessoal.
 2. Pescador, investigador/cientista, bombeiro, carpinteiro (e também: formador/professor, aluno, cozinheiro, agricultor/engenheiro agrónomo e desportista).
 - 2.1. O intuito do anúncio é abranger, com estes exemplos tão diversos, toda a população do país.
 3. Os intervenientes apelam à esperança, à não desistência, à qualidade do trabalho, à capacidade de vencer os obstáculos diários.
 4. O anúncio é institucional, pois não visa promover um produto para fins comerciais, mas sim levar a cabo uma campanha para a mudança de comportamento e mentalidade da população.
 5. Resposta pessoal.
- Sugestão de resposta:** Este anúncio publicitário pretende promover a autoestima dos portugueses, dar-lhes ânimo para vencer a crise, mostrar que têm potencialidades e capacidade para as desenvolver, salientando os aspetos positivos do nosso país e o valor que tem a sua gente.

TRABALHO DE PESQUISA/ESCRITA

Sugere-se a seguinte metodologia:

1. *Brainstorming* e/ou discussão coletiva sobre as “joias” da região.
2. Sistematização dos dados apurados.
3. Seleção, por cada aluno, da “joia” em que se baseará a sua reportagem.
4. Recolha de informação sobre o tema.

5. Leitura e análise coletiva da nota informativa sobre a reportagem.
6. Planificação do texto a produzir.
7. Redação da reportagem.
8. Elaboração coletiva de um guião de avaliação da reportagem.
9. Revisão e reescrita (em documento informático) da reportagem, tendo em conta o guião.
10. Publicação da reportagem (em jornal, blogue...).



Material de apoio ao professor

Grelha de avaliação da escrita disponível nos Recursos do Projeto.

Pág. 38

PRÉ-LEITURA

- 1.1. Resposta pessoal.

Pág. 40

LEITURA

1.1. Nesta introdução, referem-se dados de natureza profissional (*“Escritor, documentarista, guia e cronista”* – ll. 1-2). Também se apresenta o tema que será abordado na entrevista – a viagem de Cadilhe e os projetos editoriais que daí resultaram (publicação do livro *Planisfério Pessoal* e reconstituição da obra *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto).

2.1. Exemplos de resposta: **a.** ... a sua escrita não se coadunasse com o nível do jornal *Expresso*, e, como tal, os seus serviços fossem dispensados.; **b.** ... o tempo da viagem foi prolongado (o que significa que o jornal *Expresso* apreciava os seus textos) e, ao regressar, uma editora quis publicar as suas crónicas num livro.; **c.** ... não poder recorrer ao transporte aéreo.; **d.** ... brinca com o significado do verbo *atravessar*, referindo que, num dos países que visitou, o que queria era atravessá-lo o mais depressa possível, ou seja, sair de lá.; **e.** ... o incentivaram a viajar.; **f.** ... para o fazer: precisa de ter um projeto que dê sentido à viagem.

- 3.1. Resposta pessoal.

4. As perguntas são apresentadas a negrito.

5. Ao nível da estrutura, a entrevista é constituída pelos seguintes elementos:

- **título** – acompanhado ou não de antetítulo e/ou subtítulo;
- **introdução/abertura** – breve apresentação do entrevistado, bem como das circunstâncias que motivaram a entrevista;
- **desenvolvimento/corpo da entrevista** – conjunto de perguntas e respostas, devidamente articuladas entre si;
- **conclusão/fecho** – comentário global das temáticas abordadas, síntese da(s) questão(ões) mais pertinente(s)... (nota: a entrevista a Gonçalo Cadilhe não apresenta conclusão).

Quanto à linguagem, deve usar-se um registo formal, adaptado ao entrevistado; o vocabulário deve ser claro e acessível, para que os leitores da entrevista o possam compreender.



Material projetáveis

Síntese das características da entrevista disponível nos Recursos do Projeto.

GRAMÁTICA

1. 1. d.; 2. f.; 3. a.; 4. a.; 5. b.; 6. d.; 7. c.; 8. d.; 9. e.

Pág. 41

OUTROS TEXTOS

- 1.1. C., B., A., E., D.

Em **C.** introduz-se o tema do texto – apresentação e caracterização de Tarzan; em **B.** retoma-se o tema do Tarzan e inicia-se o relato do episódio central do texto (relacionado com a compra de livros); em **A.** narra-se um episódio secundário (relacionado com a repulsa pela cebola), que se relaciona com o episódio principal (a compra de um livro do Tarzan); em **E.** termina-se a narração do episódio secundário; finalmente, em **D.** conclui-se o relato do episódio principal e remete-se para o título do texto.



Material vídeo

Vídeo “Gonçalo Cadilhe – o Tintim Português” (Sapo Cinema – jornalista Inês Gens Mendes) e respetiva transcrição disponíveis nos Recursos do Projeto.

Pág. 42

PRÉ-LEITURA

1. 1. Portugal continental; 2. Madeira; 3. Porto Santo; 4. São Miguel; 5. Santa Maria; 6. Terceira; 7. São Jorge; 8. Graciosa; 9. Pico; 10. Faial; 11. Flores; 12. Corvo.

Pág. 43

LEITURA

- 1.1. a. informação; b. turístico; c. roteiro; d. orientam; e. promovem.

1.2. Este texto destina-se a descrever os atrativos naturais e culturais da Madeira, de modo a levar os leitores a visitarem o arquipélago.

2.1. **Câmara de Lobos** – “típica vila piscatória” (l. 9); **Cabo Girão** – “o mais alto promontório da Europa e o segundo mais alto do Mundo” (ll. 10-11); **Curral das Freiras** – “uma das paisagens mais impressionantes da ilha” (l. 13); **Ponta do Sol/Calheta** – “zonas balneares” (l. 18); **Paul do Mar** – “as melhores ondas da Europa para surfar” (l. 21); **Porto Moniz** – “piscinas naturais” (l. 23); **São Vicente** – “Grutas e o Centro do Vulcanismo, o Núcleo Museológico – Rota da Cal”; “ruelas da simpática vila” (ll. 26-27); **Encumeada** – “luxuriante vegetação da floresta Laurissilva” (l. 29); **Santana** – “casas típicas”, “Parque Temático”; “zona das Queimadas” (ll. 31-32); **Canico** – “vista para as Ilhas Desertas” (ll. 34-35); **Funchal** – “o mais importante centro comercial, turístico e cultural [...] da Madeira” (ll. 38-39); com ruas “ladeadas por bonitas casas.” (l. 41).

3.1. As formas verbais que dão ao roteiro um carácter instrucional são “Descubra” (título, l. 40), “Parta” (l. 2), “siga” (ll. 17, 22), “retempere” (l. 22), “(não) perca” (l. 34),

“Deixe-se encantar” (l. 37), “aproveite” (l. 43).

3.2. Usam-se como argumentos as potencialidades paisagísticas e culturais da ilha: ao longo do texto, enumeram-se as belezas naturais e as paisagens deslumbrantes da ilha, as vilas típicas, os locais propícios à cultura, ao lazer e à diversão.

3.2.1. a. Neste título, recorre-se a uma linguagem apelativa e sedutora: a frase é de tipo imperativo e usa-se a metáfora (“ilha encantada”) para realçar a beleza e o encanto da ilha, comparável aos locais descritos nos contos de fadas.; **b.** Nesta frase, recorre-se, com intuito argumentativo, à frase de tipo imperativo, à metáfora (“jardim flutuante”) e à repetição de sons (aliteração de sons nasais), realçando-se a beleza e o encanto da ilha (famosa pela quantidade de flores que nela existem).

4.1. O negrito é uma forma de destaque que, no roteiro, realça os locais e os principais motivos de interesse da ilha; assim, quem fizer uma leitura pouco atenta do texto irá, pelo menos, reter a informação destacada.

Pág. 44

GRAMÁTICA

1. As duas formas verbais encontram-se no presente do conjuntivo que, neste caso, tem um valor exortativo (imperativo).

1.1. a. Perca, percas, perca, percamos, percais, percam; **b.** Descubra, descubras, descubra, descubramos, descubrais, descubram.

2. Exemplo de resposta: **a.** “arquipélago” (l. 5); **b.** “beleza” (l. 2); **c.** “Madeira” (l. 1); **d.** “pequena” (l. 1); **e.** “balneares” (l. 18); **f.** “é” (l. 1); **g.** “mais” (l. 10); **h.** “naturalmente” (l. 24).

3. a. Grau superlativo relativo de superioridade do adjetivo *alta*; **b.** Grau superlativo relativo de superioridade do adjetivo *bom*; **c.** Grau normal do adjetivo *luxuriante*; **d.** Grau superlativo absoluto sintético do adjetivo *belo*.

ORALIDADE

Materiais áudio

Excerto radiofónico “A Lenda de Machico”, da Antena 1 e respetiva transcrição disponíveis nos Recursos do Projeto.

Pré-escuta

1.1. a. fantasiosos; **b.** tempo; **c.** locais.

Escuta

2. a. F. – O povoamento da Madeira ocorreu no ano de 1420.; **b. V.**; **c. F.** – Os dois jovens procuraram França para se exilarem.; **d. V.**; **e. V.**

Pós-escuta

3. Exemplo de resposta: Balsamão, Costa da Caparica, Odemira, Caldelas, Gardunha, Montechoro, Olhão...

3.1. Resposta pessoal.

Pág. 46

PRÉ-LEITURA

Materiais vídeo

Vídeo “Viajar à boleia de Tintim” (Sapo Cinema – jornalistas Inês Gens Mendes e Rita Afonso) e respetiva transcrição disponíveis nos Recursos do Projeto.

1.1. a. V.; **b. V.**; **c. F.** – Os itinerários baseados nas histórias de Tintim são o Egito, a Índia e a Jordânia.; **d. F.** – Os tintinologistas são especialistas na obra de Hergé.; **e. F.** – Os turistas deslocar-se-ão de camelo, ríquexó, elefante e cavalo, entre outros meios de transporte.; **f. F.** – Há tintinófilos dos 7 aos 77 anos.

Pág. 47

PRÉ-LEITURA (p. 46)

2. O vídeo apresenta uma iniciativa de uma agência de viagens, que organiza férias ao estilo de Tintim. São três os percursos de viagens: Egito, Índia e Jordânia. Estes percursos baseiam-se nos livros de Tintim e permitem o reviver das histórias de Hergé, tendo um significado especial quer para os fãs de Tintim quer para quem pretende viajar de forma diferente.

LEITURA

1. a. ll. 1-8; **b. ll. 9 -22;** **c.** Transmitem-se informações sobre o filme e apresentam-se apreciações pessoais, fundamentando-as com argumentos.; **d. ll. 23-25;** **e.** Faz-se uma apreciação final do filme, questionando a forma como este será recebido pelo público.

2.1. Hergé decidiu deixar de criar histórias novas com Tintim em 1976. Todavia, 35 anos depois, a personagem surge novamente como protagonista de um filme, como se tivesse “ressuscitado” – ou como se tivesse ganho “uma segunda vida”.

3. Os aspetos valorizados no filme são o ritmo da ação, a aventura, o enredo, os “elementos ‘lúdicos’” e de entretenimento, do sonho à evasão, e do dramático ao cómico”. Quanto aos aspetos menos bem conseguidos, Carlos Pessoa considera que algumas personagens e situações são desinteressantes e/ou estranhas.

4.1. a. Tom apreciativo; **b.** Tom depreciativo.

4.1.1. A classe do adjetivo (qualificativo) é a que mais contribui para marcar o tom apreciativo/depreciativo.

5.1. Resposta pessoal.

Sugestão de resposta: O cartaz adequa-se ao filme pois tem imagens que apelam à aventura (avião, barco e globo terrestre), transmitindo a ideia de um filme cheio de ação.

Materiais projetáveis

Cartaz do filme *As Aventuras de Tintim – O Segredo do Licorne* disponível nos Recursos do Projeto.

6. a. Texto de carácter argumentativo; **b.** Texto marcado pela subjetividade; **c.** Linguagem valorativa (apreciativa e/ou depreciativa).

GRAMÁTICA

1. a. Hergé; **b.** A “grande tribo” da BD europeia.

2. a.

2.1. Sinónimia.

Outros textos

Excertos de dois textos sobre Tintim (“Qualidades morais de Tintim são necessárias hoje”; “Tintim é um herói do catolicismo, segundo o Vaticano”) disponíveis nos Recursos do Projeto.

Pág. 48

PRÉ-LEITURA

1.1. O texto publicitário é misto, uma vez que é constituído por texto icónico (imagem) e texto verbal.



Materiais projetáveis

Síntese das características da publicidade disponível nos Recursos do Projeto.

LEITURA

1. a. visitar o Oceanário; b. anfíbio; c. Oceanário; d. *Mais um grande motivo para visitar o Oceanário*. e. *slogan*; f. texto argumentativo; g. Oceanário de Lisboa; h. adjetivos; i. fascinantes; j. frágeis; k. Venha; l. descubra.

Pág. 49

1.1. Um anúncio publicitário é um texto de carácter apelativo, que pretende convencer o destinatário a adquirir determinado produto ou, neste caso, a ter determinado comportamento. É constituído, entre outros elementos, por um texto verbal (em que se destacam o *slogan* e outros blocos textuais de natureza argumentativa) e por um texto icónico (imagem). A linguagem utilizada tem um pendor argumentativo muito forte (destacando-se os adjetivos valorativos e as formas verbais com valor imperativo/exortativo).

GRAMÁTICA

1.1. -ário.

1.1.1. Local onde se guarda ou armazena algo.

1.1.2. Aquário, herbário, herbanário, vestiário, relicário, santuário, armário, imaginário...

1.2. a. Galinheiro, tinteiro, cinzeiro...; b. Covil, canil...; c. Tesouraria, leitaria, vacaria, pizaria, padaria, livraria...

ESCRITA

Sugere-se a seguinte metodologia de trabalho:

1. Leitura do exercício.

2. Análise coletiva da imagem apresentada em 1.1..

Sugestão de tópicos a abordar:

- Que objeto(s) se encontra(m) destaca- do(s) na imagem?
 - Em que ambiente/situação se encontram esses objetos?
 - Os objetos representados apresentam semelhanças com outras realidades (animais, plantas...)?
 - Que produto/entidade institucional poderia ser anunciado(a) através desta imagem?
3. Sistematização oral das características estruturais e linguísticas do anúncio publicitário.
4. Planificação e produção (em trabalho de pares) de um anúncio publicitário de tipo institucional.
5. Heterorrevisão (cada par de alunos revê o anúncio publicitário produzido por outro par de alunos, comentando-o por escrito e sugerindo alterações).
6. Aperfeiçoamento do anúncio publicitário, tendo em conta a heterorrevisão.



Materiais projetáveis

7. Análise do anúncio publicitário original – Anúncio publicitário “Dia da Terra”, disponível nos Recursos do Projeto.

8. Afixação, num placard, do anúncio original e dos anúncios produzidos pelos alunos.

Pág. 50

PRÉ-LEITURA

1.1. **Sugestão de resposta:** O tema estará relacionado com a televisão, já que o título faz referência à ideia de um telecomando.

LEITURA (p. 51)

1.1. 1.º parágrafo: Na juventude de Halpern, não havia telecomandos. Ele próprio era o “telecomando” da família, levantando-se para mudar de canal sempre que os irmãos queriam. Só havia dois canais, na altura. A sua agilidade em mudar de canal foi repreendida pelo avô, que dizia que aquilo avariava o aparelho.

2.º parágrafo: O telecomando surgiu, assim como mais canais de televisão. O chefe de família detinha o comando, pois este era considerado um instrumento de poder. Fazer *zapping* tornou-se habitual, permitindo a visualização de vários canais em simultâneo.

3.º parágrafo: O facto de ser impossível ver televisão ao lado de um *zapper* foi o provável motivo pelo qual as famílias passaram a ter mais do que um televisor em casa. Isso promoveu o isolamento dos membros da família relativamente a uma atividade que, no início, era coletiva.

Pág. 51

4.º parágrafo: Atualmente os canais são tantos que as pessoas perderam o interesse e veem sempre os mesmos. Outras formas de distração, surgidas por meio da *Internet*, afastaram as novas gerações do ecrã do televisor.

2.1. a. Halpern refere, recorrendo à metáfora e à ironia, que, quando era criança, não havia telecomandos; como era o mais novo, tinha de ser ele a levantar-se e a mudar de canal. O autor critica, brincando, a “exploração” de que era alvo.; b. Recorrendo a um aparte (delimitado por parênteses), Halpern critica o uso excessivo de empréstimos de origem inglesa.; c. Através da enumeração e do recurso propositado aos empréstimos, Halpern critica os atuais interesses dos jovens, que os isolam do convívio familiar, repreendendo ainda os “downloads ilegais” (que são feitos descontraidamente, como se não fossem atos criminosos).

3. Entre os avanços tecnológicos associados ao consumo de televisão e a união familiar estabelece-se uma relação de contraste/oposição: à medida que a tecnologia se desenvolve, a união familiar diminui. Como se refere no último parágrafo, os avanços da tecnologia conduzem à dispersão e à desagregação dos membros da família.

4. Resposta pessoal.

Sugestão de resposta: O título “Telecomanda-te” relaciona-se com o nome *telecomando* – que pode ser encarado como o símbolo do consumo passivo de televisão – e com o verbo *telecomandar*, verbo transitivo que significa *guiar ou dirigir à distância (aviões, projéteis, etc.) através de sistema adequado*, mas que, no texto, é usado pronominalmente, incitando o leitor a uma atitude ativa e crítica, no que concerne ao consumo de televisão.

5.1. O texto “Telecomanda-te” é um artigo de opinião, pois não se refere a um assunto marcante da atualidade, mas sim a uma questão atual que envolve a sociedade. Para além disso, é assinado por Manuel Halpern, um jornalista e crítico de música e cinema.

GRAMÁTICA

1. a. *zapping*, *offside*, *stress*, *zappers*, *facebook*, *youtube*, *downloads*; b. RTP.

1.1. a. *zapping*: ato de mudar de canal de televisão consecutiva e rapidamente através de um comando à distância; *offside* – fora de jogo; *stress* – tensão, pressão; *zapper* – aquele que faz *zapping*; *facebook* – rede social na *Internet*; *youtube* – sítio da *Internet* onde se partilham vídeos; *download* – transferência de ficheiros de um computador remoto para outro computador; b. RTP – Rádio e Televisão Portuguesa.

Pág. 52

OUTROS TEXTOS / ORALIDADE

1. Resposta pessoal.

Sugestão de tópicos a abordar:

a. Na primeira sequência, observamos crianças a cantar e a brincar em conjunto. Na segunda, deparamo-nos com um grupo de meninos a ver televisão. Por fim, na terceira, as crianças, totalmente isoladas, entretêm-se em vários computadores.; b. Na primeira situação, as crianças divertem-se, de forma salutar e convivendo ao ar livre, tendo um crescimento saudável. Na segunda situação, veem passivamente televisão – cuja invenção foi sem dúvida muito positiva, dado que nos permite aceder facilmente à informação. Na terceira situação, o grupo está rendido às novas tecnologias – se, por um lado, o domínio destas é essencial, por outro, o seu consumo excessivo provoca o isolamento e não facilita o contacto interpessoal.; c. No número 4, poder-se-ia desenhar várias crianças isoladas a enviar SMS ou com auriculares, a ouvir música.; d. Tanto o texto como o *cartoon* remetem para a forma como as pessoas interagem com o avanço das tecnologias e como este modifica o seu dia a dia.



Materiais projetáveis

Informação sobre “Como fazer uma apresentação oral” disponível nos Recursos do Projeto.



Materiais de apoio ao professor

Grelha de avaliação da oralidade disponível nos Recursos do Projeto.

OUTRAS ATIVIDADES

1.2. a. outubro de 2009; b. outubro de 2011; c. junho de 2011; d. RTP2; e. RTP1; f. 25%.

Pág. 53



PowerPoint® Didáticos

PowerPoint® Classes fechadas de palavras disponível nos Recursos do Projeto.

No e-Manual Premium está disponível uma animação sobre as Classes fechadas de palavras.

Pág. 54

Nota: Embora, nas *Metas Curriculares de Português (Ensino Básico)*, não esteja prevista a abordagem do quantificador no 8.º ano de escolaridade, as autoras optaram por incluir nesta ficha informativa as subclasses do quantificador listadas no *Dicionário Terminológico*. Até ao 7.º ano, as MCP preveem o estudo apenas do quantificador numeral, não sendo esta classe de palavras retomada até ao final do 3.º ciclo. Como tal, e por considerarem que se trata de conteúdos acessíveis e fundamentais para o ano em causa, são apresentadas estas informações adicionais acerca do quantificador.

Pág. 55

EXERCÍCIOS

1.1. b.

1.2. a.

2. O – determinante artigo definido; em – preposição; que – pronome relativo; antes de – locução prepositiva; a – pronome pessoal; Certo – determinante indefinido; seu – determinante possessivo; que – pronome relativo; o – pronome pessoal; alguém – pronome indefinido; algumas – quantificador existencial; à – preposição (a) contraída com determinante artigo definido; se – pronome pessoal; pelo – preposição (por) contraída com determinante artigo definido; aquela – determinante demonstrativo; cuja – determinante relativo.

2.1. que (l. 2) – o imperador Shen Nong; a (l. 2) – a água (l. 2); que (l. 3) – a comitiva; o (l. 3) – o imperador Shen Nong; se (l. 5) – Shen Nong.

Pág. 56

PRÉ-LEITURA

1.1. Resposta pessoal.

Sugestão de resposta:

O *cartoon* é um texto constituído por imagem (elemento obrigatório) e texto verbal (elemento opcional); tem carácter humorístico e intenção crítica.

1.2. O autor deste *cartoon* é Luís Afonso (cf. assinatura, no canto inferior direito).

LEITURA

1. As personagens são um *barman* e outro funcionário do bar. Encontram-se atrás do balcão de um bar.

1.1. O tema abordado pelas personagens é a indecisão de inúmeros eleitores quanto ao partido em que votar.

2. O humor e a intenção crítica residem no facto de os indecisos estarem em maioria relativamente aos que, já esclarecidos, formaram uma opinião.

3. Resposta pessoal.

Sugestão de resposta: A questão política é um tema importante, na medida em que todos devem expressar a sua opinião, votando e contribuindo civicamente para as decisões a serem tomadas no país. A indecisão pode levar à abstenção, que é sempre negativa.

4. a. humor; b. ideias; c. sociais; d. imagens; e. legendas; f. jornais.

Pág. 57

GRAMÁTICA

1. a. "indecisos", "partido", "maneira"; b. "maioritário"; c. "não"; d. "claramente"; e. "porque"; f. "o", "se".
2. "constituíssem" – 3.ª pessoa do plural do pretérito imperfeito do conjuntivo do verbo *constituir*; "seria" – 3.ª pessoa do singular do condicional do verbo *ser*; "constituem" – 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo do verbo *constituir*; "há" – 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *haver*; "decidirem" – 3.ª pessoa do plural do infinitivo pessoal do verbo *decidir*.
3. "Se os indecisos constituíssem um partido... seria claramente maioritário" – frase de tipo declarativo; "E porque não o constituem?" – frase de tipo interrogativo; "Não há maneira de se decidirem!..." – frase de tipo exclamativo.

Pág. 58

OUTROS TEXTOS

- 1.1. O humor gráfico pretende fazer rir e levar o leitor "à reflexão sobre diversas questões políticas e sociais" (ll. 1-2).
1.2.1. Luís Afonso nasceu em Aljustrel e vive em Serpa. É licenciado em Geografia. Em termos profissionais, é *cartoonista*.
1.3.1. a. V.; b. F. – Luís Afonso confronta as várias versões de um facto.; c. F. – Luís Afonso pesquisa os factos por sistema, e não apenas quando a situação o exige.; d. F. – Na perspetiva deste *cartoonista*, no *cartoon* há mais "liberdade de crítica e de opinião" do que na notícia.
1.4.1. c.
1.5. O artista inspira-se nos temas da atualidade nacional e internacional.
1.5.1. Atualmente, vivem-se tempos algo agitados e conturbados, daí que o *cartoonista* considere que várias situações poderiam ser satirizadas nos seus *cartoons* diários.

Pág. 59

PRÉ-LEITURA

- 1.1. *Sugestão de resposta:* Jornais, impressos ou *online* (área dos Classificados), Centros de Emprego, *Internet* (sítios específicos), supermercados (áreas específicas)...

Pág. 61

LEITURA

1. a. de Jornalismo e Comunicação; b. m/f; c. resposta; d. formal; e. *Europass*.
2. a. Federação multidesportiva; b. André Alecrim; c. Empresa empregadora; d. Candidato a emprego; e. Possíveis candidatos a emprego; f. Federação multidesportiva que publicou a oferta de emprego; g. Responder à oferta de emprego da federação multidesportiva; h. Apresentar à federação multidesportiva que publicou a oferta de emprego o perfil pessoal, profissional e educacional do candidato; i. Jornal (papel ou *online*); j. Papel ou documento digital; k. Empresarial; l. Empresarial.

Pág. 62

ORALIDADE



Materiais vídeo

Curriculum vitae em suporte visual disponível nos Recursos do Projeto.

Nota: Dado que, atualmente, o currículo é um género textual que pode ser construído segundo vários modelos (de que o modelo *Europass* é um exemplo) e modalidades/formatos (escritos, digitais...), apresenta-se nesta rubrica um currículo original, em formato digital. Pretende-se, com este recurso, levar os alunos a analisarem comparativamente currículos tradicionais e currículos com maior grau de originalidade.

Pré-visionamento

- 1.1. Resposta pessoal.

Exemplos de tópicos de resposta:

- **Vantagem:** por se tratar de um modelo uniformizado, é fácil de construir e permite uma consulta fácil e rápida;
– **Desvantagem:** por se tratar de um modelo uniformizado, não valoriza a expressão da personalidade do candidato.

Visionamento

- 2.1. O *curriculum vitae* baseia-se no conhecido jogo *Quem é Quem*. Tal como acontece no jogo original, há um tabuleiro com diversas figuras mas, neste caso, trata-se de figuras públicas. À medida que vão sendo apresentadas perguntas (que, neste caso, focam aspetos do perfil psicológico), as personagens vão sendo derrubadas, por não possuírem os traços em causa. A personagem vencedora, que cumpre todos os requisitos referidos, é o próprio candidato (a única figura que não é conhecida do grande público).
2.2. A informação apresentada é predominantemente subjetiva, na medida em que se apresenta um ponto de vista pessoal acerca do perfil de personalidades públicas.
2.3. As intencionalidades comunicativas que se destacam são o informar (subjetivamente), o persuadir/convencer através da demonstração de espírito crítico, de criatividade e de humor.

Pós-visionamento

3. Resposta pessoal.

Sugestão de tópicos a abordar: Currículo criativo e bem humorado, que se baseia na comparação entre as qualidades do candidato a emprego e os defeitos de figuras públicas.

OUTROS TEXTOS / ESCRITA / ORALIDADE

- 1.1. Resposta pessoal.

Pág. 65

1. Explorador inglês – à esquerda do lago; velho com cana de pesca – canto superior direito da ilustração; porco a ouvir música – atrás da barraca às riscas vermelhas; árabe – na parte de baixo da ilustração da página da esquerda.

2.1. No poema, o sujeito poético refere-se à magia e à frescura das histórias de fadas, duendes e príncipes que ouviu contar ou que imaginava quando era criança.

Pág. 66

1.1. Chave: P = página; T = título; L = linha; p = palavra.

Provérbio: *De livro fechado não sai letrado.*

Pista n.º 1 – matrícula do carro: Página 67 do manual, Título, palavra 3 – *De*

Pista n.º 2 – cartaz publicitário: Página 18 do manual, Linha 12 do texto, palavra 9 – *livro*

Pista n.º 3 – Poste de iluminação: Página 242 do manual, Linha 23 do texto, palavra 11 – *não*

Pista n.º 4 – anúncio luminoso: Página 218 do manual, Linha 14 do texto, palavra 1 – *sai*

1.2. O provérbio significa que quem não abre os livros para estudar ou ler nunca será uma pessoa instruída.

Pág. 67

Informação sobre a obra *Aventuras de Huckleberry Finn*, de Mark Twain:

Fugindo ao pai bêbedo, após ter simulado habilmente o seu próprio rapto e morte, Huck Finn, na companhia do escravo negro Jim, volta ao Mississípi. Rio abaixo, rio acima, numa frágil jangada, as aventuras sucedem-se umas às outras num ritmo vertiginoso e imparável. Por todo o lado por onde vai passando conhece pessoas cheias de vícios e manhas que o fascinam mas não o confundem.

Excerto da contracapa do livro

PRÉ-LEITURA

1.1. Tom Sawyer é um rapaz que vive junto ao rio e que gosta do ar livre. Como qualquer criança, é feliz e tem muitos amigos prontos a partilhar com ele várias aventuras.

Sugestão: Poderá dar a ouvir aos alunos a música do genérico da série, que se encontra disponível em http://www.youtube.com/watch?v=_zBgPhsxfhl (consult. em 23-09-2013).

 Materiais áudio

– Canção “Tom Sawyer” interpretada pelos Anaquim disponível nos **Recursos do Projeto**.

– Leitura expressiva do texto disponível nos **Recursos do Projeto**.

Pág. 70

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

1.1. **a.** A “*Quadrilha de Tom Sawyer*” é constituída por um grupo de crianças que acabou de a formar.; **b.** Todos os elementos da quadrilha assinam com sangue o seu juramento.; **c.** O objetivo da quadrilha é assaltar diligências e matar pessoas.; **d.** Tom diz que a maioria dos autores recomenda que se matem os prisioneiros.; **e.** O rapaz que interpela Tom por diversas vezes chama-se Ben Rogers.; **f.** Tom dá cinco cêntimos a Tommy Barnes “*para o calar*”, ou seja, para o subornar.; **g.** O primeiro assalto não fica com data marcada, sendo preciso fazer uma nova reunião para o efeito.

h. O narrador desta história é homodiegético (intervém na ação como personagem secundária, não como protagonista – ll. 61-66).

2.1. A definição não é adequada, pois *resgatar* uma pessoa que foi feita prisioneira significa *libertá-la*.

2.2. Ben Rogers utiliza a palavra *resgatar* com o sentido de *matar*.

3.1. **Contra-argumento de Tom Sawyer:** Os prisioneiros não fugirão, pois serão vigiados (ll. 36-37).

Argumento de Ben Rogers: Devido ao trabalho que dão, em termos de vigilância, os prisioneiros devem ser mortos à chegada (ll. 38-40).

Argumento de Tom Sawyer: Segundo os livros de referência, as mulheres devem ser tratadas delicadamente e não mortas (ll. 47-50).

3.2. Tom Sawyer apresenta um carácter idealista, tendo como referência as histórias de bandidos que leu nos livros e à volta das quais criou uma certa fantasia; para além disso, assume o comando do pequeno grupo, tendo sempre ideias e respostas para tudo. Ben Rogers parece ser mais prático e raciocina mais friamente, contrapondo às ideias de Tom argumentos muito válidos.

4.1. O grupo não consegue chegar a um consenso quanto à data para começarem os assaltos: Ben Rogers afirma que só pode sair ao domingo, mas as outras crianças consideram que é pecado trabalhar nesse dia.

Pág. 71

5.1. O carácter cómico é evidente na forma ingénua como os vários elementos da quadrilha se comportam; a prová-lo está, por exemplo, o facto de nenhum dos rapazes conhecer o significado da palavra *resgate*, a forma como Tom aceita acriticamente o que vem descrito nos livros sobre o tema ou o episódio final – em que Tommy revela toda a sua afetividade ao querer voltar para casa, para o aconchego da “*mamã*”, e em que Tom o suborna com intuito de o dissuadir.

Por outro lado, o comportamento dos rapazes, se bem que cheio de inocência, não deixa de ser censurável – na medida em que o objetivo inicial da quadrilha é “*roubar e matar*”.

GRAMÁTICA

1. “*Subtrair*” (l. 11), “*larapiar*” (l. 12) e “*Assaltamos*” (l. 13).

1.1. Embora todos os termos tenham, na sua essência, o significado de *roubar*, há cambiantes de sentido que os diferenciam: *subtrair* significa que o ato de roubar é feito às escondidas, com astúcia e subtilidade; *assaltar* implica o roubo pela força, com violência, surpreendendo as suas vítimas pela rápida investida do ataque; *larapiar* é uma forma informal de referir o próprio ato de roubar.

Nota: De acordo com o *Dicionário Terminológico*, “Considera-se que a sinonímia é quase sempre parcial, e não total, uma vez que não se atestam casos em que duas palavras possam ser utilizadas exatamente nos mesmos contextos e em todos os registos” (“Sinonímia” in *O que muda no ensino do português – Dicionário Terminológico*, Porto Editora, 2011).

2.1. **a.**; 2.2. **b.**; 2.3. **c.**; 2.4. **c.**

3. **a.** Palavra aguda (ou oxítona); **b.** Palavra esdrúxula (ou proparoxítona); **c.** Palavra grave (ou paroxítona).

Pág. 72

MODOS DE REPRESENTAÇÃO DO DISCURSO

Narração, descrição, diálogo e monólogo são processos de enunciação que não são exclusivos do texto narrativo. Com efeito, de acordo com o *Dicionário Terminológico*, o diálogo é uma unidade formal estruturante não só dos textos narrativos como também dos textos dramáticos (excluindo o monólogo dramático), podendo ocorrer também em textos líricos com uma dimensão narrativa relevante; por seu turno, o monólogo pode ocorrer em textos narrativos, dramáticos e líricos. Narração, descrição, diálogo e monólogo podem ainda estar presentes em textos de carácter não literário.

TEXTOS NARRATIVOS

Consideram-se textos narrativos aqueles em que há predominância de sequências textuais narrativas e ocorrência das formas linguísticas próprias do modo narrativo (ou narração).

Há géneros textuais predominantemente narrativos (conto, novela, romance, biografia, autobiografia, memórias, fábula, lenda...); no entanto, há frequentemente sequências narrativas em muitos textos de outros géneros como, por exemplo, reportagens, relatórios, debates e textos de manuais escolares.

O termo *narrativa* é frequentemente usado como equivalente de texto narrativo (por exemplo, quando o *Programa* fala de narrativas policiais, de ficção científica, da literatura portuguesa ou da literatura dos países de língua oficial portuguesa). Noutros casos, aproxima-se do modo narrativo ou narração.

O *Dicionário de Narratologia*, da autoria de Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, evidencia estes mesmos aspetos.

Pág. 74

Informação sobre a obra *Pezinhos de Coentrada*, de Alice Vieira:

Não gostam de pezinhos de coentrada? Bom, também não interessa pois este livro nada tem a ver com culinária. É verdade que fala de tostas mistas, *ketchup*, hambúrgueres e queijo, muito queijo..., mas também podemos aqui encontrar o Elton John, a Verónica Lake e o Leonardo di Caprio. Cruzamo-nos com taxistas e floristas, juizes e réus, carteiros e jornalistas. Percorremos as mais bonitas cidades europeias. Encontramos referências a teatro, cinema e música. Tropeçamos em escolas e entramos no universo mágico das crianças. Experimentamos namoriscos, paixões e também algumas raivas. E até somos surpreendidos com o ingrato papel da colher de inox!

Pezinhos de Coentrada são, na prática, pequenas e belas histórias que constituem o quotidiano de qualquer um de nós. Pequenas histórias escritas com o humor, a sensibilidade e a magia a que Alice Vieira nos habituou.

Da contracapa do livro

PRÉ-LEITURA

1.1. Resposta pessoal.

Pág. 76

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

1. Sugestão de resposta:

a. ...sentimentos de estranheza e incredulidade.; **b.** ...não ter computador em casa nem acesso à *Internet*.; **c.** ...considerava que escrever cartas era uma “seca” e preferia enviar SMS.; **d.** ...que esta lhe escrevesse uma carta ou um postal.; **e.** ...levá-la a interessar-se pelo meio tradicional de comunicação escrita, as cartas.; **f.** ...a Teresa se rir dela à frente de todos ao vê-la colocar uma carta na caixa do correio e fizera troça, perguntando-lhe se ainda usava penas de pato para escrever.; **g.** ...o gosto de preservar as recordações das pessoas por quem sentia (ou já tinha sentido) afeto.; **h.** ...escolher a caneta com o aparo mais macio, as cargas de tinta e “*toda a parafernália necessária como se, de repente, fosse começar uma profissão nova*” (ll. 33-34).

2.1. O filho riu-se porque sabia qual era o motivo que estava na origem do súbito interesse de Leonor pelas cartas: a rapariga estava apaixonada pelo carteiro e queria que ele fosse a sua casa entregar o correio para o ver.

3. A suspeita da avó não é confirmada. De facto, precipitadamente, a avó pensava que o pai não dava atenção à filha, mas verificou-se exatamente o contrário. O pai estava atento e sabia por que motivo a filha queria que lhe escrevessem.

4.1. Para a avó de Leonor, as cartas tinham uma função: unir as pessoas por laços de afeto. Este ponto de vista está em consonância com a sua reação face ao motivo por que a neta queria que lhe escrevassem cartas: a avó ficou contente e até teve vontade de escrever ao carteiro para lhe agradecer o facto de este levar a neta a querer receber cartas. Por outro lado, já podia comprovar a utilidade das cartas.

GRAMÁTICA

1. a. tem mantido; **b.** servirão; **c.** predispusse; **d.** resplandeceria; **e.** vier.

2. a. Por mais cartas que recebesse, a avó tê-las-ia guardado todas.; **b.** A avó já escreveu duas cartas à neta, mas ainda não lhas enviou.; **c.** A avó ficou com vontade de contactar o carteiro e de lhe agradecer a ajuda que ele lhe deu relativamente à neta.

Pág. 77

ESCRITA

O professor poderá desenvolver a atividade, recorrendo à seguinte metodologia:

Preparação/motivação

1. Apresentar à turma a atividade de escrita a desenvolver.
2. Solicitar aos alunos que escrevam, num pequeno papel, o seu nome e morada completa.
3. Pedir a cada aluno que tire um papel e o guarde sigilosamente.
4. Relembrar, oralmente, as três etapas da escrita: planificação, textualização e revisão.

Planificação

5. Pedir aos alunos que planifiquem o texto a redigir:
 - refletindo sobre o contexto de produção da carta (emissor, destinatário, objetivo da carta);
 - esquematizando a estrutura da carta (data e local, saudação inicial, corpo da carta, despedida, assinatura) e os tópicos/assuntos a desenvolver ao longo da carta.
6. Acompanhar os alunos no processo de planificação (individual ou coletivamente).

Textualização

7. Deslocar-se pela sala de aula, auxiliando os alunos na redação das cartas, chamando a atenção para a planificação anteriormente feita.

Revisão

8. Solicitar aos alunos que tenham em consideração as instruções que foi dando e que corrijam os textos redigidos.
9. Sensibilizar os alunos para que transcrevam a carta para um papel adequado, com uma caligrafia cuidada.
10. Orientar os alunos para que coloquem a carta dentro de um sobrescrito, o selem e enviem para o colega em causa. [Se preferir, o professor poderá levar já os envelopes selados ou ainda simular a selagem e a entrega da correspondência.]

Divulgação

11. Depois de rececionadas, as cartas poderão ser lidas e apreciadas em sala de aula.



Materiais de apoio ao professor

Grelha de avaliação da escrita disponível nos Recursos do Projeto.

Sugestão:

Esta atividade também potencia a exploração da filatelia, já que poderão ser analisados os selos e seus temas.

Pág. 78

OUTROS TEXTOS / ORALIDADE

Relativamente à orientação do debate, sugere-se a seguinte metodologia:

Preparação

1. Apresentar à turma a atividade a desenvolver.
2. Solicitar aos alunos que leiam o artigo jornalístico, sintetizando no seu caderno a informação mais relevante em relação ao livro impresso e ao livro digital:
 - **livro impresso:** aumento do número de livros expostos e novas publicações na Feira em relação ao ano anterior; conservadorismo dos hábitos dos leitores;
 - **livro digital:** sociedade em mudança (cf. possibilidade de, dentro de 10 anos, este substituir o livro impresso).
3. Pedir aos alunos que planifiquem a sua intervenção no debate, fazendo uma lista de argumentos a favor do ponto de vista a defender e de contra-argumentos em relação ao ponto de vista adversário (recorrendo a factos, hipóteses e exemplos).

Execução

4. Dispor a sala de forma adequada à realização de um debate.
5. Relembrar aos participantes no debate a função de cada um:
 - o moderador deve apresentar o tema do debate, orientá-lo e, no final, sintetizar os principais aspetos abordados;
 - os participantes no debate devem apresentar e fundamentar os seus pontos de vista, contra-argumentando em relação aos pontos de vista dos adversários e respeitando os princípios de interação discursiva.

Avaliação

6. Promover a auto e heteroavaliação do debate, incidindo em aspetos como a qualidade dos argumentos e contra-argumentos utilizados, as estratégias de persuasão usadas, o respeito pelos princípios de interação discursiva...



Materiais de apoio ao professor

Grelha de avaliação da oralidade disponível nos Recursos do Projeto.

Pág. 79

Informação sobre a obra *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes:

Um pequeno fidalgo de La Mancha, Dom Quixote, dedica-se com tal empenho à leitura de romances de cavalaria, que perde a razão, passando a acreditar que as histórias que lê são reais. Assim, toma a decisão de se tornar um cavaleiro andante. Na companhia de Sancho Pança, o seu criado e fiel companheiro que tem uma visão realista do mundo, o idealista Dom Quixote envereda em inúmeras aventuras por terras de La Mancha, Catalunha e Aragão.

PRÉ-LEITURA

1.1. B.; C.; A.



Materiais áudio

Leitura expressiva do texto disponível nos Recursos do Projeto.

Pág. 80

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

- 1.1. Teresa Pança escreveu a carta como resposta a uma carta anterior, da autoria de Sancho, com os objetivos de dar a conhecer os seus sentimentos face à nova situação do marido, de pedir autorização para ir à corte e de transmitir informações sobre as novidades locais.
- 2.1. Quer Teresa quer Sanchita se sentiram extremamente felizes com a carta de Sancho; a primeira pensou que o fato, as joias e as cartas que recebera não eram reais; a segunda urinou-se sem se aperceber.
- 3.1. De acordo com o texto, a nobreza caracteriza-se por costumes associados à riqueza e à ostentação (uso de joias, idas à corte, deslocação por meio de coche, aquisição de dote sem esforço). Por outro lado, conforme o relato de Teresa, os habitantes da aldeia, que subsistem graças à agricultura, ficam à mercê de más colheitas agrícolas (ll. 26-27) e da falta de água (ll. 30-31). Verifica-se, assim, um nítido contraste entre a qualidade de vida da nobreza e a do povo: a primeira vive com vastos recursos, num clima de riqueza e ostentação; a segunda vê-se privada de bens essenciais e tem de trabalhar arduamente para viver.
- 3.2. Conforme o relato de Teresa, a Barrueca casou a filha com um pintor de má-morte, que deixou a pintura para se dedicar à agricultura; os habitantes da aldeia ficaram sem água.

Pág. 81

4.1. 1. e.; 2. i.; 3. d.; 4. c.; 5. f.; 6. a.; 7. g.; 8. b.; 9. h..

GRAMÁTICA

- 1.1. a. “meu Sancho da minha alma” (l. 1); “mano” (l. 3); “amigo” (l. 11); b. “Sanchita” (ll. 5, 28); c. **Sugestão de resposta:** “por pouco não caí morta de puro gozo” (ll. 3-4); “tanto mata a súbita alegria, como a grande aflição” (ll. 4-5); “para ver muito era necessário viver muito” (ll. 11-12).

2.1. a. “A Sanchita”, “renda”, “todos os dias”, “oito maravedis”, “O chafariz da praça”, “um raio”, “todos”; **b.** “faz renda”, “ganha todos os dias oito maravedis”, “secou”, “caiu [...] na picota”, “ali caíam”; **c.** “da praça”, “na picota”; **d.** “ali”.

Pág. 82

PowerPoint® Didáticos

PowerPoint® Verbo/Complexo verbal disponível nos Recursos do Projeto.

Pág. 83

EXERCÍCIOS

1. Verbos regulares: c.; d.; f.; g.

Verbos irregulares: a.; b.; e.; h.; i.

Os verbos *sussurrar*, *comer*, *concordar* e *abençoar* mantêm, ao longo de toda a conjugação, o seu radical e os sufixos de tempo, pessoa e número, seguindo o paradigma da conjugação a que pertencem (1.ª e 2.ª). Os verbos *compor*, *ver*, *dizer*, *sentir* e *intervir* alteram o radical ao longo da conjugação (*eu componho*, *tu compões*; *eu digo*, *tu dizes*; *eu sinto*, *tu sentes*; *eu intervenho*, *tu intervéns...*) e, ao longo da conjugação, não seguem o paradigma dos verbos regulares.

2.

B	A	N	I	R				R
	T		R	I	L	A	F	E
	U			G				L
R	R			N				A
A	D		P	U	N	I	R	M
R	I				E		I	P
R	R				V		V	E
U					A		N	J
Z	U	M	B	I	R		O	A
							C	R

2.1. Verbos defectivos: todos.

Verbos impessoais: nevar, relampejar;

Verbos unipessoais: zurrar, zumbir, convir.

3. a. relampejou; **b.** haverá; **c.** Faz; **d.** grazinava; **e.** arrulham.

4. a. vai começar (verbo auxiliar *ir* + verbo principal *começar*); **b.** podia fazer (verbo auxiliar *poder* + verbo principal *fazer*); **c.** Tem chovido (verbo auxiliar *ter* + verbo principal *chover* – pretérito perfeito composto); **d.** foi elogiada (verbo auxiliar *ser* + verbo principal *elogiar* – forma passiva); **e.** Temos de começar a estudar (verbo auxiliar *ter* + preposição *de* + verbo auxiliar *começar* + preposição *a* + verbo principal *estudar*); **f.** está a dormir (verbo auxiliar *estar* + preposição *a* + verbo principal *dormir*); **g.** foram saindo (verbo auxiliar *ir* + verbo principal *sair*); **h.** terá sido rebocado (verbo auxiliar *ter* + verbo auxiliar *ser* + verbo principal *rebocar* – futuro composto, forma passiva).

5. posso: valor modal de possibilidade; **tenho de:** valor modal de obrigação; **deve:** valor modal de probabilidade (quase certa); **vou:** valor temporal.

Pág. 84

Informação sobre *O Conto da Ilha Desconhecida*, de José Saramago:

Um homem dirige-se ao palácio de um rei com o intuito de pedir um barco para ir em busca de uma ilha desconhecida. Apesar de, inicialmente, negar a concessão do pedido, com a alegação de que as ilhas desconhecidas já não existem, o rei acaba por dar ao homem um barco.

Acompanhado apenas pela mulher da limpeza do palácio real, o homem faz-se ao mar, rumo à Ilha Desconhecida...

PRÉ-LEITURA

Nota: Dada a peculiaridade do uso da pontuação na literatura saramaguiana (nomeadamente no que diz respeito à reprodução gráfica do discurso direto) – peculiaridade essa a que os alunos não estarão ainda habituados –, propõe-se uma atividade de pré-leitura estruturada em três momentos:

1.  Audição do texto (disponível nos Recursos do Projeto).

2. Análise conjunta da primeira frase do texto e resolução do exercício **2.1**.

2.1. Ao contrário do que é convencional, nas narrativas ficcionais de Saramago:

– o verbo que introduz o discurso direto é seguido de vírgula (e não de dois pontos);

– não se faz parágrafo antes da fala da personagem;

– não se utiliza travessão para introduzir o discurso direto.

Conclusão: o discurso direto é introduzido por vírgula, seguida de maiúscula. Este uso da pontuação dá mais fluidez e expressividade ao diálogo e ao texto em geral.

3. Leitura silenciosa do texto.

4. Leitura dramatizada do texto.

Pág. 86

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

1.1. O homem não foi recebido pelo monarca porque este passava o tempo todo sentado à porta dos obséquios.

1.2. O rei fingia-se de desentendido porque aquela era a porta das petições. Isso significava que quem batia àquela porta queria pedir algo e isso não interessava ao rei.

2. a. dos obséquios; **b.** das petições; **c.** rei; **d.** mulher da limpeza.

3.1. O homem pretendia que o rei lhe desse um barco.

4.1. a. trono; **b.** poder, autoridade; **c.** passava as peúgas dos criados; **d.** cadeira de palhinha; **e.** simplicidade, submissão.

5.1. O rei considerou essa vontade um disparate, pois não acreditava que existissem ilhas desconhecidas, já que todas as ilhas existentes estavam assinaladas nos mapas.

5.2. O homem respondeu que o soberano estava enganado, pois nos mapas estavam assinaladas apenas as ilhas conhecidas. As desconhecidas, logicamente, ainda não tinham sido descobertas.

6.1. A asserção é “Darás” (l. 37) e revela que o homem é calmo, seguro, confiante e determinado.

Nota: O professor poderá alertar os alunos para a expressividade que decorre do uso do futuro do indicativo nesta resposta: a forma verbal “Darás” marca assertivamente um facto futuro como certo, tendo um valor preditivo.

Pág. 87

7. Quanto ao relevo, o “homem” assume o papel de personagem principal (ou protagonista); quanto à composição, é uma personagem redonda ou modelada (com densidade psicológica).

GRAMÁTICA

1. **a.** *fizesse*: pretérito imperfeito do conjuntivo; **b.** *Pensarás*: futuro do indicativo; *tenho*: presente do indicativo, *fazer*: infinitivo impessoal; **c.** *Dá*: imperativo; **d.** *é*: presente do indicativo; *exista*: presente do conjuntivo.

2. **a.** Advérbio conectivo; **b.** Advérbio de predicado (valor modal); **c.** Advérbio de predicado (valor temporal); **d.** Advérbio de quantidade e grau; **e.** Advérbio de exclusão; **f.** Advérbio de inclusão; **g.** Advérbio de dúvida; **h.** Advérbio conectivo.

3. **a.** “porta”; **b.** “[d]o homem”; **c.** “[d]o homem que queria um barco”; **d.** “o rei”; **e.** “uma cadeira de palhinha”; **f.** “que ilha desconhecida é essa”; **g.** “ilha desconhecida”; **h.** “desconhecidas”.

4.1. – E tu para que queres um barco, pode-se saber? – foi o que o rei, de facto, perguntou quando, finalmente, se deu por instalado, com sofrível comodidade, na cadeira da mulher da limpeza.

- Para ir à procura da ilha desconhecida. – respondeu o homem.
- Disparate, já não há ilhas desconhecidas!
- Quem foi que te disse, rei, que já não há ilhas desconhecidas?
- Estão todas nos mapas.
- Nos mapas só estão as ilhas conhecidas.
- E que ilha desconhecida é essa de que queres ir à procura?
- Se eu to pudesse dizer, então não seria desconhecida.
- A quem ouviste tu falar dela? – perguntou o rei, agora mais sério.
- A ninguém.
- Nesse caso, por que teimas em dizer que ela existe?
- Simplesmente porque é impossível que não exista uma ilha desconhecida.
- A ti, rei, só te interessam as ilhas conhecidas.
- Também me interessam as desconhecidas quando deixam de o ser.
- Talvez esta não se deixe conhecer...
- Então, não te dou o barco!
- Darás.

Pág. 88

ORALIDADE



Materiais áudio

Rubrica radiofónica “1 Minuto pela Terra” – Antena 1 e respetiva transcrição disponíveis nos **Recursos do Projeto**.

Pré-escuta

1. É previsível que a rubrica radiofónica “1 Minuto pela Terra” aborde temas relacionados com a ecologia, incitando à preservação do nosso planeta.

Escuta

2. A rubrica radiofónica fala-nos de uma ilha das Canárias, El Hierro, de 11 000 habitantes, cuja fonte de energia é completamente ecológica, pois recorre a diversos tipos de energias renováveis (parque eólico, central hidroelétrica, coletores solares térmicos, sistemas fotovoltaicos ligados à rede). Sendo uma ilha, precisaria de transporte de combustível, que libertaria para a atmosfera 18 000 toneladas de dióxido de carbono anuais. Assim sendo, é um exemplo da utilização dos recursos que a Natureza nos oferece.

Pós-escuta

3. Resposta pessoal.

TRABALHO DE PESQUISA

1. Resposta pessoal.

Pág. 89

Tipos de sujeito nulo

As *Metas Curriculares de Português (Ensino Básico)* preconizam, no 7.º ano, a identificação e distinção entre sujeito subentendido e sujeito indeterminado. No *Dicionário Terminológico*, para além destes, é também referido o sujeito nulo expletivo. Trata-se de uma posição sintática sem interpretação. Ex.: [-] *Novou durante a noite*.

Sugestão:

Para identificar e/ou distinguir algumas funções sintáticas, poderá realizar com os alunos os seguintes **testes de pronominalização**.

- o **sujeito** pode ser substituído pelo pronome pessoal *ele, ela, eles, elas* ou pelo pronome demonstrativo *isso*;
- o **complemento direto** pode ser substituído pelo pronome pessoal *o, a, os, as* ou pelo pronome demonstrativo *o, a*;
- o **complemento indireto** pode ser substituído pelo pronome pessoal *lhe, lhes*.

Modificador

Segundo o *Dicionário Terminológico*, as **orações subordinadas adverbiais condicionais e concessivas** são aquelas que modificam a frase. Ao contrário das orações subordinadas que modificam o grupo verbal (geralmente as subordinadas adverbiais temporais e as finais), as orações subordinadas que modificam a frase **não podem ser interrogadas e negadas**:

Ex.: [*Embora estivesse doente*], *consegui terminar o trabalho*. → **Foi* embora estivesse doente que conseguiste terminar o trabalho? || *Consegui terminar o trabalho não embora estivesse doente, mas embora estivesse cansado.

**PowerPoint® Didáticos**

PowerPoint® Funções sintáticas disponível nos Recursos do Projeto.

No e-Manual Premium está disponível uma animação sobre Funções sintáticas.

Pág. 90**Complemento oblíquo vs. modificador do grupo verbal**

— Ao contrário do complemento oblíquo, o modificador do grupo verbal pode ser retirado da frase sem alterar a boa formação da mesma (*Os alunos terminaram a ficha [rapidamente].*)

— Ao contrário do complemento oblíquo, o modificador pode surgir numa pergunta cuja resposta é o verbo e os seus complementos (*O que fizeram os alunos rapidamente? Terminaram a ficha.*)

Modificador do grupo verbal vs. modificador da frase

— Ao contrário do que acontece com o modificador da frase, o modificador do grupo verbal pode ser interrogado (*Onde é que o Pedro comprou a revista? No quiosque.*) e pode ser negado (*O Pedro comprou a revista não no quiosque, mas no hipermercado.*)

Predicativo do complemento direto

Embora, nas *Metas Curriculares de Português* (Ensino Básico), a função sintática do predicativo do complemento direto não constitua um descritor de desempenho previsto para o 8.º ano, no domínio da Gramática, as autoras optaram por incluí-la nesta ficha informativa. Tal opção obedeceu aos seguintes critérios:

— trata-se de uma função sintática recorrente na língua portuguesa, com a qual os alunos se deparam com frequência;

— sendo uma função sintática exigida por verbos transitivos-predicativos, potencia a sistematização das características desta classe verbal, bem como a distinção entre estes verbos e os verbos transitivos diretos.

Pág. 91**EXERCÍCIOS**

1.1. a. mundo; **b.** que *Lia Romances de Amor*; **c.** *Romances*; **d.** um homem que vive numa aldeia isolada; **e.** homem; **f.** isolada; **g.** que assola as proximidades.

2. a. *Pedro* – vocativo; *amanhã* – modificador do grupo verbal; *eu e o pai* – sujeito composto; *amanhã [...] vamos a Lisboa* – predicado; *a Lisboa* – complemento oblíquo; **b.** *O meu filho* – sujeito simples; *gosta de bolos de maçã* – predicado; *de bolos de maçã* – complemento oblíquo; *de maçã* – modificador restritivo do nome; **c.** *O Rui e a Teresa* – sujeito composto; *chegaram de Roma há duas horas* – predicado; *de Roma* – complemento oblíquo; *há duas horas* – modificador do grupo verbal (**Nota:** *há duas horas* é uma oração constituída por: sujeito nulo; *há duas horas* – predicado; *duas horas* – complemento direto); **d.** *o meu tio* – sujeito simples; *Ontem [...] continuava doente* – predicado; *ontem* – modificador do grupo verbal; *doente* – predicativo do sujeito; **e.** *Obviamente* – modificador da frase; *o Pedro* – sujeito simples; *fez os exercícios* – predicado; *os exercícios* – complemento direto; **f.** *Sr. Agente* – vocativo; *este homem* – sujeito simples; *foi assaltado por um rapaz* – predicado; *por um rapaz* – complemento agente da passiva; **g.** *O cão que mordeu o meu primo* – sujeito simples; *que mordeu o meu primo* – modificador restritivo do nome; *é castanho* – predicado; *castanho* – predicativo do sujeito (**Nota:** *que mordeu o meu primo* é uma oração constituída por: *que* – sujeito; *mordeu o meu primo* – predicado; *o meu primo* – complemento direto.)

Pág. 92**Materiais vídeo**

Excerto do filme *O Senhor dos Anéis, A Irmandade do Anel*, disponível nos Recursos do Projeto.

Sugestão de exploração: O professor poderá partir da imagem para relembrar as personagens que os alunos supostamente conhecerão da versão cinematográfica d' *O Senhor dos Anéis* ou da leitura da trilogia com o mesmo nome ou do livro *O Hobbit*.

As personagens são o feiticeiro Gandalf e o *hobbit* Bilbo Baggins.

PRÉ-LEITURA

1.1. a. são lavradores; **b.** são pacíficos; **c.** são pouco espertos; **d.** preferem comida; **e.** preferem beber cerveja; **f.** preferem fumar cachimbo; **g.** amam a vida simples; **h.** têm hábitos antiquados.

Pág. 93**Informação sobre *O Hobbit* e os restantes livros da trilogia de J. R. R. Tolkien:**

O Hobbit narra as aventuras de Bilbo Baggins, um pacato *hobbit* que, a pedido de Gandalf, se vê forçado a participar numa aventura com um grupo de anões: nada mais nada menos do que recuperar o tesouro que o perigoso dragão Smaug lhes tinha roubado. É numa das suas peripécias, passada na gruta de Gollum, que Bilbo encontra o anel, que vai ser o objeto fulcral da obra que dá continuidade a *O Hobbit*, *O Senhor dos Anéis*, cuja personagem principal é Frodo Baggins, sobrinho de Bilbo.

Pensa-se que terá sido a infância de Tolkien, passada nos húmidos campos ingleses, que o levou a desenvolver uma maravilhosa e impressionante imaginação, não só para inventar criaturas fantásticas, mas também nomes e novas palavras. Na verdade, Tolkien habitava uma região com localidades de nome difícil de pronunciar e vivia rodeado de contos de fadas. A sua facilidade e dedicação ao estudo de línguas como o grego e o finlandês levou-o a criar os idiomas élficos que tão grande fama alcançaram. Entre outros livros, escreveu *O Hobbit*, que começou a redigir em 1928. Surgem, mais tarde, os que compõem a trilogia de *O Senhor dos Anéis: A Irmandade do Anel, As Duas Torres* e *O Regresso do Rei*, que só edita em 1955.

Pág. 94**EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA**

1.1. “um velho com um bordão. Usava um chapéu azul, alto e pontiagudo, uma comprida capa cinzenta, uma charpa prateada sobre a qual lhe pendia, até abaixo da cintura, a comprida barba branca, e calçava enormes botas pretas.” (ll. 1-4)

1.2. Trata-se de uma caracterização física; o processo usado foi a caracterização direta, feita pelo narrador.

2. A fórmula “Bom dia” pode ser uma saudação, a constatação de que está um bom dia, a afirmação de que o enunciador se sente bem naquele dia específico ou de que se está num dia ideal para se ser bondoso.

3. Bilbo estava satisfeito, bem-disposto e pachorrento, como o comprovam os seguintes excertos textuais: “– Bom dia! – saudou Bilbo” (l. 5); “o sol brilhava e a erva era muito verde” (ll. 5-6); “E uma esplêndida manhã, também, para fumar cachimbo de tabaco ao ar livre” (ll. 12-13) e “temos o dia todo à nossa frente!” (l. 15).

4. Gandalf pretende que Bilbo participe numa aventura que está a organizar.

4.1. Bilbo enfatiza que os *hobbits* são um povo pacato e nada aventureiro, que evita tudo o que perturbe a sua confortável rotina diária.

4.2. O recurso é a tripla adjetivação.

4.2.1. A tripla adjetivação realça a opinião negativa de Bilbo relativamente a “aventuras”.

5.1. Bilbo começa a ler as cartas da manhã, fingindo não prestar atenção a Gandalf.

5.2. Como Bilbo se queria ver livre de Gandalf, a fórmula “Bom dia” é utilizada por ele como fórmula de despedida, dando-lhe a entender que nada mais tinham a conversar.

6. Bilbo fica muito alegre e animado ao descobrir que aquele é Gandalf.

6.1. Bilbo fica num estado de imensa alegria, pois descobre que aquele velho é afinal o feiticeiro que faz um extraordinário fogo de artifício, que conta histórias maravilhosas e que ele tão bem conhece.

GRAMÁTICA

1. a. reto, apurado, direto, liso, justo, imparcial, leal, franco, sincero; b. pasta, povo, multidão, dinheiro, mistura de água e farinha/cimento; c. planta, elite, frescura, juventude.

Pág. 95

1.1. Exemplos: a. Mantenha-se direito durante o exame.; Siga pelo lado direito da estrada.; O meu irmão entrou em Direito este ano.; b. Adoro massa com cogumelos!; Precisamos de fazer massa para assentar os tijolos.; A massa populacional é cada vez maior.; Aquele homem fez um ótimo negócio e está cheio de massa.; c. Esta flor cheira maravilhosamente!; A Joana está na flor da idade.; Esta rapariga é uma flor!; O Pedro pertence à fina flor da sociedade.

1.2. Palavras polissémicas.

2. a. “Se” — conjunção subordinativa condicional; b. “Mas” — conjunção coordenativa adversativa.

2.1. a. Caso traga um cachimbo consigo, sente-se.

ESCRITA



Materiais de apoio ao professor

Grelha de avaliação da escrita disponível nos Recursos do Projeto.

Pág. 96

Informação sobre a obra *As Minas de Salomão*, de Rider Haggard:

Considerado o romance mais popular da época vitoriana, *As Minas de Salomão* relatam-nos a descoberta de uma África inexplorada por um grupo de aventureiros cujo líder é Allan Quatermain.

PRÉ-LEITURA

1. a. capitão; b. nativo; c. Umbopa; d. deserto; e. montanhas; f. vale; g. tribo; h. rebelião; i. pedra.

Pág. 98

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

1.1. As expressões que nos revelam que o narrador e os seus companheiros estão numa situação difícil são “Uma multidão de soldados surgiu, correndo” (l. 1), “com Fulata agarrada a ele” (l. 2) e “de carabinas apontadas” (l. 3). Nestas expressões está patente uma atitude defensiva face ao aparecimento e à aproximação dos soldados.

2.1. O fenómeno em causa é um eclipse do Sol. Ao observar que o disco solar apresenta uma linha de sombra (e apercebendo-se de que o eclipse está a começar), o narrador caracteriza o seu grupo como “filhos das estrelas” (l. 6) e “mágicos das grandes artes” (l. 8), com poderes para apagar o Sol e mergulhar o Mundo na escuridão. Com esta atitude, pretende provocar o medo nos soldados, que desconhecem o fenómeno.

2.2. A personagem é Gagula.

3.1. Temendo que Gagula influencie os soldados, o narrador dirige-se ao Sol, dando-lhe ordens. Com isto pretende que os indígenas acreditem que ele é tão poderoso que até o Sol lhe obedece.

3.2. Como desconheciam a língua inglesa, os nativos pensavam que o Sol se apagava devido ao poder mágico das palavras que lhe eram dirigidas.

4. Gagula tenta acalmar o seu povo, revelando que já tinha observado aquele fenómeno e que a sombra passaria.

5.1. O narrador considera as pragas de John “sublimes” devido à quantidade e diversidade com que são proferidas.

6. Personagem principal: narrador; Personagens secundárias: Scragga, Gagula, John; Figurantes: soldados, barão, Umbopa, capitão, Fulata, multidão.

7.1. Este texto expõe o confronto entre duas civilizações. Uma é constituída por homens brancos, eruditos, viajados e portadores de conhecimentos científicos. A outra, por indígenas, crédulos e que tudo leva a crer que nunca tinham antes visto homens brancos. Ao verem-se cercados pelos soldados inimigos, o narrador e os ingleses não hesitam em utilizar os seus conhecimentos sobre o eclipse solar, prestes a ocorrer, em seu proveito, valendo-se da ignorância e credulidade dos nativos, que interpretam o fenómeno como a destruição e o fim do Mundo.

GRAMÁTICA

1.1. a. 1.2. c. 1.3. c.

2. a. Modificador restritivo do nome; b. Predicativo do sujeito; c. Complemento direto; d. Modificador do grupo verbal.

3. Exemplo de resposta: a. Gagula, os soldados estacaram à nossa frente.; b. Felizmente, os soldados estacaram.

Pág. 99

ORALIDADE



Materiais vídeo

Vídeo “Eclipses”, integrado na rubrica 1 Minuto de Astronomia, transcrição, informação sobre a rubrica e texto complementar disponíveis nos Recursos do Projeto.

Pré-visionamento

1. Resposta pessoal.

Visionamento

2. **a. F.** – O diâmetro do Sol é 400 vezes maior do que o da Lua; **b. V;** **c. V;** **d. F.** – Dado que a Lua se está a afastar da Terra, os eclipses serão cada vez mais raros.

Pós-visionamento

3. Resposta pessoal.

Sugestão de resposta: Desde sempre, os eclipses estiveram envoltos em mistério, dado que são um fenómeno da Natureza impressionante, que assusta quem não o compreende por completo.

ESCRITA

1.1. Resposta pessoal.

Resumo do desfecho da obra *As Minas de Salomão*:

Depois de ficar encerrado dentro da montanha, sem água, comida e às escuras, o grupo fica bastante desanimado. Com sorte, vislumbra uma rota de fuga e encontra o tesouro, constituído por diamantes. Como não o conseguem transportar na íntegra, os exploradores enchem os bolsos com diamantes suficientes para se tornarem homens muito ricos.

Os aventureiros deixam o vale e atravessam o deserto por uma rota diferente da anterior. Nela encontram o irmão de Sir Henry, preso num oásis, com uma perna partida. Todos voltam para Durban e, por fim, para Inglaterra.



Materiais de apoio ao professor

Grelha de avaliação da escrita disponível nos **Recursos do Projeto**.

Sugestões:



Título: *As Minas de Salomão*

Realizador: J. Lee Thompson

Ano: 1985

Duração: 100 minutos

Elenco: Richard Chamberlain, Sharon Stone, Herbert Lom, John Rhys-Davies.



Outros textos

O professor tem disponível nos **Recursos do Projeto** uma notícia do sítio da *Internet Ciência Hoje*, intitulada “Estudo sugere que Terra teve duas Luas”, com que poderá dinamizar um exercício de análise comparativa.

Pág. 100

Informação sobre a obra *A Eneida de Virgílio Contada às Crianças e ao Povo*, adaptação de João de Barros:

A *Eneida* é um dos grandes poemas da latinitude e da humanidade. Poema nacional, escrito com o propósito de celebrar as glórias e o passado de Roma. [...] Virgílio levou trinta anos a compor os doze mil versos do poema célebre. Não perdeu nunca, porém, durante tão longo espaço de tempo, nem o fio condutor da sua epopeia, nem a emoção íntima do seu entusiasmo pela terra natal. [...] João de Barros faz a adaptação em prosa do poema épico latino *A Eneida*. O autor condensa e simplifica a leitura desta joia da literatura universal, tornando-a acessível a um público mais jovem.

(Da contracapa do livro)

PRÉ-LEITURA

1.1. **a.** Glorificar o povo romano e a missão civilizadora de Roma (ligando as origens do povo romano ao ciclo troiano, Virgílio nobilita os novos senhores do mundo ao mesmo tempo que sugere que os romanos estão vocacionados, pela sua origem, a dominarem a Grécia e o Oriente); **b.** Latim; **c.** 12 partes (designadas Cantos ou Livros); estrutura narrativa, escrita em verso; **d.** Eneias; **e.** **Sugestão de resposta:** O herói desta epopeia é o troiano Eneias que, após a ruína de Troia, agrupa os sobreviventes e parte, com destino a Itália, para aí fundar uma cidade. Também ele, à semelhança de Ulisses, vagueia pelo mar Mediterrâneo, onde lhe sucedem diversas peripécias. Uma delas é o seu caso amoroso com Dido, a rainha de Cartago, a quem relata a sua viagem. Chegado a Itália, o seu destino, Eneias funda um novo reino. Descendentes do herói troiano são os gémeos Rômulo e Remo, fundadores de Roma, de que Rômulo será o primeiro rei.

Pág. 102

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

1.1. Para que a descida se realize, é necessário que Eneias sequele o corpo de um dos seus companheiros e que colha o ramo de oiro.

1.2. Cumprindo os preceitos religiosos, Eneias e os seus companheiros enterram o corpo e lançam fogo a uma pira que fazem com árvores da floresta.

1.3. Para amansar o terrível Cerbero e entrar nos Infernos, Eneias mostra-lhe o ramo de oiro.

2.1. **a.** “Monstros”, “criminosos”, “almas”; **b.** Piloto de Eneias, que caíra ao mar e que fora morto barbaramente numa praia, ficando o seu cadáver sem sepultura; Palinuro pede a Eneias que o sequele.; **c.** Deífobo; **d.** Mulher bela e infeliz, por quem Eneias sente aflição.; **e.** Anquises; **f.** Pai de Eneias, que ansiava ver o filho.

2.1.1. **a.**

3.1. Na frase estão presentes a dupla adjetivação (“Pela barba branca e macia”), que sugere a velhice, a candura e a nobreza de Anquises, a adjetivação anteposta e a personificação (“corriam-lhe lentas lágrimas”), que realça a emoção do pai ao ver o filho, e a metáfora (“pérolas a orvalhar rolos de espuma”), que condensa as ideias anteriormente expressas (velhice, candura, nobreza e emoção).

4.1. O sepultar dos mortos tinha grande valor para os romanos – a comprová-lo está o facto de a Sibila exigir a Eneias que sequele um dos seus companheiros antes de entrar nos Infernos e também a atitude de Palinuro, que suplica a Eneias que o sequele.

4.2. A expressão “piedade filial” remete para o vínculo afetivo e para o sentimento de obrigação filial de Eneias relativamente ao pai.

GRAMÁTICA

- 1.1. O tempo predominante é o presente. O presente é utilizado com o intuito de dar mais vivacidade à ação narrada (trata-se do presente histórico ou presente narrativo).
- 1.2. Terceira pessoa do singular do pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo do verbo *morrer* (forma passiva).
- 1.2.1. Ali tinha sido [...] morto.
- 2.1.1. a.
- 2.1.2. b.
- 2.1.3. a.

Pág. 103

OUTROS TEXTOS

1.1. E., D., A., C., B., F. Em E. introduz-se o texto expositivo, apresentando a importância da Sibila e a fonte do seu poder – os livros sibilinos. Em D. especifica-se, em termos gerais, a origem dos livros sibilinos. Em A. relata-se a situação inicial de uma lenda relacionada com a ida da Sibila a Roma, com os livros de oráculos. Em C. apresenta-se uma peripécia da mesma lenda. Em B. narra-se o desfecho da lenda. Em F. conclui-se o texto expositivo, explicitando que a existência dos livros sibilinos é real (e não lendária).



Outros textos

Verbete *Infernos (Os)*, do *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*, disponível nos Recursos do Projeto.

Pág. 104

PRÉ-LEITURA

1. A ação passa-se no século XIV (entre 1383 e 1385).
- 2.1. Resposta pessoal (*Vide* Textos complementares, nos Recursos do Projeto).



Textos complementares

Verbetes “D. Leonor Teles” e “Crise de 1383-1385”, da *Infopédia*, disponíveis nos Recursos do Projeto.

Pág. 105

Informação sobre a obra *Os Lusíadas para Gente Nova*, de Vasco Graça Moura:

Nesta obra, o poeta Vasco Graça Moura adapta a epopeia renascentista *Os Lusíadas*, obra em que se narra a História de Portugal (desde a origem até ao século XVI).

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

- 1.1. Após a morte do rei D. Fernando, a rainha D. Leonor Teles relaciona-se amorosamente com o conde Andeiro, dando origem a uma revolta por parte do povo, que culmina com a morte do conde e do bispo e com uma investida de Castela contra Portugal, a mando de D. Leonor.
- 2.1. Ao sentir-se perdida, a rainha provoca uma guerra entre Portugal e Castela, dizendo que a sua filha D. Beatriz é a herdeira do trono e fazendo com que as tropas castelhanas invistam contra os portugueses.
- 2.2. Inicialmente, com o seu comportamento adúltero, a rainha mostra ser uma personagem vil, inconstante e traidora/antipatriota; no final do episódio, revela-se ainda manipuladora e vingativa. Quanto ao relevo, a rainha é a protagonista, pois é à volta das suas atitudes que a ação se desenrola; quanto à modalização, pode ser considerada uma personagem redonda, pois tem densidade psicológica, evidenciando os sentimentos que a animam em cada fase da ação.
- 3.1. O narrador é subjetivo, pois relata os acontecimentos com parcialidade, caracterizando Leonor Teles e o conde Andeiro através de adjetivos depreciativos, em posição anteposta (“*Não lhes convinha a vil Leonor Teles*”, v. 7) e no grau superlativo absoluto analítico (“*E matam-lhe um amante muito reles*”, v. 8).
- 4.1. a. O texto é constituído por cinco oitavas.; b. Em cada estrofe, a rima é cruzada nos seis primeiros versos de cada estrofe e emparelhada nos dois últimos versos.; c. Os versos são decassilábicos, pois têm dez sílabas métricas (ex. *Fajzem| a|tro|ci|da|des| e|vi|den|tes|*).
- 4.2. Os versos são decassílabos heróicos (ex. *Fajzem| a|tro|ci|da|des| e|vi|den|tes|*).

GRAMÁTICA

- 1.1. a. Oração subordinada adverbial causal (que = porque); b. Oração subordinada adverbial consecutiva; c. Oração subordinada substantiva completiva.
- 1.2. a. Oração subordinante (“*De outros muitos na morte acompanhado*”); b. Oração subordinante (“*e tal ressentimento ela sentiu*”); c. Elemento (verbo) subordinante (“*Dizendo*”).
2. a. Presença do advérbio “*assim*” antes do verbo; b. Presença de uma palavra com valor negativo (“*Não*”) na frase; c. Inserção do pronome numa oração subordinada.

Pág. 106

Informação sobre a obra *O Deus das Moscas*, de William Golding:

[...] Na sequência de um desastre aéreo ocorrido durante um conflito planetário, um grupo de meninos e rapazes encontra-se numa ilha deserta sem qualquer adulto. Pareceria a situação ideal para experimentar uma organização social fundada na liberdade natural, mas a pouco e pouco o grupo é invadido pelos medos e pelas inseguranças dos seus vários elementos, que afrouxam o controlo racional e deixam vir à tona um instinto agressivo e selvagem [...].

Da sobrecapa do livro

PRÉ-LEITURA

- 1.1. Resposta pessoal.

Pág. 107

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

1.1. a. “*estava debruada de palmeiras [...] altura de trinta metros.*” (ll. 3-5); b. “*entre o terraço de palmeiras e a água era uma fina aduela, aparentemente interminável*” (ll. 13-14); c. “*era um talude [...] com cocos sorvados e rebentões de palmeira*” (ll. 5-7); d. “*floresta*” (l. 8); e. “*clareira*” (ll. 8-9); f. “*babujavam uma ilha de coral*” (l. 10); g. “*Dentro do arco irregular de coral [...] e púrpura.*” (ll. 11-13); h. “*mais além*” (l. 10).

1.2.1. Sensações visuais: “reclinadas contra a luz” (l. 4); “escuridão própria da floresta e a mancha branca da clareira” (ll. 8-9); “azul de todos os matizes, verde-sombreado e púrpura” (ll. 12-13); **sensações tácteis:** “ervagem áspera” (ll. 5-6); “e sempre, quase visível, havia o calor” (ll. 15-16); **sensações cinéticas:** “salseiros de espuma babujavam uma ilha de coral” (ll. 9-10).

1.2.2. a. A metáfora (decorrente do uso do verbo *debruar*) realça a forma como as palmeiras contornavam a orla da praia – como se fossem debrum (fita que se prega na beira de um tecido); **b.** A metáfora (marcada pelo uso do verbo *babujar*) sugere visualmente o embate da espuma das ondas na ilha – semelhante ao ato de sujar com baba.; **c.** A metáfora (originada pela associação entre “praia” e “aduela”) mostra como o espaço da praia era estreito – tão estreito como o espaço ocupado por uma aduela.

2.1. “limo”, “seixos”, “cascalho”, “areias”.

3. a. literária; **b.** subjetividade; **c.** conotativa; **d.** expressivos; **e.** sensações; **f.** técnica; **g.** objetividade; **h.** denotativa.

Caderno de Atividades p. 79

Atividade de educação literária sobre a descrição técnica e literária.

Pág. 109

EXERCÍCIOS

1.1. A descrição A é técnica; a descrição B, literária.

1.1.1. A descrição A é uma descrição técnica, de cariz objetivo e com uma intenção predominantemente informativa. A comprová-lo está a linguagem técnica, relacionada com as áreas da zoologia e da anatomia (“tigre”, “felinos”, “caixa torácica”, “pulmões”, “focinho”, “maxilares”), monossémica (na medida em que a terminologia técnica tende a possuir um único significado – ex.: *felino*: espécime dos felídeos; *maxilar*: cada um dos dois ossos em que estão implantados os dentes nos animais vertebrados) e denotativa (sendo que as palavras selecionadas têm um significado literal e estável).

A **descrição B** é uma descrição literária, de carácter subjetivo e com uma intenção predominantemente estética. Nela é evidente a linguagem polissémica e conotativa (as palavras/expressões utilizadas possuem mais do que um significado, valorizando-se o seu sentido não literal (como o demonstram as expressões “Os carros *gemem*” ou “olhos *agudos*”). A conotação é ainda conseguida com a utilização de recursos expressivos – destacando-se a personificação, associada a uma sensação auditiva (“Os carros *gemem*”), a metáfora (“...o inverno cobriu de musgo”), a comparação (“como se o seu olhar lesse e amparasse o desacontecer das coisas”), o uso expressivo do advérbio (“*terrivelmente atenta*”) e do adjetivo, frequentemente articulado com sensações visuais (“verde”, “castanhos”) e realçado por se encontrar numa situação de adjetivação anteposta (“*rápidas mulheres*”, “*pequena janela*”) ou de tripla adjetivação (“*olhos agudos, muito juntos e castanhos*”; “*sábia e arguta, terrivelmente atenta*”).

Pág. 110

Informação sobre a obra *O Nariz*, de Nikolai Gógol:

Certo dia, o barbeiro Ivan Iákovlevitch encontra no seu pão do pequeno-almoço um nariz. Reconhecendo-o por fazer muitas vezes a barba ao seu dono, o apavorado Iákovlevitch tenta desfazer-se do nariz, lançando-o ao rio Neva. Ao mesmo tempo, Kovaliov levanta-se pela manhã e constata que o seu nariz desapareceu, deixando na cara um espaço completamente plano.

Por seu turno, o nariz ganha vida própria e consegue ascender socialmente até onde Kovaliov nunca conseguira. Depois de diversas peripécias e confusões, o nariz regressa, finalmente, ao seu dono, sem qualquer explicação.

PRÉ-LEITURA

1. a.

Pág. 111

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

1. a. ... São Petersburgo; **b.** ... assessor de colégio; **c.** ... desejava examinar uma borbulha que tinha surgido no seu nariz; **d.** ... o seu nariz tinha desaparecido; **e.** ... decidiu ir à polícia.

Pág. 112

2.1. As expressões são “estacou, como pregado ao chão” (l. 13); “Qual não foi o terror e, ao mesmo tempo, a estupefação de Kovaliov” (ll. 16-17); “tudo se desvairava nos seus olhos” (ll. 18-19); “sentia que mal se aguentava de pé” (l. 19); “tremia como de sezões” (ll. 20-21); “por pouco não enlouqueceu” (l. 26).

2.2. Kovaliov exercia a profissão de assessor de colégio, um trabalho de cariz intelectual, mas considerado medíocre; por seu turno, o nariz, trajando “uniforme bordado a fio de ouro” (ll. 21-22) e exibindo um “chapéu com penacho” (l. 23) parecia ter-se elevado a uma posição social privilegiada, conferida pelo “grau de conselheiro de Estado” (l. 24).

(Nota: Na sociedade da Rússia czarista do século XIX, a hierarquia social era deveras estratificada e desigual.)

3.1. a. ascensão; **b.** insatisfeito; **c.** medíocre; **d.** social; **e.** nariz; **f.** desejo.

GRAMÁTICA

1. a. Derivação por sufixação (*estranho* + *-eza*); **b.** Onomatopeia; **c.** Derivação por sufixação (*coche*- + *-eiro*); **d.** Derivação por parassíntese (*en-* + *-louco* + *-eceu*); **e.** Derivação por parassíntese (*em-* + *bioco* + *-adas*); **f.** Conversão ou derivação imprópria (*salvo* < *salvar*).

2.1. 1. e.; 2. a.; 3. j.; 4. b.; 5. f.; 6. c.; 7. i.; 8. g.; 9. h.; 10. k.; 11. d.

Nota: Uma expressão idiomática é uma expressão constituída por mais do que uma palavra, cujo sentido não pode ser inferido a partir do significado literal das palavras que a constituem.

2.2. Campo semântico.

Pág. 113

TRABALHO DE PESQUISA / ORALIDADE / ESCRITA



Materiais projetáveis

Como fazer uma apresentação oral disponível nos Recursos do Projeto.



Material de apoio ao professor

Grelhas de avaliação da oralidade e da escrita disponíveis nos Recursos do Projeto.

OUTROS TEXTOS / ESCRITA



Material projetáveis

Mapa de S. Petersburgo disponível nos Recursos do Projeto.

Exemplos de resposta:

1.1. a. Saindo da Catedral de Santo Isaac, virar à esquerda e seguir pela rua Morskaya até chegar à Avenida Néviski. Nesta, virar à direita e seguir em frente até atravessar o canal. Um pouco mais à frente, antes do canal seguinte, à direita, fica a Catedral de Kazan.; **b.** Saindo da Fortaleza de Pedro e Paulo, virar à esquerda, contornando o canal. Atravessar a ponte em direção às colunas Rostral e seguir em frente, atravessando a ponte seguinte. O Palácio do Hermitage fica do lado esquerdo. Tomar a direção da praça Dvortsovaya, que tem um obelisco no centro, a qual dá acesso ao Hermitage.; **c.** Saindo da Catedral Troitski, atravessar a ponte do canal Fontanka. Virar à direita seguindo o canal. O Teatro Aleksandrinski fica do lado esquerdo, após a 5.ª ponte, antes da Avenida Néviski.

Pág. 114



PowerPoint® Didáticos

PowerPoint® Coesão e coerência textuais disponíveis nos Recursos do Projeto.

Conectores discursivos

Os conectores discursivos fazem parte de uma classe mais ampla – os marcadores discursivos.

Pág. 115

EXERCÍCIOS

1.1. 1. b.; 2. b.; 3. d.; 4. c.; 5. c.; 6. e.; 7. b.; 8. a.

1.1.1. 1. Eu estou ao teu lado, em quaisquer situações/qualquer situação.

2. A sala e a cozinha estão desocupadas.

3. Ao ver a Ana, cumprimentei-a e dei-lhe os parabéns pela sua belíssima atuação.

4. Vou agora sair de casa.

5. Não comi, mas estava com fome/Comi, pois estava com fome.

6. Ele entrou e, de seguida, fechou a porta; finalmente cumprimentou-me.

7. Carlos, encontrei a chave?

8. Não encontrei a caneta azul.

2.1. Apesar de grande parte dos objetos ser consumida de acordo com o uso que se lhes dá (quanto maior é o uso, mais se “gastam”), tal não sucede no caso das lentes. Consequentemente, torna-se ridículo querer evitar o desgaste de algo que não se gasta.

Pág. 116

Informação sobre a obra *Efeito Borboleta e Outras Histórias*, de José Mário Silva:

Uma borboleta a bater as asas na Amazônia pode provocar um tornado no Texas? [...] A complexidade do mundo é feita de milhares de causas e consequências, acasos fabulosos, desenhos que emergem do caos, invisíveis teias que unem pessoas, factos e histórias aparentemente sem qualquer vínculo entre si.

Os contos muito breves de José Mário Silva procuram refletir essa complexidade em poucas páginas ou numa frase apenas, levando até ao limite o espírito de síntese e a depuração estilística.

Excerto da badana do livro

PRÉ-LEITURA

1. Microscópio: 4; Lamela: 3; Lâmina: 1; Pipeta: 2.

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

1.1. A primeira parte do texto refere-se a um tempo passado (ll.1-10); a segunda parte do texto foca o tempo presente (ll.10-13).

1.1.1. O passado é linguisticamente marcado pelas formas verbais de pretérito imperfeito e perfeito (“*Estávamos*”, “*voltámos*”); o presente, pelas formas verbais do presente do indicativo (“*Gosto de acreditar*”; “*Gosto de pensar*”) e pela expressão “*Ainda hoje*”.

Pág. 117

2.1. Carácter técnico:

– Assunto abordado no texto: observação e análise de amostras ao microscópio;

– Vocabulário técnico: “*laboratório*”, “*ciências naturais*”, “*lâmina*”, “*lamela*”, “*pipeta*”, “*microscópio*”, “*objetiva*”, “*paramécias*”, “*bactérias*”, “*algas azuis*”, “*amibas*”, “*diatomáceas*”.

Carácter autobiográfico:

– Vivências e sentimentos pessoais: relato de uma experiência pessoal (descrição subjetiva da lamela; observação da amostra microscópica; mentira relativamente à observação efetuada; reflexão sobre a quebra da lamela);

– Marcas de 1.ª pessoa: formas verbais e pronomes: “*Estávamos*”, “*voltámos*”, “*Eu menti*”.

3. c.

3.1. No final do texto, o narrador apresenta a razão pela qual apenas conseguiu observar “*uma escuridão espessa povoada de pontos luminosos*” (ll. 9-10): por “*aselhice*”, partiu a lamela. Este facto é indiciado logo no início do texto, pela informação dada entre parêntesis – a lamela era fina e frágil (subentendendo-se que poderia partir-se facilmente).

GRAMÁTICA

1. 1. h.; 2. f.; 3. b.; 4. d.; 5. a.; 6. e.; 7. g.; 8. c.

ORALIDADE



Materiais vídeo

Vídeo “Telescópios”, integrado na rubrica *1 Minuto de Astronomia*, transcrição, informação sobre a rubrica e texto complementar disponíveis nos Recursos do Projeto.

Sugere-se a seguinte metodologia de trabalho:

Pré-visionamento

1. Diálogo sobre a função/utilidade dos telescópios (observação dos astros a grande distância).

Visionamento

2. Visionamento do vídeo “Telescópios” e resolução da questão 1.

1. a. V.; b. F. (Os telescópios espaciais também permitem a recolha de informações sobre o nosso planeta.)

Pós-visionamento

3. Reflexão sobre o vídeo visionado e resolução da questão 2.

2. **Sugestão de resposta:** Os telescópios permitem-nos ter uma visão mais detalhada e correta da constituição do universo. É utilizada uma metáfora, na medida em que a Terra é a nossa casa e os telescópios serão, assim, as janelas que nos permitem ver o horizonte, ou seja, o espaço.

Pág. 118

Informação sobre a obra *Uma Cana de Pesca para o Meu Avô*, de Gao Xingjian:

Com imenso talento, subtileza e inteligência, Gao Xingjian percorre, nestes seis inesquecíveis contos, os lugares da infância, as alegrias simples do amor e da amizade, os dramas da rua e as tragédias vividas pela China.

Da contracapa da obra

PRÉ-LEITURA

1.1. Resposta pessoal.

Pág. 119

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

1. E., C., B., D., A.

2. O narrador parece ser uma pessoa atenta, sensível e afeiçãoada ao avô: ao ver canas de pesca tem vontade de comprar-lhe uma, pois sabe o valor que ele lhes dá. Por seu turno, o avô era trabalhador (segundo o narrador, “Trabalhava noite e dia”) e dedicado ao que fazia — desde as canas de pesca às redes — apesar de, supostamente, não ser grande pescador.

GRAMÁTICA

1. a. Pronominalização; b. Uso interdependente dos tempos verbais.

OUTROS TEXTOS / ESCRITA

Sugere-se a seguinte metodologia:

1. Leitura e análise conjunta do excerto da notícia (1.1.).

2. Trabalho de grupo (1.2.):

— listagem de possíveis atividades a desenvolver na escola (com envolvimento de avós e netos) e seleção de uma atividade;

— produção de um folheto, tendo como base as fases de planificação, textualização e revisão;

Nota: O Professor poderá sistematizar as características mais comuns do folheto, ao nível da estrutura e da linguagem; poderá ainda apresentar os tópicos que deverão ser abordados no folheto (ex.: designação da atividade, objetivos e desenvolvimento da atividade; reflexão sobre as suas mais-valias...).

— apresentação dos folhetos.

Nota: Dia dos avós — 26 de julho.



Materiais de apoio ao professor

Grelha de avaliação da escrita disponível nos Recursos do Projeto.

Pág. 120

Informação sobre a obra *Memórias*, de Rómulo de Carvalho:

Nas suas memórias, Rómulo de Carvalho relata a sua vida passada, desde o momento em que nasceu até aos 90 anos. Tendo como destinatários privilegiados os seus tetranetos, Rómulo de Carvalho afirma, na introdução das suas *Memórias*:

“Dir-se-ia que a minha vida particular não tem história, mas tem-na. Todos construímos essa história e dela participamos, mas só nos apercebemos disso quando os anos começam a pesar, porque só então nos observamos como éramos, seres estranhos, nada parecidos exteriormente com o que somos depois. Vemo-nos crianças, depois adolescentes, guiados pelas mãos dos pais ou com a mala da escola às costas, ágeis, curiosos, faladores, brincalhões, seres que nada têm que ver connosco que somos bisonhos e temos ossos que rangem. Os velhos retratos, porém, garantem-nos que já existimos assim, realmente, e a nossa memória dá-lhes vida. Depois morremos todos juntos, de um só golpe. E antes que isso aconteça vou escrevendo estas páginas.”

Rómulo de Carvalho, *Memórias*, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

PRÉ-LEITURA



Materiais projetáveis

Pintura *Persistência da Memória*, de Salvador Dalí, disponível nos Recursos do Projeto.

1.1. Resposta pessoal. **Sugestão de resposta:** Na pintura, de carácter surrealista encontram-se representados três relógios moldados aos objetos em que se encontram apoiados. Os relógios poderão representar a passagem do tempo e a persistência do passado no presente, através da memória (cf. título da pintura). O carácter mole poderá querer transmitir uma ideia de tempo psicológico. O título do texto (“O avô Sebastião”) poderá relacionar-se com a memória que o autor tem do seu avô.

Pág. 121

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

1.1. Podemos classificar o texto como memorialístico devido às seguintes características: **a.** marcas de 1.ª pessoa: “Meu”, (l. 1); “Reproduzo” (l. 4), “minha” (l. 5), “comigo” (l. 23); “tratar-me” (l. 24); **b.** marcas temporais: “dia 25 de fevereiro de 1929” (l. 6); “Quando o conheci” (ll. 16-17); **c.** marcas espaciais: “Tavira”, “capela da Sé Catedral de Faro” (l. 2); “em casa dos meus avós” (l. 13); **d.** verbos rememorativos: “recordo-o” (l. 18); **e.** verbos avaliativos: “gostei” (l. 11); “Impressionava-me”, l. 18); **f.** articulação entre tempos verbais do passado e do presente: “foi” (l. 12), “Era” (l. 10), “Conheci” (l. 11), “Reproduzo” (l. 4), “diz” (l. 6); “recordo-o” (l. 18).

2.1. O autor gostava do seu avô e sentia admiração e carinho por ele – pelo seu carácter atencioso, simples e modesto, por ser bem-educado e por ver nele ternura e bondade.

2.1.1. No segundo parágrafo, o avô é caracterizado pelos advérbios “extremamente”, “rigorosamente” e “modestamente”, advérbios esses que reforçam o que o neto sentia: “extremamente” refere-se ao cuidado e à atenção que o avô tinha para com ele e “rigorosamente” e “modestamente” remetem para a sua personalidade simples e educada.

2.2. O autor considerava a sua avó “um ser autómato”, pois, segundo ele, tratava-se de uma mulher “sem história”, cuja vida se limita às tarefas do dia a dia que repetia, maquinalmente.

2.2.1. Essa ideia é reforçada pela enumeração e pela repetição: “fazia a comida, lavava a loiça, deitava-se, fazia a comida, lavava a loiça, deitava-se” (ll. 21- 22).

3.1. O autor pretende dizer que os avós eram atentos, preocupavam-se com ele, mas demonstravam-no de forma pouco emotiva, sem manifestações de carinho e mantendo sempre alguma distância, para que houvesse sempre respeito.

3.2. Resposta pessoal. **Sugestão de resposta:** Atualmente, a relação entre avós e netos é muito mais forte e baseada na expressão do amor e do carinho. Ainda que se mantenha o indispensável respeito mútuo, avós e netos convivem de uma forma muito próxima, havendo carinho, compreensão e cumplicidade entre as duas gerações.

ESCRITA



Materiais de apoio ao professor

Grelha de avaliação da escrita disponível nos Recursos do Projeto.

Pág. 122

Informação sobre a obra *Diário*, de Miguel Torga:

Miguel Torga publicou, entre 1941 e 1993, vários volumes da obra *Diários* (inicialmente em edição de autor).

Ao longo de 16 livros, Torga reflete sobre o país e a época em que viveu, relata episódios da sua vida enquanto escritor e enquanto médico. Revela quem é, enquanto homem, confidenciando angústias e medos, revolta e indignação, mas também partilhando as alegrias e as coisas simples da vida.

PRÉ-LEITURA

1.1. a.

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA (pág. 123)

1.1. O autor escreveu esta página de diário pois, durante muito tempo, presenciou a rotina de um homem que passava na sua rua, sempre às mesmas horas. Tal comportamento e o facto de ele, algum tempo depois, ter casado com alguém que se assemelhava a ele quanto à vivência do dia a dia levaram o autor a fazer uma reflexão.

2.1. O autor pretende dizer que, tal como o relógio (de parede), o casal sobre o qual ele escreve apresenta-se rígido/monótono e autómato. Quer o homem quer a mulher são precisos naquilo que fazem – o homem cumpre escrupulosamente os seus horários, sem alterações, enquanto a mulher realiza sempre as mesmas tarefas, pela mesma ordem e à mesma hora.

2.2. Trata-se de uma metáfora. O que existe em comum entre os relógios de parede e o casal são a rigidez, a monotonia e a precisão.

Pág. 123

3.1. O homem não é identificado e não “vale a pena dizer-lhe o nome”, pois a sua identidade é secundária. Mais do que o seu nome, o autor pretende mostrar que aquele homem é igual a tantos outros com os quais se cruza. Tem um dia a dia monótono, ritualizado e automatizado.

3.2. Psicologicamente, o homem é caracterizado de duas formas. Por um lado, admite-se que talvez este homem sofra, em silêncio, de forma reservada, por ter sempre os mesmos hábitos e horários, por ter uma vida monótona. Levanta-se mesmo a possibilidade de ter sonhos por realizar e de viver em “agonia” por saber que eles não são realizáveis. Assim, este homem será psicologicamente frustrado, consciente da vida monótona que tem e dos sonhos que não conseguiu realizar. Por outro lado, também se admite que este homem não tenha qualquer tipo de sofrimento e que seja feliz com a sua monotonia. Assim, será um homem conformado, resignado com a vida que tem.

3.3.1. A afirmação ilustra a forma como o homem vivia. Sendo a sua vida dominada pela rigidez, também o casamento surgiu como algo a que respondeu de forma autómata. Ao ser comparado com “uma carga de água a caminho do emprego”, reforça-se o facto de ter sido algo inesperado, mas, ainda assim, encarado como inevitável. A forma verbal “aconteceria” está em itálico, pois pretende-se destacar o carácter involuntário do casamento.

3.3.2. Também ela casou, não movida pelos sentimentos (“Não namoraram.”, l. 19), mas porque teria de o fazer com alguém. Tal como o marido, também ela se pode caracterizar como uma pessoa precisa, rígida, executando sempre as mesmas tarefas às mesmas horas.

4.1. Os elementos que comprovam que o texto é uma página de diário são os seguintes:

– a referência spatiotemporal que identifica o momento e o espaço da produção da página de diário (“Leiria, 16 de fevereiro de 1940”);

– o discurso na 1.ª pessoa (“esta”, l. 3; “sei”, l. 7);

– a articulação da narração de acontecimentos passados (“Não namoraram.”, l. 19) com a reflexão desses mesmos acontecimentos (“É um casal de relógios de parede.”, l. 1).

ESCRITA

1.1. Resposta pessoal.



Materiais de apoio ao professor

Grelha de avaliação da escrita disponível nos Recursos do Projeto.

Pág. 124



PowerPoint® Didáticos

PowerPoint® Pronome pessoal em adjacência verbal disponível nos Recursos do Projeto.

EXERCÍCIOS

1. **a.** os testes (complemento direto); **b.** à Joana (complemento indireto); **c.** uma casa nova (complemento direto); **d.** uma sobremesa (complemento direto); **e.** aos pais (complemento indireto); **f.** a encomenda (complemento direto).

1.1. **1. a.** Só os corrijos para a semana. (pronome átono à esquerda do verbo, pois está integrado numa frase com verbo antecedido por um advérbio – *só*); **b.** Escrever-lhe-ás no próximo mês. (pronome átono intercalado com o verbo, pois está integrado numa frase com uma forma verbal conjugada no futuro do indicativo); **c.** Vamos comprá-la. (pronome pessoal átono à direita do verbo, alterado pelo facto de a forma verbal terminar em *r*); **d.** Quero que a tragas (pronome átono à esquerda do verbo, pois surge integrado numa oração subordinada); **e.** O Pedro não lhes telefonou. (pronome átono à esquerda do verbo, pois surge integrado numa frase com uma palavra com valor negativo – *não*); **f.** Quando é que a recebeste? (pronome átono à esquerda do verbo, pois surge integrado numa frase iniciada por um advérbio interrogativo – *quando*).

Pág. 125**PRÉ-LEITURA**

1.1. Resposta pessoal. **Sugestão de resposta:**

Quem me Dera Ser Onda gira em torno dos equívocos risíveis provocados pela iniciativa de criar um porco de engorda num andar de Luanda, no sentido de escapar à escassez de alimentos que se vive na capital. O ponto de vista das crianças do prédio, que fazem do porco um animal de estimação, permite criticar ironicamente a corrupção da burocracia intermédia e desmistificar os propósitos pretensamente revolucionários da pequena burguesia.

Isabel Pires de Lima, "Em busca de uma nova pátria: o romance de Portugal e de Angola após a descolonização", *Via Atlântica*, n.º 1, março de 1997

**Materiais áudio**

Leitura expressiva do texto disponível nos **Recursos do Projeto**.

Pág. 127**EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA**

1.1. **a.;1.2. c.;1.3. b.**

Pág. 128

2.1. O dono da porca não revelou que o animal era seu, ou seja, agiu de forma covarde, não assumindo a responsabilidade do acidente provocado pelo seu animal.

3.1. **Sugestão de resposta:** O dono dos porcos era um pescador que, para não ser fiscalizado, subornava o cabo do mar; este, por sua vez, era corrupto, pois deixava-se subornar.

4.1. A vida do animal tornou-se diferente: o porco começou a alimentar-se melhor ("*Comia de um hotel de primeira*", l. 21), a ter uma higiene inusitada ("*carnaval da vitória lavado também que era com sabão brasileiro e tudo*", l. 37) e a viver uma vida despreocupada e incomum ("*Mas que o porco vivia, isso sim. Pancar, dormir, ouvir música...*", l. 32).

4.2. Diogo encarava o porco apenas como um animal que era necessário engordar ("*...Diogo, que media constante o porco em seu crescimento.*", l. 24) para, numa fase posterior, o matar e comer; consequentemente, começou a castigar o animal. Ruca e Zeca, por seu turno, sentiam afeto pelo porco; assim, procuravam mimá-lo e ficavam ressentidos quando Diogo o castigava.

5.1. **Exemplo de resposta:** Quando o porco roncava, Diogo mandava aumentar o som do rádio; era lavado todos os dias e os seus detritos eram levados rapidamente para o contentor.

5.2. A família tinha estes cuidados com o animal porque, como o estava a criar dentro de um apartamento, ilegalmente, temia que este fosse descoberto.

6.1. Ao contrário de Diogo e da família, o porco levava uma vida de burguês: para além de comer restos de comida de hotel, passava o tempo a dormir e a ouvir música. Assim, o suíno acomodou-se a uma vida de pequeno-burguês, com "*tantos éfes e érres que vivia que nem um embaixador*" (ll. 37-38), vida essa que contrastava com a dos próprios donos que, em vez de carne, comiam "*peixe frito com arroz*", o que levava Diogo a irritar-se.

7.1. Para calar o porco, Diogo pô-lo a ouvir música, mas cansou-se. De seguida, bateu-lhe, todavia o porco roncou. Posteriormente, deu-lhe açúcar (a pedido de Ruca e Zeca), porém este gostou tanto que roncou ainda mais, como forma de reivindicação. Como o açúcar era caro, Diogo não só não repetiu o feito, como também decidiu castigar o animal, aplicando-lhe jindungo no focinho – o que levou o porco a roncá-lo mais alto e os filhos a zangarem-se com o pai. Finalmente, Diogo improvisou uns auscultadores e colocou-os nos ouvidos do porco. Como o suíno deixava de roncá-lo quando ouvia música, o problema ficou resolvido.

Pág. 129

8.1. O narrador é subjetivo, pois narra os acontecimentos de forma parcial (dando a sua opinião relativamente, por exemplo, ao comportamento do cabo do mar e do dono dos porcos).

GRAMÁTICA**Materiais áudio**

O professor deverá disponibilizar a audição da leitura expressiva do texto "*O carnaval da vitória*", que se encontra nos **Recursos do Projeto**, para que os alunos realizem os exercícios propostos.

1.1. **Exemplo de resposta:**

Português de Angola: **a.** "*ele e seus irmãos*"; "*Metiam focinho*"; "*no lhes ensinar*"...; **b.** "*comba*"; "*Pancar*"...

Português europeu: **a.** ele e os seus irmãos; Metiam o focinho; no ensinar-lhes...; **b.** funeral; comer...

1.2. O português de Angola tem tendência a abrir mais as vogais ("*Cárnávl dá vitória*", "*Pórco*") o som *r* é pronunciado de forma mais audível ("*maternal*", "*Roupa*") o ditongo *-ão* é pronunciado quase *au* ("*revolução*"). A sílaba tónica de algumas palavras é mais arrastada ("*ficou precoce*"). A pronúncia e a entoação com que o texto é lido são muito características da variedade angolana do português.

ESCRITA**Materiais de apoio ao professor**

Grelha de avaliação da escrita disponível nos **Recursos do Projeto**.

OUTRAS ATIVIDADES

1.1. Verticais: A. candonga; B. cota; C. bazar; D. garina; E. soba; F. caçula.

Horizontais: 1. xingar; 2. cacimba; 3. mata-bicho; 4. bué; 5. dama.

Pág. 131

Informação sobre a obra *Contos do Nascer da Terra*, de Mia Couto:

O excerto que abaixo transcrevemos, retirado da contracapa da obra, levanta a ponta do véu do universo onírico e maravilhoso dos *Contos do Nascer da Terra*, de Mia Couto.

“Era uma vez uma menina que pediu ao pai que fosse buscar a lua para ela. O pai meteu-se num barco e remou para longe. Quando chegou à dobra do horizonte pôs-se em bicos de sonhos para alcançar as alturas. Segurou o astro com as mãos com mil cuidados. O planeta era leve como uma baloa.

Quando ele puxou para arrancar aquele fruto do céu se escutou um rebentamento. A lua se estilhaçou em mil estrelinhas. O mar se encrespou, o barco se afundou, engolido num abismo. A praia se cobriu de prata, flocos de luar cobriram o areal. A menina se pôs a andar ao contrário de todas as direções, para lá e para além, recolhendo os pedaços lunares.”

Mia Couto, “Raízes”, in *Contos do Nascer da Terra*, 7.ª ed., Caminho, 2009 (com supressões)

PRÉ-LEITURA

1. 1. f.; 2. d.; 3. e.; 4. g.; 5. a.; 6. c.; 7. b.



Materiais áudio

Leitura expressiva do texto “Raízes” disponível nos Recursos do Projeto.

Pág. 133

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

1. A introdução (ll. 1-10) e consiste na apresentação da situação (um homem cuja cabeça criou raízes); as peripécias (ll. 11-47) correspondem à sucessão de ações levadas a cabo na tentativa de resolver o problema; a situação final (ll. 48-49) é constituída pelo desfecho da ação.

2. O tempo e o espaço são indeterminados, não havendo no texto elementos que permitam identificar com precisão o momento em que decorreu a ação. A indeterminação é marcada por expressões como “Uma vez” (l. 1) ou “gentes da terra” (ll. 21-22).

3.1. O problema reside no facto de a cabeça do homem ter criado subitamente raízes, durante o sono.

3.2. Para solucionar o problema, os homens começaram por escavar o chão, à volta da cabeça, deixando as raízes a descoberto; devido à extensão interminável das raízes, decidiram plantar a cabeça do homem na Lua.

4.1. a. Cria-se o adjetivo “desistida” (a partir do particípio passado *desistido*), realçando-se, assim, a reação e os sentimentos da mulher; b. Utiliza-se o adjetivo relacional “celestiais” antes do nome, com valor conotativo (geralmente, os adjetivos relacionais surgem pospostos ao nome); para além disso, recorre-se à metáfora (“Os outros devolve-ram a estranheza.”), para realçar o carácter invulgar da proposta e o efeito que ela causou em quem a ouviu.

5.1. 1. c.; 2. b.; 3. d.; 4. a.

5.2. c. Surgindo associada às “celestiais alturas”, a lua simboliza a universalidade e a globalidade; por conseguinte, o poeta será aquele que anseia pelo que é alto e sublime.

GRAMÁTICA

1.1. b. administrador + traidor > administrador desonesto; c. dúvida + hesitante > indivíduo que duvida/hesita; incrédulo; d. des + acender > apagar; e. hoje + mente > atualmente.

2. c. Amálgama (*dúvida + hesitante*); d. Palavra derivada por prefixação (prefixo *des-* + forma de base *acender*); e. Palavra derivada por sufixação (forma de base *hoje* + sufixo *-mente*).

Pág. 134

OUTROS TEXTOS

1.1.1. a. 1; b. 12; c. 8; d. 3; e. 4; f. 9; g. 2; h. 13; i. 6; j. 10; k. 11; l. 7; m. 5; n. 14.

1.1.2. Quer o conto de Mia Couto quer o quadro de Chagall têm como tema a criação artística: no conto, foca-se a origem do primeiro poeta e, consequentemente, a génese da poesia; no quadro, representa-se o processo de criação artística.

Pág. 135

Derivação por prefixação e sufixação

Apesar de o *Dicionário Terminológico* não referir explicitamente este processo de afixação, as autoras entenderam por bem referenciá-lo como processo de formação de palavras para que os alunos consigam estabelecer a diferença entre os processos inerentes à formação de palavras como *irrealidade* e *entardecer*. Em ambos os casos estamos perante palavras que se formaram pela associação de prefixos e sufixos a formas de base, mas:

- na **derivação por prefixação e sufixação** a prefixação e a sufixação acontecem em momentos diferentes (existindo por isso as palavras *irreal* e *realidade*);
- na **derivação por parassíntese** o prefixo e o sufixo são associados obrigatoriamente em simultâneo (não existindo, por isso, as palavras **entarde* ou **tardecer*).



PowerPoint® Didáticos

PowerPoint® Processos de formação de palavras disponível nos Recursos do Projeto.

No e-Manual Premium está disponível uma animação sobre os Processos de formação de palavras.

Pág. 136

Flexão dos nomes compostos

Nos PPEB para o 3.º ciclo, um dos descritores de desempenho consiste na capacidade de o aluno “sistematizar padrões de formação de palavras complexas – por composição de duas ou mais formas de base”, sendo que é indicada na coluna adicional a importância da “distinção dos diferentes processos de formação de palavras compostas; observação das classes de palavras, dos elementos que as constituem (foco nas relações, de *coordenação* ou de *subordinação*, que se estabelecem entre esses elementos e possibilidade de flexão em número de cada um deles)”.

De forma a operacionalizar este aspeto, o professor poderá explicar a flexão dos compostos morfossintáticos recorrendo aos conceitos de coordenação e de subordinação:

- há compostos cujas palavras mantêm entre si uma relação de coordenação, ou seja, ambas contribuem da mesma forma para o significado total do composto:
Ex.: *saia-casaco* (neste composto, as duas palavras têm o mesmo valor. O significado do composto é *peça de vestuário que é, ao mesmo tempo, saia e casaco*. Assim, há entre as duas palavras uma relação de coordenação, que pode ser representada desta forma: *saia e casaco*.)
- há compostos cujas palavras mantêm entre si uma relação de subordinação, ou seja, uma delas está subordinada à outra:
Ex.: *bomba-relógio* (Neste composto, a segunda palavra determina a primeira, pois especifica o tipo de *bomba*. Assim, há entre as duas palavras uma relação de subordinação, que pode ser representada desta forma: *bomba que tem um relógio*.)

Pág. 137

EXERCÍCIOS

1. **Negação:** desligar, invulgar, imoral; **Repetição:** recomeçar, reeducar, reentrar; **Agente/instrumento:** pedinte, governante, agressor; **Qualidade/estado:** velhice, tristeza, bondade.
2. **a.** pobres – adjetivo/pobres – nome; **b.** olhar – verbo/olhar – nome; **c.** sobretudo – nome/sobretudo – advérbio.
- 2.1. Conversão ou derivação imprópria.
3. **Exemplo de resposta:** **a.** Será que ele **salvou** o documento antes de desligar o computador?; **b.** O meu irmão passa horas a **navegar** na Internet.

Pág. 138

Informação sobre a obra *Contos*, de Machado de Assis:

Um homem que sente prazer ao torturar ratos e que sente satisfação com a morte da mulher; um triângulo amoroso que acaba de forma trágica; um enfermeiro que atinge o seu limite com um paciente execrável... Estes são apenas alguns exemplos das histórias que poderão ser encontradas nesta coletânea de contos, em que Machado de Assis revela grande maestria na arte de contar e um profundo conhecimento da alma humana.

PRÉ-LEITURA

1.1. b.

Pág. 140

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

- 1.1. **a.**
2. **a.** ll. 1 a 25; **b.** ll. 26 a 42; **c.** ll. 43 a 56.
- 3.1. C., A., B., D., F., E.
- 3.2.1. A agulha usa o trabalho da costureira para se sobrevalorizar, argumentando que é em si que a profissional pega diretamente (e não na linha) para realizar o seu trabalho (ll. 33-35).

Pág. 141

- 3.3.1. **a.** A enumeração, associada à repetição do verbo *pegar*, permite que visualizemos as várias etapas do trabalho de costura; para além disso, transmite a calma e a metodologia características deste ofício.; **b.** A personificação, presente na utilização do adjetivo “*orgulhosas*”, realça a principal característica psicológica quer da linha quer da agulha (Nota: o género textual *apólogo* baseia-se na personificação); **c.** A comparação realça a destreza e a rapidez da costureira (trata-se de uma comparação mitológica, que assemelha a forma como a costureira trabalha à agilidade com que os cães de Diana, deusa da caça, perseguem as suas presas); **d.** A antítese, presente na oposição de sentido dos adjetivos “*aberto*” e “*enchido*”, intensifica a oposição entre a função da agulha e da linha; a dupla adjetivação (“*silenciosa*” e “*ativa*”) realça o perfil psicológico da linha – que, para além de cumprir a sua função, trabalha em silêncio, ao contrário da agulha.; **e.** A onomatopeia (“*plic-plic-plic-plic*”) realça o som produzido pela agulha ao furar o pano; além disso, indica que o diálogo entre a linha e a agulha terminou, sugerindo ainda o silêncio com que a linha trabalha.
- 3.4.1. A reviravolta da ação dá-se quando a baronesa veste o vestido cosido pela linha e pela agulha para ir ao baile; nesse momento, a linha assume todo o protagonismo pois, enquanto a agulha volta para a “*caixinha da costureira*” (l. 50), ela “*vai dançar com ministros e diplomatas*” (ll. 49-50).
4. Face à história que lhe é contada pelo narrador, o “*professor de melancolia*” conclui que também ele tem “*servido de agulha a muita linha ordinária*” (ll. 58-59), ou seja, também ele se limita a abrir caminho para que os outros gozem a vida e sejam bem-sucedidos graças ao trabalho alheio.
- 5.1. Este texto é um apólogo que demonstra que há quem se aproveite e seja bem-sucedido graças ao trabalho dos outros, não se reconhecendo o devido valor a quem efetivamente fez o trabalho. É a esta moral que o “*professor de melancolia*” alude, na última frase do texto.

GRAMÁTICA

- 1.1. **Exemplo de resposta:** **a.** humilde; **b.** primeiras; **c.** locais; **d.** socialmente; **e.** família; **f.** superioridade; **g.** nasceu; **h.** era; **i.** tendo; **j.** graças à.

Pág. 142

- 2.1. **a.** gerúndio; **b.** preposições; **c.** você; **d.** vocabulário/léxico.
3. **a.** A agulha perguntou à linha por que razão estava ela com aquele ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que valia alguma coisa naquele mundo.; **b.** A linha pediu à agulha que a deixasse.; **c.** A agulha indagou à senhora linha se ela ainda teimava no que dizia havia algum tempo, perguntando ainda se não tinha reparado que aquela distinta costureira só se importava com ela.

OUTROS TEXTOS / ORALIDADE



Materiais áudio

Leitura expressiva do apólogo “O pote de barro e o pote de ferro” e respetiva transcrição do texto (in *Fábulas de La Fontaine*, trad. e adapt. de Maria Alberta Menéres) disponíveis nos Recursos do Projeto.

Pré-escuta

1. Um apólogo é uma narrativa cujas personagens são seres inanimados e que tem uma intenção moralizante.

Escuta

2. **a. F.** – O convite foi feito pelo pote de ferro.; **b. V.**; **c. F.** – O pote de ferro persuadiu o amigo a viajar com ele.; **d. F.** – O pote de ferro chegou intacto ao destino; no entanto, o pote de barro, por ter chocado constantemente com o pote de ferro, quebrou-se.

Pós-escuta

3.1. Resposta pessoal.

Sugestões de resposta:

– Concordo com a afirmação, pois o juntarmo-nos ou o deixarmo-nos influenciar por pessoas diferentes de nós (na forma de ser ou de pensar, por exemplo) poderá trazer-nos consequências negativas.

– Discordo da afirmação, pois devemos socializar e ser cordiais com todo o tipo de pessoas, mesmo com aquelas que são diferentes de nós (na forma de ser ou de pensar, por exemplo).

Caderno de Atividades

p. 48

Exercícios sobre as variedades do português.

Pág. 143

Informação sobre a obra *Comédias para se Ler na Escola*, de Luís Fernando Veríssimo:

Os muitos leitores portugueses que apreciam o estilo gostoso de Luís Fernando Veríssimo, um dos mestres brasileiros na arte de bem escrever em pouco espaço, não vão ficar desiludidos com estas *Comédias para se Ler na Escola*. Na linha do anterior *As Mentiras que os Homens Contam* (Dom Quixote), o livro reúne 35 das centenas de crónicas que LFV foi publicando, na imprensa do seu país, durante os últimos anos. O registo é o de sempre: uma linguagem acessível, muito terra a terra e coloquial (embora por vezes se ofereça requintes de erudito); um talento único para criar situações absurdas; frases soltas que são verdadeiras pérolas; diálogos hilariantes e uma multidão de personagens caricatas, como só ele sabe inventar.

José Mário Silva, in *Diário de Notícias*, 30-01-2003

PRÉ-LEITURA
 Materiais projetáveis

História da fotografia, disponível nos **Recursos do Projeto**.

1.1. **B.; A.; C.; E.; D.**

 Materiais áudio

Leitura expressiva do texto disponível nos **Recursos do Projeto**.

Pág. 144**EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA**

1. **a.** fotografia; **b.** bisavós; **c.** fotógrafo; **d.** discussão; **e.** bisavô.

Pág. 145

2.1. Os intervenientes na discussão foram Castelo, Bitinha e Andradina. Castelo não poderia ser o fotógrafo, pois era o genro mais velho e sustentava os bisavós (ll. 10-11); Bitinha não queria que Mário César (o seu marido) tirasse a fotografia, pois considerava que a família não o valorizava o suficiente (ll. 14-16); finalmente, também Andradina se opôs a que o filho Dudu assumisse esse papel (ll. 20-23), provavelmente como resposta à insinuação maldosa de Bitinha.

3.1. 1. **e., h.;** 2. **g.;** 3. **a., c., d.;** 4. **g.;** 5. **b.;** 6. **f.**

4.1. O recurso expressivo é a metáfora (ideia sepultada/ideia não aceite), que realça a forma como a proposta de se tirarem várias fotografias (revezando-se o fotógrafo) foi mal acolhida e rejeitada pela família.

5.1. O bisavô, que supostamente deveria ser protagonista da fotografia (juntamente com a bisavó), constatando que nenhum dos membros da sua família queria abdicar de estar presente no retrato, renuncia ao protagonismo que lhe fora dado e assume o papel de fotógrafo. Critica-se assim, recorrendo à ironia, o egoísmo da maioria das restantes personagens, que contrasta de forma flagrante com o altruísmo do bisavô.

5.2. O comportamento final do bisavô, pautado pela ironia, para além de ter uma intenção crítica, provoca o riso – justifica-se, assim, a sua inclusão num livro intitulado *Comédias para se Ler na Escola*.

6.1. **Sugestão de resposta:** A narração está presente em “*O Dudu se prontificou a tirar a fotografia*” (l. 21) – neste excerto narra-se um acontecimento. A descrição está presente na frase “*A bisá e o bisá sentados, filhos, filhas, noras, genros e netos em volta, bisnetos em frente, esparramados pelo chão.*” (ll. 3-4) – neste excerto descreve-se uma situação. O diálogo está presente em “– *Dá aqui. [...] – Eu fico implícito*” (ll. 35-39) – através do discurso direto reproduzem-se as falas das personagens.

GRAMÁTICA

1.1. **a.** ...filhos, filhas, noras, genros e netos à volta (emprego distinto de preposições e artigos no mesmo contexto frásico) – *em/a* (PB: em volta; PE: à volta); **b.** *Ora*, tira(-a) tu mesmo! (PB: utilização, em registo informal, da forma de tratamento “*você*” e da interjeição “*ué*”; PE: utilização, em registo informal, da forma de tratamento *tu* e da interjeição *ora*); **c.** O Dudu prontificou-se a tirar a fotografia (colocação do pronome pessoal: PB: antes da forma verbal – “*se prontificou*”; PE: depois da forma verbal – “*prontificou-se*”); **d.** Cada genro tira uma foto (especificidade lexical: PB: bater uma foto / PE: tirar uma foto).

Pág. 146**OUTROS TEXTOS**

1.1.1. **c.**

1.1.2. **b.**

1.1.3. **a.**

Pág. 147

Informação sobre a obra *O Mundo dos Outros*, de José Gomes Ferreira:

O Mundo dos Outros é constituído por uma série de crónicas de Lisboa [...], onde o quotidiano é transfigurado, e o encantamento e desencantamento, real-sonho, verdadeiro-falso, se alternam – uma reflexão automatizada a que o autor recorre para tornar mais perceptível e radical o desmascarar da realidade, segundo a sua cosmovisão. É, por isso, uma das obras máximas produzidas pelo neorrealismo português.

in http://www.citi.pt/cultura/literatura/poesia/j_g_ferreira/outros.html (consult. em 12-08-2011 e com supressões)

PRÉ-LEITURA

1.1. Resposta pessoal.

1.2. Resposta pessoal.

Título original da fotografia: “Elevador celestial”.

Pág. 150

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

1.1. Ao longo do texto, existe uma oposição entre o “grupo de sonhadores” e o narrador: os primeiros limitam-se a observar uma nuvem e a interpretar a sua forma de acordo com o que veem (ll. 1-15); o narrador, ao mesmo tempo que, em conjunto com o grupo, interpreta a forma da nuvem (ll. 16-19 e 80-81), reflete interiormente sobre a sua personalidade, dando-nos a conhecer o seu espaço psicológico (ll. 20-79).

2. B., D., C., E., A.

3.1. c.; 3.2. b.; 3.3. a.

4. A dificuldade da “técnica de viver duas vezes ao mesmo tempo” reside em manter o equilíbrio entre as duas vidas simultâneas, pois estas nem sempre conseguem coexistir em harmonia.

5. Surge no seu íntimo a imagem de que também ele é uma nuvem.

5.1. O narrador utiliza uma metáfora.

5.2. A diferença reside no facto de a nuvem ser constituída por vapor, enquanto o narrador é de carne e osso, tendo pernas, olhos, baço, fígado e até dor de cabeça. Quanto às semelhanças, ambos estão sujeitos ao facto de ninguém os ver do mesmo modo; também estão igualmente sujeitos à tirania dos ventos, por não possuírem um carácter unânime.

Pág. 151

6.1. A causa será a vontade de cada qual ver no narrador aquilo que mais lhe convém: “Há patetas que me julgam engraçadíssimo”; “outros que choram tédio mal envesgam a minha cara longa de gato-pingado”; “Horrorizo meia dúzia de pessoas com a minha má-criação”; “fascino outra dúzia com a amenidade de açúcar do meu temperamento” (ll. 51-55).

7. O narrador tem consciência de que nunca foi ele próprio e de que se ajusta ao jogo social de ser aquilo que os outros esperam dele. Para transmitir essa ideia, identifica-se, metaforicamente, com a nuvem (como ela, está “sujeito à tirania de ventos semelhantes e ao mesmo destino vário de não possuir um carácter de aceitação unânime.”; ll. 43-44) e com a figura de Proteu (já que muda constantemente de forma/carácter, a fim de corresponder às expectativas dos outros). Através da enumeração e da antítese, apresenta as várias formas – por vezes antagónicas/contraditórias – de como se pode apresentar em público: “bom, mau, epilético, filósofo, íntegro, puritano, devasso, pianista, sonâmbulo...” (ll. 76-77).

GRAMÁTICA

1.1. “franze os lábios no desacordo lento de ruminar em voz alta” (ll. 6-7); “acode” (l. 11); “opto resolutamente” (ll. 17-18); “continuo a teimar” (l. 80).

OUTROS TEXTOS / ORALIDADE

1.1. Resposta pessoal.

Sugestão de tópico a abordar: O ajuste do narrador de “Parece impossível mas sou uma nuvem” ao jogo social de ser aquilo que os outros esperam dele é comparável ao político/orador que se adapta ao auditório, recorrendo ao riso simulado como mecanismo de persuasão.

Nota: Pode saber mais sobre Mordillo em <http://www.mordillo.com/> (consult. em 30-10-2013).

Sugestão:



Outros textos

Para um interessante trabalho de intertextualidade, o professor tem ao seu dispor, nos Recursos do Projeto, informação sobre Vladimir Maiakóvski e um texto intitulado “Nacos de Nuvem”, que levará os alunos a conhecerem a poesia deste autor e a perceberem como, através da poesia, se podem transmitir imagens visuais e a sensação de movimento.

Pág. 153

EXERCÍCIO

1. O ponto final marca o final de uma frase declarativa. O ponto de interrogação marca o final de uma frase interrogativa. As vírgulas delimitam uma expressão espacial (“nas ruas”) e isolam o modificador apositivo do nome (“impassível”). Os dois pontos introduzem uma citação (depois de “Heraclito”) e o discurso direto (depois de “perguntou”). As aspas delimitam uma citação. Os travessões delimitam o discurso direto.

Pág. 154

Informação sobre a obra *O Dia Cinzento e Outros Contos*, de Mário Dionísio:

Constituindo uma antologia de 15 contos, o livro *O Dia Cinzento e Outros Contos* foi escrito e publicado pela primeira vez em 1944. Na introdução da obra, Mário Dionísio refere que, ao escrever os contos em causa, não era movido pela “mínima ambição literária”, mas outra, muito mais ambiciosa e mais ingénua, que era a de acordar naqueles que o lessem a consciência da injustiça social e a necessidade de agirem contra ela.”

Mário Dionísio, in *O Dia Cinzento e Outros Contos*, Europa-América, 4.ª ed., 2011

PRÉ-LEITURA

1. Elétrico ou carro elétrico.

1.1. Resposta pessoal. **Sugestão de resposta:** O elétrico é um meio de transporte que funciona por tração de um motor elétrico. A energia que faz mover este veículo é gerada num ponto fixo e distribuída por um cabo elétrico suspenso ao longo do percurso.



Outros textos

Verbetes “Carro elétrico”, da *Infopédia*, disponível no Recursos do Projeto.

Pág. 158

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

1.1. O conto é constituído por três partes: situação inicial (ll. 1-58), peripécias (ll. 59-134) e situação final (ll. 135-149). Na primeira parte, descreve-se o ambiente e as convenções rotineiras vividas numa viagem de elétrico; na segunda parte, narra-se um acontecimento inusitado vivido numa determinada viagem de elétrico: um homem, depois de incomodar os restantes passageiros para se sentar, começa a assobiar, quebrando as convenções sociais; a dada altura, levanta-se e sai do elétrico. Finalmente, na situação final, apresenta-se o desfecho da ação, explicitando-se a atitude dos demais passageiros: todos se riem momentaneamente, mas, confrontados com a desadequação do próprio comportamento, rapidamente recuperam a compostura, voltando ao estado inicial.

2.1. **a.** Vestido de forma modesta; **b.** Bem vestidos e arranjados; **c.** Comportamento desadequado e irreverente, baseado no desrespeito pelas convenções sociais; **d.** Comportamento socialmente adequado/politicamente correto, tendo em conta a distinção entre classes ricas/classes pobres; **e.** Personagem irreverente, com espírito crítico e que, consciente da igualdade social a que tem direito, luta pelos seus direitos.; **f.** Personagens que tendem a não exteriorizar os seus sentimentos e a agir de forma artificial e convencional, empenhadas em manter a estratificação social.

2.2. Resposta pessoal.

3.1. Quanto à participação, o narrador é heterodiegético, pois não participa na história como personagem e narra a ação na terceira pessoa.

3.2. **a.** O facto de estarem num espaço apertado levava as pessoas a interagir umas com as outras, contra a sua vontade, devido à necessidade de se desculparem por incomodarem os outros com a sua presença.; **b.** Por respeito às convenções sociais, os homens que se consideravam cavalheiros e as mulheres de condição social mais baixa não se sentavam, para que as senhoras da alta sociedade pudessem fazê-lo.; **c.** As pessoas olhavam para o homem, sem se perceber, no entanto, que sentimento as motivava (alegria, desprezo ou inveja).; **d.** Envergonhadas por terem exteriorizado os seus sentimentos, as pessoas voltaram a calar-se e recuperaram a compostura.

3.2.1. **a.** Nesta afirmação estão presentes uma metáfora e uma antítese.; **b.** Nesta afirmação destaca-se a ironia (construída com base no uso expressivo do advérbio, do adjetivo valorativo e do diminutivo).; **c.** Nesta afirmação demarca-se a enumeração e a interrogação

Pág. 159

retórica.; **d.** Nesta afirmação sobressai a metáfora e a utilização expressiva do advérbio, que se traduzem num tom irónico e de censura.

3.2.2. O narrador é subjetivo, revelando um tom crítico e de censura em relação ao comportamento das pessoas.

4. Resposta pessoal. **Sugestão de resposta:** Este conto pretende alertar os leitores para a consciência da injustiça social e criar neles a necessidade de agirem contra essa mesma injustiça.

4.1. O título “Assobiando à vontade” remete para o comportamento do protagonista do conto; esse comportamento poderá ser entendido exatamente como uma forma de lutar contras as convenções sociais que se baseiam na estratificação social e na desigualdade de direitos.

GRAMÁTICA

1.1. 1. c.; 2. a.; 3. e.; 4. d.; 5. b.

OUTROS TEXTOS / ESCRITA

1.1. Resposta pessoal. **Exemplo de resposta:** **a.** Apanhar o metro da linha Azul em direção a Santa Apolónia e sair na estação do Marquês de Pombal. Aí, apanhar o metro da Linha Amarela em direção a Odivelas e sair na estação do Campo Grande; finalmente, apanhar o metro da Linha Verde em direção a Telheiras e sair em Telheiras.; **b.** Apanhar o comboio em Benfica em direção a Roma/Areeiro e sair em Entrecampos; aí, apanhar o metro da Linha Amarela em direção a Odivelas e sair na primeira estação (Cidade Universitária).; **c.** Apanhar o metro da Linha Vermelha e sair na estação da Alameda; aí, apanhar o metro da Linha Verde em direção ao Cais do Sodré e sair na última estação. Aí, apanhar o comboio com destino a Cascais e sair na estação de Belém.



Materiais projetáveis

Diagrama da rede de transportes de Lisboa disponível nos Recursos do Projeto.

Pág. 162

Informação sobre o conto “Retrato de Mónica”, in *Contos Exemplares*, de Sophia de Mello Breyner Andresen:

Há uma narrativa breve nos *Contos Exemplares* de Sophia de Mello Breyner que sempre me impressionou. Chama-se “Retrato de Mónica” e é uma sátira feroz da alta burguesia dominante sob a ditadura de Salazar. Como o regime da sátira não é habitual em Sophia, este conto coloca-se em manifesta dissonância em relação aos outros contos e à restante obra da autora. [...]

Mónica é, ao que parece, um retrato de Cecília Supico Pinto, a famosa “Cilinha”, como era conhecida na época. Mulher de Luís Supico Pinto, que ocupou importantes cargos políticos e administrativos e foi um dos homens de confiança de Salazar, Cecília Supico Pinto criou o Movimento Nacional Feminino, de que foi presidente entre 1961 e 1974. [...]

Em “Retrato de Mónica”, Sophia mobiliza todos os recursos irónicos para traçar a caricatura da mulher de sociedade que “faz casacos de tricô para as crianças que os seus amigos condenam à fome” [...], íntima de poderosos e esteio fiel do ditador [...].

Clara Rocha, “Para uma leitura dos *Contos Exemplares*”, in *Máthesis*, 10, 2001



Textos complementares

Este artigo de Clara Rocha encontra-se disponível para consulta nos Recursos do Projeto.

PRÉ-LEITURA

1. Resposta pessoal.

Sugestão de resposta: A personagem representada parece ter uma personalidade *snob*, fria, altiva e até calculista.



Materiais áudio

Leitura expressiva do texto disponível nos Recursos do Projeto.

Pág. 164

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

1.1. 1. c.; 2. e.; 3. a.; 4. g.; 5. f.; 6. b.; 7. d.

1.2. O recurso expressivo é a ironia.

Pág. 165

2.1. A personagem “teve que renunciar a três coisas: à poesia, ao amor e à santidade” (ll. 16-17).

2.2. A renúncia à poesia verifica-se no facto de Mónica não fazer nada desinteressadamente, tendo sempre em conta “o grau de utilidade de todas as situações e de todas as pessoas” (ll. 26-27). A renúncia ao amor verifica-se na relação que se estabelece entre ela e o marido – não se trata de uma relação motivada pelo amor, mas antes pelo interesse e pelo negócio. Finalmente, a renúncia à santidade é constatável na sua falsa caridade e solidariedade (não tendo em consideração as verdadeiras necessidades daqueles que supostamente ajuda e humilhando quem pertence a estratos sociais mais baixos).

3.1. a. Através de uma longa enumeração (levada ao extremo), o narrador demonstra que Mónica tem os dias bastante ocupados com atividades fúteis e egoístas.; b. O narrador recorre à comparação, com o intuito de realçar o carácter interesseiro e calculista de Mónica, que se aproxima dos outros depois de ter analisado/medido rigorosamente a forma como estes lhe poderão ser úteis.; c. Através da hipérbole (antitética), o narrador demonstra que tudo o que acontece a Mónica é planeado e vantajoso, mesmo o que os outros encaram como desgostos.; d. O narrador sugere, através da hipérbole, que Mónica é tão deslumbrante, que se torna o centro das atenções em qualquer local – mesmo na praia, em que o centro das atenções devia ser o sol. O deslumbramento que Mónica exerce sobre os outros é ainda realçado pela personificação do Sol (que se enerva/sente inveja de Mónica, por esta lhe tirar o protagonismo).; e. Por meio da hipérbole, o narrador intensifica a “falsa” solidariedade/caridade de Mónica relativamente aos mais desfavorecidos.; f. A metáfora intensifica o domínio que Mónica exerce sobre a sociedade, nunca se sujeitando a uma situação de humilhação.

4.1. O “Príncipe deste Mundo” parece ser alguém com muito poder; trata-se de uma entidade soberana, a quem Mónica serve e por quem é servida, pela sua maneira de ser e de estar na sociedade.

5. Mónica representa um grupo social, como o demonstra a frase “Tenho conhecido na vida muitas pessoas parecidas com a Mónica” (l. 11). Simboliza a alta burguesia materialista, que domina o resto da sociedade.

5.1. Mónica é uma personagem-tipo.

Nota: De acordo com Clara Rocha, “Retrato de Mónica” é uma sátira feroz da alta burguesia dominante sob a ditadura de Salazar.

GRAMÁTICA

1.1. b.; 1.2. a.

Pág. 166

2. a. Oração subordinada adverbial temporal; b. Oração subordinada substantiva completiva.

3. c., e., h.

4. a. Mónica é tão extraordinária que não envelhece.; b. Sempre que/Quando chega ao cabeleireiro, Mónica eleva o tom de voz.; c. Mónica esconde um desgosto, pois os seus olhos não mentem.

ESCRITA



Materiais de apoio ao professor

Grelha de avaliação da escrita disponível nos Recursos do Projeto.

Pág. 167

Conjunções correlativas

De acordo com o *Dicionário Terminológico*, as seguintes conjunções são classificadas como correlativas: *nem ... nem, quer ... quer, ora ... ora, seja ... seja*.

Pois (conector conclusivo)

Pois é uma conjunção coordenativa explicativa. No entanto, poderá ser um conector com valor conclusivo quando se encontra posposto ao verbo.

Ex.: *Descansei bastante este fim de semana, sinto-me, pois, completamente revigorado.*



PowerPoint® Didáticos

PowerPoint® Coordenação e subordinação disponível nos Recursos do Projeto.

No e-Manual Premium está disponível uma animação sobre Coordenação e subordinação.

Pág. 168

Oração subordinada substantiva (completiva)

As orações subordinadas substantivas (completivas) podem ser complemento não só de verbos, com também de nomes e de adjetivos; no entanto, como as funções sintáticas de complemento do nome e complemento do adjetivo não são abordadas no 3.º ciclo, as autoras referem apenas a função sintática de complemento do verbo.

Preposição/Locução prepositiva e Conjunção (p. 169)

Para é uma preposição que funciona como conjunção, nas situações em que introduz orações subordinadas adverbiais finais não finitas.

Ex.: *Telefonei para fazer uma reserva.*

Pode observar-se um funcionamento semelhante com a preposição *por*, com as locuções prepositivas *antes de*, *depois de*, *a fim de*, *no caso de* e com alguns participípios (*visto*, *dado*), que introduzem as orações subordinadas adverbiais não finitas (temporais, causais...).

Pág. 169

Locuções conjuncionais (subordinativas) / Locuções prepositivas

As locuções prepositivas distinguem-se das locuções conjuncionais, pois as primeiras são expressões constituídas por dois ou mais vocábulos, sendo o último uma preposição; as locuções conjuncionais (subordinativas) são expressões constituídas por dois ou mais vocábulos, sendo o último a conjunção *que*, ou expressões constituídas por dois ou mais vocábulos, sendo um deles uma conjunção.

Conectores com o valor de conjunções subordinativas

Para além das conjunções e das locuções conjuncionais subordinativas, as orações subordinadas podem também ser introduzidas por outros conectores, geralmente preposições e locuções prepositivas, que funcionam como aquelas. Normalmente, estes conectores introduzem orações subordinadas não finitas.

Ex.: O João arrumou o quarto *[antes de a mãe chegar]*.

[Apesar de ter comido muito], continuo com fome.

EXERCÍCIOS

1. **a.** *Os meus avós prometeram* – elemento subordinante; *que me levavam ao cinema* – oração subordinada substantiva completiva; **b.** *Logo que chegues* – oração subordinada adverbial temporal; *telefona-me* – oração subordinante; **c.** *Como não tenho fome* – oração subordinada adverbial causal; *não almoço já* – oração subordinante; **d.** *A casa vai ser demolida* – oração subordinante; *onde morava* – oração subordinada adjetiva relativa restritiva; **e.** *Salvo se já tiver terminado o trabalho* – oração subordinada adverbial condicional; *não sairei de casa* – oração subordinante; **f.** *Disseram* – elemento subordinante; *que o prazo termina hoje* – oração subordinada substantiva completiva; **g.** *Este pai é o encarregado de educação do Luís* – oração subordinante; *que entrou agora* – oração subordinada adjetiva relativa restritiva.

1.1. **a.** *Os meus avós prometeram*; **b.** *telefona-me*; **c.** *não almoço já*; **d.** *A casa*; **e.** *não sairei de casa*; **f.** *Disseram*; **g.** *Este pai*.

Pág. 170

Informação sobre a obra *Contos*, de Eça de Queirós:

Para além de um excelente romancista, Eça de Queirós é reconhecido pela sua capacidade de contista. Na obra *Contos*, encontramos uma série de textos muito conhecidos e estimados pelos leitores, como “Singularidades de uma Rapariga Loura”, “Um Poeta Lírico”, “No Moinho”, “Civilização”, “O Tesouro”, “Frei Genebro”, “Adão e Eva no Paraíso”, “A Aia”, “O Defunto”, “José Matias”, “A Perfeição” e “O Suave Milagre”.

Sugestão:

Para saber mais sobre este autor e a fundação em seu nome, poderá aceder a <http://www.feq.pt/> (consult. em 03-10-2013).

Textos complementares

Poderá saber mais sobre este conto, lendo um artigo de Rosa Maria Soares Couto, “Do Conto Tradicional ao Conto de Autor. O Tesouro de Eça de Queirós – uma Abordagem Didática”, publicado em 2008 na revista *Máthesis*, n.º 17, disponível nos Recursos do Projeto.

Materiais áudio

Leitura expressiva do conto “O tesouro”, por Luís Gaspar, disponível nos Recursos do Projeto.

PRÉ-LEITURA

1.1. Na imagem, estão representados três indivíduos que aparentam ser necessitados, rudes e gananciosos.

Pág. 176

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

1.1. 1. f.; 2. d.; 3. l.; 4. h.; 5. c.; 6. b.; 7. o.; 8. p.; 9. e.; 10. j.; 11. g.; 12. i.; 13. q.; 14. n.; 15. a.; 16. s.; 17. r.; 18. m.; 19. k.; 20. t.

2. Introdução (ll. 1-10): Apresentação dos três irmãos e do seu modo de vida.

Desenvolvimento (ll. 11-191): Descoberta do tesouro pelos três irmãos, motivadora do triplo fratricídio.

Conclusão (ll. 192-196): Morte dos irmãos como resultado da sua ambição e permanência do tesouro na mata.

Introdução

3. Sugestão:

 O professor poderá articular/complementar a resolução do exercício com uma atividade de compreensão do oral, reproduzindo a leitura expressiva dos dois parágrafos iniciais do texto (disponível nos Recursos do Projeto).

3.1. **a.** “três irmãos de Medranhos”, “os fidalgos mais famintos e os mais remendados”, “engelhados nos seus pelotes de camelo”, “batendo as solas rotas”, “mais bravios que lobos”; **b.** “em todo o Reino das Astúrias”, “Nos Paços de Medranhos”; **c.** “os fidalgos mais famintos e os mais remendados” (nobreza empobrecida); **d.** “as tardes desse inverno”; **e.** “em todo o reino das Astúrias” (Idade Média).

Pág. 177

Desenvolvimento

4.1. D., B., G., A., F., C., E., H.

5.1. 1. c.; 2. e.; 3. a.; 4. f.; 5. g.; 6. b.; 7. d.

Sugestão: A propósito da simbologia do número três, o professor poderá referir que este número está presente em diversos ditados, provérbios, expressões, conceitos:

– “Três foi a conta que Deus fez.”;

– “À terceira é de vez.”;

– “bater três vezes na madeira” (para afastar o azar);

- “dar três vivas” (para celebrar algo);
- noção de família (pai, mãe e filho);
- três poderes (jurídico, executivo e legislativo);
- três ciclos da vida (nascimento, crescimento e morte);
- três esferas do Universo (natural, humano e divino);
- visão do tempo (passado, presente e futuro);
- Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo);
- governo do mundo, segundo os Gregos, por três deuses (Zeus nos céus, Poseidon no mar e Hades nos infernos)...

5.2. Se o tesouro simbolizar a perfeição, a harmonia, a felicidade, a sua descoberta poderá representar o acesso a esses estados.

6. Neste momento da ação, o sentimento que domina Guanes e Rostabal é a desconfiança: “*E de novo recuaram, [...] os cabos das grandes facas.*” (ll. 22-24); “*Mas Guanes não se arredava do cofre [...] pescoço de grou.*” (ll. 39-40).

6.1.1. Já que o baú era pesado e teriam de ser os cavalos a levá-lo para Medranhos, Guanes, o irmão mais ágil e rápido, iria a Retortilho comprar alforques, comida e bebida; depois de escurecer, os três irmãos levariam o ouro para casa, discretamente.

6.1.2. Resposta pessoal.

Sugestão de resposta: O sorriso de Rui poderá indiciar o seu calculismo, a sua saguza e a sua ambição desmedida – apercebendo-se de que os irmãos estão desconfiados, Rui poderá estar já a conceber um plano para usar essa desconfiança em proveito próprio e ficar com o tesouro só para si.

6.1.3. Resposta pessoal.

Sugestão de resposta: Ao fecharem o cofre e ao separarem as chaves, os três irmãos poderão estar a vedar o acesso à perfeição, à harmonia e à união.

Pág. 178

7.1. Rui argumenta que Guanes não só não dividiria o tesouro caso o encontrasse sozinho, como também que é um dissipador e que está doente, pelo que gastará, rapidamente e em vão, a sua parte do tesouro; por outro lado, acrescenta ainda que o dinheiro é necessário para reconstruir os Paços de Medranhos e para que Rostabal viva condignamente a sua situação de irmão mais velho.

7.2. A argumentação de Rui é bem-sucedida, pois Rostabal fica determinado a matar Guanes, para não ter de repartir o tesouro com ele.

7.3.1. Rostabal lava “*ruidosamente a face e as barbas*”, pois sente necessidade de se purificar pelo fratricídio cometido (em termos simbólicos, a água tem uma função purificadora).

7.4.1. Ao contrário de Rui, que se revela inumano e cruel ao matar o irmão, o animal demonstra lealdade e piedade para com o dono.

8.1. Rui morre envenenado.

8.1.1. A analepse que o confirma é “*Porque Guanes [...] dono de todo o tesouro.*” (ll. 188-191).

9.1. A tranquilidade da Natureza e o cenário idílico que serve de fundo ao conto contrastam com o comportamento e com o carácter rude, cruel e horrendo dos irmãos. Este espaço, caracterizado pelo renascimento primaveril da Natureza (“*relva nova de abril*”), seria propício a um crescimento interior por parte dos protagonistas. Todavia, o decurso da ação revela-nos que a beleza e harmonia natural contrastam com a decadência moral de Rui, Guanes e Rostabal.

Nota: O professor poderá salientar que a ação decorre num domingo, dia marcado pela noção de sagrado, família e valores cristãos como o perdão, a bondade e a solidariedade.

10.1. Constituem indícios trágicos a cantiga popular entoada por Guanes, o repique dos sinos, o bando de corvos a grasnar, as referências à cor vermelha (a pluma que “*vermelhejou*”)...

11. Todos os irmãos são ambiciosos, calculistas, materialistas e sanguinários – a prová-lo está o facto de cada um ser diretamente responsável pela morte de um dos irmãos. No entanto, Rui, “*o mais avisado*”, parece ter pior carácter que os irmãos, na medida em que instiga Rostabal, mais ingénuo, a matar Guanes. Guanes é também bastante traiçoeiro – pois planeia matar os irmãos com veneno; Rostabal, por seu turno, parece arrepende-se de matar Guanes (cf. forma como se lava na fonte após o fratricídio, como se procurasse purificar-se pelo ato cometido).

Pág. 179

Conclusão

12. No final do conto, há como que uma tentativa de “apagamento” do triplo fratricídio cometido: a escuridão quase completa (há apenas uma estrela a tremeluzir no céu) não permite que se vejam os corpos; os corvos, conhecidos pelos seus hábitos necrófagos, preparam-se para se alimentar do corpo de Guanes; o corpo de Rostabal é lavado/purificado pela fonte; a face de Rui está “*Meio enterrada na erva negra*” (l. 194), tornando-se também ela negra.

13. Resposta pessoal.

Sugestão de resposta:

Inserir num espaço paradisíaco, o tesouro representa a possibilidade de os irmãos mudarem de vida e se engrandecerem interiormente (ou seja, para além de enriquecerem financeiramente, a sua cooperação na partilha do tesouro trazer-lhes-ia riqueza interior). Infelizmente, a descoberta do tesouro só desperta o materialismo, a ambição e um lado negativo e cruel dos irmãos.

Em suma, a ambição desmedida impede-nos de acedermos e usufruirmos dos tesouros que encontramos ao longo da vida (ou seja, impede-nos de ser felizes).

Linguagem e estilo de Eça de Queirós

1.1. **a.** O advérbio acentua a agressividade do ato da personagem.; **b.** e **c.** O advérbio indicia premeditação e sangue-frio no crime.; **d.** O advérbio reforça a satisfação maquiavélica de Rui.

2.1. **Vertical:** 1. interrogação retórica. **Horizontais:** 2. hipérbole, 3. adjetivação, 4. enumeração, 5. ironia, 6. apóstrofe, 7. personificação, 8. comparação.

2.1.1. **5.** A ironia realça o tom crítico do narrador em relação à forma ingénua como D. Rui se deixou enganar por Guanes – apesar de ser “*avisado*”, Rui não percebeu por que razão Guanes tinha comprado apenas duas garrafas de vinho (e não três).; **7.** A personificação realça o som suave e harmonioso emitido pela água, o que poderá remeter também para a sua função purificadora.; **8.** A comparação realça o isolamento social em que os três irmãos viviam, devido à miséria.

3.1. **Sensações auditivas:** a.; e.; f.

Sensações visuais: b.; c.; d.; e.

Sensações olfativas: c.

Pág. 180

GRAMÁTICA

1. **a.** Depois, através do pátio, os três irmãos iam dormir à estrebaria. – frase simples.; **b.** Os três senhores riram tão alto – oração subordinante; que as folhas dos olmos tremam. – oração subordinada adverbial consecutiva.; **c.** O tesouro seria bem aceite – oração coordenada; ou viesse de Deus ou [viesse] do Demónio – orações coordenadas disjuntivas.; **d.** Rui entendia – elemento subordinante; que o mano Guanes deveria trotar até Retortilho – oração subordinada substantiva completiva; e [deveria] comprar alforques, cevada, carne e vinho – oração coordenada copulativa.; **e.** Não convinha – elemento subordinante; que os senhores de Medranhos saíssem da mata com o seu bem – oração subordinada substantiva completiva; antes que viesse a noite – oração subordinada adverbial temporal.; **f.** Embora houvesse muitas moedas – oração subordinada adverbial concessiva; Rui queria-as todas para si. – oração subordinante.

ESCRITA



Materiais de apoio ao professor

Grelha de avaliação da escrita disponível nos Recursos do Projeto.



Materiais áudio

Sugestões:

O professor poderá proporcionar aos alunos a audição da conclusão do conto, disponível nos Recursos do Projeto, como motivação para a redação do texto.

Como trabalho de intertextualidade, dentro da obra do mesmo autor, disponibiliza-se, nos Recursos do Projeto, a leitura expressiva (e respetiva transcrição) da parte final do conto de Eça de Queirós “O suave Milagre”, feita por Luís Gaspar.

Pág. 181

Informação sobre a obra *A Inaudita Guerra da Avenida Gago Coutinho e Outras Histórias*, de Mário de Carvalho:

Este livro inclui os seguintes contos: “A inaudita guerra da Avenida Gago Coutinho”, “In excelsum”, “Ignotus Deus”, “Dies irae”, “O nó estatístico” e “Pede poena claud...”.

PRÉ-LEITURA

1.1. Resposta pessoal.

Sugestão de resposta: A ação do conto poderá consistir numa guerra de que nunca se ouviu falar e/ou fantástica, ocorrida na Avenida Gago Coutinho (avenida situada em Lisboa).



Textos complementares

Poderá saber mais sobre este conto, lendo um artigo de Rosa Maria Soares Couto, “Subsídios para uma leitura orientada do conto A inaudita guerra da Avenida Gago Coutinho de Mário de Carvalho”, publicado em 2003 na revista *Máthesis*, n.º 12, disponível nos Recursos do Projeto.

Pág. 186

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA (pág. 187)

1.1. **Grupo I:** “Homero”: poeta grego que viveu nos anos 900 a. C., autor da *Ilíada* e da *Odisseia*; “Horácio”: poeta latino que nasceu em Venusia em 65 a. C. e que morreu em Roma em 8 a. C.; “rio Letes”: rio que, segundo a mitologia, se situava no Hades e cujas águas apagavam as memórias dos que nele se banhavam; “ambrósia”: alimento dos deuses.

Grupo II: “Lixbuna”: Lisboa; “jinns”: génios capazes de assumir forma humana (mitologia árabe); “Chantarim”: Santarém.

Pág. 187

Grupo III: “almóada”: relativo ao movimento religioso ou à dinastia dos Almóadas (dinastia proveniente de Marrocos); “berberes”: povo proveniente da antiga Pérsia e de ascendência iraniana; “azenegues”: berberes que habitavam a Região do Ouro até ao Senegal; “hordas”: bandos indisciplinados; “nazarenos”: cristãos; “corânico”: relativo ao Corão (ou Alcorão), o livro sagrado do Islamismo; “alfange”: sabre de folha larga e curva; “broquel”: escudo pequeno; “marcial”: relativo à guerra.

Grupo IV: “toada”: melodia; “sarabanda”: música; “imprecações”: súplicas; “flanqueado”: ladeado, atacado por um dos lados; “louvaminhas”: adulações; “contraventores”: infratores; “contundentes”: que contudem, pisam ou tritram; “solípedes”: animais que têm um só dedo desenvolvido em cada membro locomotor, o qual está protegido por um casco; “apostrofação”: interpelação.

Grupo V: “peonagem”: conjunto de soldados que combate a pé, peões; “assuada”: algazarra, barulho; “arruido”: vozearia confusa; “sobremaneira”: excessivamente; “zipada”: bâtega de água; “contemporização”: acomodação às circunstâncias; “parlamentar”: fazer um acordo; “obnubilar”: turvar; “flanar”: passear ociosamente; “espólios”: despojos de guerra; “insurreição”: revolta.

2.1. 1. b.; 2. c.; 3 a.

3.1. Uma das ações é protagonizada pela deusa Clio, decorrendo num tempo não histórico/real, mas mitológico (ll. 1-8, 166-168, 196-197); a outra é protagonizada por seres humanos, decorrendo num tempo histórico peculiar, que resulta do cruzamento entre duas datas distintas: 4 de junho de 1148 e 29 de setembro de 1984 (ll. 9-165, 169-195). Estabelece-se entre elas uma relação de encadeamento, já que elas são narradas de forma alternada.



Materiais projetáveis

Organização da ação no conto “A inaudita guerra da Avenida Gago Coutinho” disponível nos Recursos do Projeto.

Introdução

4.1. O narrador pretende dizer que até os grandes poetas se distraem, ou seja, que qualquer pessoa pode errar.

4.2. “Error é humano”.

5.1. Clio, a musa da História, é a personagem em causa.

5.2. Devido ao dormir de Clio durante a execução da sua tapeçaria, foram enleados dois fios que resultaram na mistura de dois momentos históricos distintos: 4 de junho de 1148 e 29 de setembro de 1984.

Pág. 188

Desenvolvimento

6.1. Nessa manhã, vários automobilistas encontravam-se na Avenida Gago Coutinho, em Lisboa, quando, inexplicavelmente, surgiu no mesmo local um exército de árabes a cavalo, que tinha como objetivo reconquistar a cidade.

7.1. As sensações visuais são sugeridas nas expressões *“milhares de carros de metal, de cores faiscantes”* (ll. 23-24), *“paredes desconhunsais que por toda a parte se erguam, cobertas de janelas brilhantes”* (ll. 25-27).

As sensações auditivas são sugeridas nas expressões *“um estridente rumor de motores desmultiplicados”* (ll. 14-15), *“travões aplicados a fundo”* (l. 15), *“uma sarabanda de buzinas ensurdecadora”* (ll. 15-16), *“retinir de metais”* (l. 16), *“relinchos de cavalos”* (ll. 16-17), *“imprecações guturais em alta grita”* (l. 17), *“um fragor estrondoso”* (l. 24), *“o suave pipilar dos pássaros”* (ll. 24-25), *“o doce zunido dos moscardos”* (l. 25).

7.2. a. A adjetivação (*“desmultiplicados”*) realça o barulho provocado pelas travagens bruscas.; **b.** A enumeração realça o barulho e a confusão frenética existentes, por nomear acumulativamente as várias situações que originaram a assuada.; **c.** Focando o exagero, a hipérbole remete para a enorme quantidade de carros e o trânsito caótico presentes na avenida.; **d.** As palavras onomatopaicas, ao imitarem o som produzido pelos pássaros e pelos moscardos, remetem para os sons campestres e calmos do século XII.

7.3.1. A linguagem ilustra as duas épocas distintas, pois aos árabes são associados termos bélicos, ligados ao exército, e palavras de origem árabe, o que contribui para a verosimilhança da ação e para a caracterização do século XII. Aos portugueses são associados termos mais atuais, designadores de conceitos não existentes no tempo histórico associado aos mouros (*“automobilistas”*, *“motores”*, etc.).

8.1. O objetivo foi reconquistar Lisboa que, no ano anterior, tinha sido tomada aos árabes por D. Afonso Henriques.

8.2.1. Sendo um homem crente e temente a Deus, Ali-ben-Yussuf desceu do seu cavalo e preparou-se para rezar, considerando que aquela situação insólita era merecedora da ajuda divina. Por seu lado, Ibn-el-Muftar achou que aquele não era o momento para orações e que era necessária muita prudência, pelo que ordenou aos seus homens que ficassem quietos, impedindo-os de imitarem Ali-ben-Yussuf.

8.3.1. a. Reconquistar Lisboa a D. Afonso Henriques.; **b.** Inferno descrito no Corão, castigo divino, feitiçaria cristã ou partida dos espíritos.; **c.** Multar os automobilistas que não respeitassem os semáforos.; **d.** Manifestação não autorizada.; **e.** Reclame ou filme.

Pág. 189

8.3.2. As hipóteses revelam que estamos perante personagens de épocas diferentes, pois os árabes tentam explicar o que desconhecem através da religião, de entidades divinas e de feitiçarias, ou seja, recorrendo a possibilidades que não podem ser comprovadas. As restantes personagens avançam hipóteses concretas e objetivas, relacionadas com a realidade do século XX.

8.4.1. a.; c.; e.

8.5.1. a. prédios; **b.** automóveis; **c.** vidro.

8.6.1. A provocação coletiva pode ser comprovada pela expressão *“trejeitos pouco amistosos que lhe vinham de dentro dos objetos metálicos com rodas que havia por toda a parte”* (ll. 77-78); a provocação individual, pela expressão *“Manuel da Silva Lopes [...] resolveu em má hora abandonar o volante, apear-se, e [...] apontar um calhau miúdo que foi ecoar no buquel do beduíno Mamud Beshewer”* (ll. 82-86).

8.6.2. Ibn-el-Muftar, irritado com o gesto do camionista, ordenou aos seus homens que ripostassem e o resultado foi o disparo, por parte dos arceiros, de várias setas, que caíram sobre os automobilistas.

8.7.1. Ao dar, sarcasticamente, a sua opinião relativamente a Manuel da Silva Lopes e à sua profissão, o narrador revela-se subjetivo.

8.7.2. Outras expressões que comprovam a subjetividade do narrador são, por exemplo: *“o agente de segunda classe da PSP Manuel Reis Tobias [...] entendeu que aquilo não estava certo e que havia que proceder”* (ll. 41-45) ou *“quando os primeiros alfanges assomavam [...] onde se refugiavam atrás do balcão”* (ll. 119-122).

8.7.3. O narrador é ausente ou não participante, uma vez que narra a ação na terceira pessoa: *“Os automobilistas que nessa manhã de setembro entravam em Lisboa pela Avenida Gago Coutinho, direitos ao Areiro, começaram por apanhar um grande susto”* (ll. 12-14); *“Entretanto, Ibn-el-Muftar via pela frente uma grande multidão apeada que apostrofava os seus soldados.”* (ll. 64-65).

8.8.1. a. V.; b. F. – A polícia de intervenção refugiou-se atrás do balão da Cervejaria Munique.; **c. V.; d. V.**

Pág. 190

8.9.1. c.

Conclusão

9.1. Os portugueses ficaram estupefactos e confusos ao verem que os árabes tinham sumido repentinamente. Os árabes, quando viram desaparecer os automobilistas, os prédios e os automóveis ficaram aliviados. Resolveram regressar e desistir da reconquista de Lisboa, pois entenderam o que aconteceu como um mau prenúncio dessa investida.

10.1. Clío minimizou a dimensão dos acontecimentos ao turvar a memória dos que neles estiveram envolvidos com água do rio Letes. Assim, ninguém se lembraria do motivo por que se encontrava naquele local, nem o que originara tamanha confusão.

11.1. a. No regresso, os árabes pilharam os campos de Santarém, levando consigo os despojos da guerra.; **b.** Os representantes da autoridade foram alvo de um processo marcial, tendo de explicar por que motivo lideravam forças policiais armadas naquela manhã.; **c.** Clío foi castigada, sendo privada de ambrósia durante quatrocentos anos.

GRAMÁTICA

1.1. *“almóada”, “alarde”, “alfange”, “algazarra”, “alferes”.*

2. a. “jins”, “capots”; **b.** TIR (Transpostes Internacionais Rodoviários), Ralis (Regimento de Artilharia de Lisboa); **c.** PSP (Polícia de Segurança Pública).

3. a. Derivação por parassíntese; **b.** Derivação não afixal; **c.** Composição morfossintática; **d.** Derivação por prefixação; **e.** Derivação por parassíntese; **f.** Derivação por sufixação.

Pág. 191

4.1. a.

5. a. por conseguinte; **b.** ou seja; **c.** igualmente.

ESCRITA



Materiais de apoio ao professor

Grelha de avaliação da escrita disponível nos Recursos do Projeto

Pág. 192

ORALIDADE



Materiais vídeo

Reportagem jornalística “*Léxico Árabe – Marcas na Língua Portuguesa*” e respetiva transcrição disponíveis nos **Recursos do Projeto**.

1. De acordo com o título, prevê-se que a reportagem tenha como assunto as palavras de origem árabe que, através dos tempos, foram entrando na língua portuguesa e que, atualmente, fazem parte da nossa língua.

2. **a.** Península Ibérica; **b.** árabe; **c.** Brasil; **d.** muçulmanos; **e.** imigração; **f.** 3500; **g.** composição; **h.** lusófono.

3.1. Resposta pessoal.



Materiais projetáveis

Informação sobre “Como fazer uma apresentação oral” disponível nos **Recursos do Projeto**.

Sugestão de tópicos a abordar:

- para comunicarmos com eficácia e assertividade, precisamos de conhecer bem a língua em que nos exprimimos (não só a nível de vocabulário e gramática, como também ao nível de registo formal/informal);
- ao nível oficial, o conhecimento da língua dos outros é fator determinante em termos comunicacionais, parlamentares e diplomáticos;
- o desconhecimento da língua pode gerar mal-entendidos e, consequentemente, dificultar a comunicação e o relacionamento interpessoal...

Pág. 195

1. 1. Resposta pessoal.

Exemplo de resposta:

a. Milhares de gaivotas sobrevoam o céu.

b. O mar é um espelho de luz.

c. O mar parece um espelho.

2.1. Para Almada Negreiros, “*Poetar*” corresponde a um gesto mecânico de fazer versos; já “*Poesia*” é uma arte, um maravilhoso processo criativo.

Pág. 196

Conclusão do poema original:

[...]

Andar... Perder o seu passo
na noite, também perdida.

Um poeta, à mercê do espaço,
nem necessita de vida.

Andar... – enquanto consente
Deus que seja a noite andada.

Porque o poeta, indiferente,
anda por andar – somente.
Não necessita de nada.

Cecília Meireles, *Antologia Poética*, Relógio d'Água, 2002

Nota: Dado que o objetivo da atividade reside na exploração da criatividade e do sentido estético, não é necessário que o poema construído pelos alunos seja igual ao poema original.

PRÉ-LEITURA (pág. 197)

1.1. Uma rapariga encontra-se na ermida de S. Simeão à espera do amigo (namorado), que tarda em chegar. Entretanto, a maré começa a subir e a cercar a ilhota, onde se encontra a ermida, impedindo-a de regressar. A moça suspira, lamentando que, como não tem barqueiro nem sabe remar, morrerá ali, jovem e bela, no meio do mar, esperando o amigo.

Pág. 197



Materiais áudio

Canção “Sedia-me eu...” , de DOA Musica de Galicia, disponível nos **Recursos do Projeto**.

Nota: Na página 14, no Guia do Professor, é exposta a seleção do *corpus* literário, surgindo este texto com o título “Estava eu na ermida de São Simeão”. Tratando-se esta secção do manual de um momento de apresentação dos textos e obras a serem estudados no âmbito do domínio da Educação Literária, as autoras optaram por manter a designação do poema utilizada nas *Metas Curriculares de Português (Ensino Básico)*, para permitir uma mais fácil identificação do mesmo.

Pág. 198

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

1.1. O sujeito poético é uma rapariga/donzela (“Estava eu”, “Cercaram-me as ondas”, “eu esperando o meu amigo”).

1.2. A rapariga encontra-se junto a uma ermida, em Vigo, à espera do seu amado.

1.3. O sujeito poético é uma rapariga jovem e bonita (“*formosa*”, v. 18), que está enamorada e anseia, num misto de temor e de desejo, pela chegada do amigo ausente (“*eu esperando o meu amigo*”, v. 3).

2.1. **b.**

3. **a.** Ímpares; **b.** refrão; **c.** versos; **d.** rima.

Pág. 199

Nota: Por uma questão didática, todos os poetas portugueses a estudar ao longo da unidade 3 são integrados em determinado período literário. Recorde-se, no entanto, que poetas como Camões ou Bocage são considerados “poetas de transição”, sendo que na sua poesia se refletem estéticas distintas, umas que seguem as estéticas vigentes, outras de carácter mais inovador.

Pág. 200

PRÉ-LEITURA

1.1. Destacam-se, em ambas as ilustrações, os olhos.

1.1.1. Sugestão de resposta:

Na primeira ilustração, os olhos transmitem sentimentos de tristeza e de sofrimento; na segunda, causam impressões de sedução e de enamoramento.

Pág. 201

Nota: Na página 14, no Guia do Professor, é exposta a seleção do *corpus* literário, surgindo este texto com o título “Senhora, partem tam tristes”. Tratando-se esta secção do manual de um momento de apresentação dos textos e obras a serem estudados no âmbito do domínio da Educação Literária, as autoras optaram por manter a designação do poema utilizada nas *Metas Curriculares de Português (Ensino Básico)*, para permitir uma mais fácil identificação do mesmo.

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

1.1. Poema A: O sujeito poético exprime o sofrimento que o momento da partida e da separação da amada provocam nele, transpondo os seus sentimentos para o seu olhar.

Poema B: O sujeito poético reflete sobre o poder abrasivo e destruidor que a sua amada exerce nele, através do olhar.

1.2. Poema A: a., d., e., g., j., l.; **Poema B:** b., c., f., h., i., k.

GRAMÁTICA

1.1. a. Ter olhos de lince; **b.** Ter mais olhos que barriga; **c.** Custar os olhos da cara; **d.** Num piscar de olhos/num abrir e fechar de olhos/enquanto o diabo esfrega um olho; **e.** Atirar poeira para os olhos; **f.** Não pregar olho.

1.2. Ser a luz dos olhos de alguém.

1.2.1. Ser a coisa/a pessoa mais importante para alguém.

ESCRITA



Materiais de apoio ao professor

Grelha de avaliação da escrita disponível nos **Recursos do Projeto**.

Pág. 202

Combinações de rima

Seguimos a perspectiva de Celso Cunha e Lindley Cintra, *Nova Gramática de Português Contemporâneo* (uma das gramáticas de referência preconizadas pelo *Programa de Português do Ensino Básico*).

Relativamente à rima interpolada, ao contrário do estabelecido por aqueles autores (que consideram a existência da rima interpolada quando o primeiro verso rima com o quarto e o segundo com o terceiro, segundo o esquema ABBA), costuma também aceitar-se como interpolado o esquema rimático ABCA.

Pág. 203

Soneto italiano / soneto inglês

Referimo-nos, nesta ficha informativa, ao soneto italiano, dado que é essa a variedade adotada na maioria dos sonetos que integram o manual. A diferença entre as duas variedades encontra-se apresentada na página 217.

Pág. 204

PRÉ-LEITURA

1. Sugestão de resposta: A imagem é composta por uma sequência de dez árvores, agrupadas em quatro cenários contíguos, que representam as estações do ano (inverno, primavera, verão, outono). O título da imagem, *A Mudança das Estações*, é simbólico, podendo ser associado à vida humana e à passagem do tempo.

Nota: O professor poderá estabelecer a relação entre esta temática e expressões idiomáticas como “primavera da vida” ou “outono da vida”.

Pág. 205

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

1.1. a. mudança; **b.** natureza; **c.** sujeito poético; **d.** ver; **e.** as sombras; **f.** as flores; **g.** as águas; **h.** a verdura; **i.** as aves; **j.** chave de ouro; **k.** renovam; **l.** envelhece; **m.** soneto; **n.** decassilábicos; **o.** interpolada; **p.** emparelhada; **q.** cruzada.

ORALIDADE



Registos vídeo

Declamações do poema “O sol é grande, caem co’a calma as aves”, por Ana Celeste Ferreira (cantora lírica) e David Figueiredo (ator), disponíveis nos **Recursos do Projeto**.

1.1.1. Resposta pessoal.

1.1.2. Resposta pessoal.



Materiais de apoio ao professor

Grelha de avaliação da declamação disponível nos **Recursos do Projeto**.

Pág. 206

PRÉ-LEITURA

1. Resposta pessoal.



Materiais áudio

"Amor é um fogo que arde sem se ver", lido por Luís Gaspar, disponível nos Recursos do Projeto.

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA (p. 207)

- 1.1. A sequência de definições corresponde às três primeiras estrofes; a reflexão sobre o conceito de *amor*, à última estrofe.

Pág. 207

2.1. Entre as duas partes que constituem cada definição estabelece-se uma relação de contraste/oposição – trata-se de definições paradoxais, pois baseiam-se em aspetos contraditórios (em que um implica a anulação de outro).

2.1.1. O sujeito poético pretende demonstrar que o amor é um sentimento contraditório, que gera, por vezes, efeitos opostos em quem ama.

2.2. a. v. 1; b. vv. 2, 4; c. vv. 3, 5; d. v. 6; e. vv. 8, 9; f. v. 7; g. v. 10.

2.3. Para apresentar cada definição, o sujeito poético recorre à anáfora ("Amor é"), à metáfora ("ferida...", "contentamento", "dor...") e à antítese ("dói e não se sente"...).

Nota: Antítese, oxímoro e paradoxo

De acordo com os estudos literários, as definições em causa são simultaneamente antitéticas e paradoxais. No sítio do Ciberdúvidas da Língua Portuguesa explica-se isso mesmo:

"Podemos considerar nestes versos camonianos a existência de antíteses pois eles estão formalmente construídos por meio de palavras ou grupos de palavras em oposição. No entanto, não se trata de uma simples oposição de termos. Ao ligarem-se esses termos, cria-se um fenómeno paradoxal. Por isso, realmente, eles documentam o oxímoro."

<http://www.ciberduvidas.pt/pergunta.php?id=8385> (consult. em 26-08-2013)

Por uma questão didática e tendo em conta as *Metas Curriculares (Ensino Básico)*, optámos por considerar que as definições incluem exemplos de antítese.

3.1. A interrogação final do poema reflete a perplexidade com que o sujeito poético se depara ao tentar definir o amor – depois de apresentar onze definições de amor, o sujeito poético conclui, através de uma interrogação retórica, que o amor é um sentimento contraditório ("contrário a si", v. 14), fechando, assim, o poema, com chave de ouro.

4. O poema é um soneto, sendo constituído por 14 versos decassilábicos (*é| dor| que| de|sa|ti|na| sem| do|er|*), distribuídos em duas quadras e dois tercetos. A rima é interpolada e emparelhada nas quadras (ABBA ABBA) e cruzada nos tercetos (CDC DCD).

ORALIDADE



Materiais áudio

Biografia de Luís de Camões, lida por Luís Gaspar, e respetiva transcrição disponíveis nos Recursos do Projeto.

2. a. V; b. F; c. F; d. F; e. V; f. V.

3. A afirmação enfatiza o valor eminente da obra literária de Camões no seio da história da literatura portuguesa devido à sua riqueza e à sua profundidade.

Pág. 208

Secretária/secretaria

Estas palavras diferenciam-se pelo acento gráfico. Trata-se, de acordo com o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, de homógrafas imperfeitas.



PowerPoint® Didáticos

PowerPoint® Relações entre palavras disponível nos Recursos do Projeto.

No e-Manual Premium está disponível uma animação sobre Relações entre palavras.

Pág. 209

EXERCÍCIOS

1. a. Homofonia; b. Campo lexical; c. Holonímia/meronímia; d. Homografia; e. Campo semântico; f. Homonímia; g. Antonímia, paronímia; h. Hiperonímia/hiponímia.

2. 1. c.; 2. e.; 3. b.; 4. a.; 5. d.; 6. f.; 7. h.; 8. g.

2.1. a. semântico; b. papel.

Pág. 210

PRÉ-LEITURA

1.1. A figura feminina representada na primeira ilustração é uma rapariga de tez escura, de cabelos e olhos negros. A figura representada na segunda ilustração é uma rapariga loira, pele clara, cabelos loiros. Ambas são belas.

Pág. 211



Materiais áudio

"Descalça vai para a fonte", lido por Luís Gaspar, disponível nos Recursos do Projeto.

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

1.1. a. Bela ("fermosa", v. 8), tez escura ("Pretidão", v. 25), feições fora do comum ("Rosto singular", v. 13; "bem parece estranha", v. 31), olhos pretos e belos ("olhos [...] pretos", vv. 14-15; "Úa graça viva", v. 17), cabelos pretos ("Pretos os cabelos", v. 21); b. Serena ("olhos sossegados", v. 14; "mansidão", v. 29; "Presença serena", v. 33); doce

(“tão doce a figura”, v. 26), alegre (“Leda”, v. 29), recatada (“o siso acompanha”, v. 30); **c.** Escrava (“a ãa cativa”; “Aquele cativa”, v. 1); **d.** Bela e graciosa (“fermosa”, v. 7; “tão linda que o mundo espanta”, v. 11; “dá graça à fermosura”, v. 13), pele clara (“mãos de prata”, v. 2), cabelos loiros, entrançados (“cabelos de ouro o trançado”, v. 9), roupa simples/singela (“cinta de fina escarlata”, v. 3; “sainho de chamalote”, v. 4; “vasquinha de cote/mais branca que a neve pura”, vv. 5-6; “touca”, v. 8; “fita de cor d’encarnado”, v. 10), “descalça”; **e.** Insegura (“vai fermosa e não segura”) relativamente ao amor; **f.** Rapariga do povo, entregue às tarefas domésticas, num ambiente campestre (“Descalça vai para a fonte”; “Leva na cabeça o pote”, v. 1).

1.2. a. Bárbara; **b.** Leonor.

1.3. O sujeito poético revela paixão relativamente a Bárbara, assumindo que ela o tem “cativo” (preso por amor); a presença dela acalma-o e fá-lo sentir-se em paz (vv. 33-36). Quanto a Leonor, o sujeito poético enaltece a sua beleza em tom bastante elogioso, mas não revela explicitamente os seus sentimentos.

2. Para realçar a beleza de Bárbara, o sujeito poético recorre, sobretudo, à metáfora (vv. 5-6, 17-18, 29-30...), à comparação (vv. 8, 9-12), à hipérbole (vv. 21-24, 25-28) e à adjetivação (“suaves”, v. 6; “fermosa”, v. 8; “olhos sossegados/pretos e cansados”, vv. 13-15...); para além disso, o trocadilho presente em “cativa” (escrava)/“cativo” (apaixonado), ao realçar os sentimentos do sujeito poético pela mulher descrita, reforça o enaltecimento da sua beleza (física e espiritual).

Para transmitir a ideia de beleza de Leonor, o sujeito poético recorre às metáforas (“mãos de prata”, v. 2; “cabelos d’ouro”, v. 9), à comparação (“mais branca que a neve”, v. 6), à hipérbole (“mais branca que a neve pura”, v. 6; “tão linda que o mundo espanta”, v. 11; “chove nela graça tanta”, v. 12) e à adjetivação (“Descalça”, “fermosa”, “segura”...).

Pág. 212

PRÉ-LEITURA

1.1. Resposta pessoal.



Materiais áudio

Leitura expressiva dos poemas “Erros meus, má fortuna, amor ardente” e “Os bons vi sempre passar” disponível nos Recursos do Projeto.

Pág. 213

Nota: O professor poderá explorar com os alunos a diferença de significado resultante da grafia da palavra “fortuna” com inicial maiúscula e “Fortuna” com inicial maiúscula. Com efeito, no verso 1, o sujeito poético refere a “má fortuna”, ou seja, a má sorte, com sendo um dos responsáveis pela sua infelicidade, pela sua “perdição”. Já no verso 10, a palavra “Fortuna” surge grafada com maiúscula inicial. Neste caso, o sujeito poético refere a deusa Fortuna, deusa romana do destino, responsável por comandar a vida dos homens e, tradicionalmente, representada como sendo cega.

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

1.1.1. a. No presente, o sujeito poético é dominado pela infelicidade/tristeza e pela desilusão (v. 5-8); **b.** Os três motivos que provocaram a sua infelicidade foram os erros cometidos (“Erros meus”, v. 1; “Errei todo o discurso de meus anos”, v. 9), a má sorte (“má fortuna”, v. 1) e o amor avassalador/a desilusão amorosa (“amor ardente”, v. 1; v. 12); **c.** O amor ardente teria sido suficiente para o conduzir ao seu estado de “perdição” atual (vv. 3-4).

1.1.2. “Erros” (v. 1), “má fortuna” (v. 1), “perdição” (v. 2), “passei” (v. 5), “dor” (v. 6), “magoadas iras” (v. 7), “já nunca ser contente” (v. 8), “Errei” (v. 9), “mal fundadas esperanças” (v. 11), “enganos” (v. 12).

1.2.1. Nos últimos dois versos, o sujeito poético transmite um desejo que, de modo hiperbolizante, exprime a sua dor e angústia e um pedido impossível de vingança. Estes sentimentos são enfatizados pelo uso da interjeição (“Oh!”) e pela oração subordinada adverbial consecutiva (“que fartasse/este meu duro génio de vinganças”).

1.3.1. O sujeito poético marca a sua presença no discurso através de pronomes pessoais de primeira pessoa (“mim”, v. 4; “me”, v. 7) e de determinantes possessivos de primeira pessoa (“Erros meus”, v. 1; “minha perdição”, v. 2; “meus anos”, v. 9; “minhas [...] esperanças”, v. 11; “meu [...] génio”, v. 14).

2.1. a. v; b. F – O sujeito poético experimentou uma conduta pautada pela maldade, não tendo invertido, posteriormente, o seu comportamento.; **c. F** – Ao contrário dos outros, o sujeito poético não foi recompensado por ser “mau”; **d. F** – O mundo revela uma lógica justa somente para o sujeito poético (que é castigado por fazer o mal).

3.1. Ambos os poemas consistem numa reflexão pessoal, de cunho autobiográfico, acerca da vida passada – no texto A o sujeito poético reflete sobre as causas da sua infelicidade presente; no texto B, sobre o “desconcerto do mundo”, isto é, as injustiças, com enfoque no seu caso pessoal.

Pág. 214

3.2. O texto A é um soneto, sendo constituído por duas quadras e dois tercetos, em versos decassilábicos. Apresenta o esquema rimático ABBA ABBA CDE CDE, com rima interpolada e emparelhada nas quadras e interpolada nos tercetos. O texto B é uma esparsa, sendo constituído por uma décima em redondilha maior (segundo a métrica de carácter tradicional). A rima é cruzada, interpolada e emparelhada (ABAABCD DCD).

GRAMÁTICA (pág. 213)

1.1. a.

1.2. c.; 1.3. a.; 1.4. b.

2.1. Oração subordinada adverbial causal.

2.2. a. Porque, só para mim anda o mundo concertado./Que, só para mim anda o mundo concertado.; **b.** Já que, só para mim anda o mundo concertado./Pois que, só para mim anda o mundo concertado./Visto que, só para mim anda o mundo concertado.

OUTROS TEXTOS / ORALIDADE

1.1. O humor reside no duplo sentido da expressão ter o futuro à sua frente: ao usar a expressão, Mafalda remete para a oposição entre um possível valor conotativo (ter à frente o futuro = ter esperança no futuro, idealizar/sonhar) e o valor denotativo/literal (ter à frente o futuro = distrair-se e sofrer um acidente, por não se ter estado atento à condução).

1.2. Resposta pessoal.



Materiais projetáveis

Informação sobre “Como fazer uma apresentação oral” disponível nos Recursos do Projeto.

Pág. 215

ESCRITA



Materiais de apoio ao professor

Grelha de avaliação da escrita disponível nos Recursos do Projeto.

Pág. 216

PRÉ-LEITURA

1.1. 1. b.; 2. c.; 3. d.; 4. a.



Materiais áudio

Leitura expressiva do soneto “De ti me separei na primavera” disponível nos Recursos do Projeto.

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

1. c.

Pág. 217

Nota: Na página 14, no Guia do Professor, é exposta a seleção do *corpus* literário, surgindo este texto com o título “Soneto XCVIII (De ti me separei na primavera)”. Tratando-se esta secção do manual de um momento de apresentação dos textos e obras a serem estudados no âmbito do domínio da Educação Literária, as autoras optaram por manter a designação do poema utilizada nas *Metas Curriculares de Português (Ensino Básico)*, para permitir uma mais fácil identificação do mesmo.

2. a. V; b. V; c. F – A beleza da natureza é inferior à beleza da amada, sendo encarada como uma cópia imperfeita da sua beleza.; d. F – A última estrofe apresenta um exemplo de como a recordação subjetiva se sobrepõe à beleza objetiva e natural.

3.1. O soneto de Shakespeare é um soneto inglês.

3.2. Trata-se de um soneto constituído por três quadras e um dístico, de métrica decassilábica (*Só/ pu/de i/ma/gi/ná/-la a/ tu/a /som/[bra].*) A rima é interpolada e emparelhada nas duas primeiras quadras, cruzada na terceira quadra e emparelhada no dístico (ABBA ABBA CDCD EE).

GRAMÁTICA

1. a. Pretérito perfeito simples do indicativo; b. Gerúndio simples; c. Presente do indicativo; d. Pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo; e. Pretérito imperfeito do indicativo; f. Pretérito imperfeito do indicativo.

1.1. a. “desmaiava”, “eram”; b. “dissera”; c. “entorna”; d. “separei”.

2. a. V; b. F – Em “o seu modelo” (v. 12), “seu” refere-se a “(d)os lírios” e “(d)as rosas”; c. F – Em “quanto lhes faltava” (v. 12), “lhes” refere-se a “(d)os lírios” e “(d)as rosas”; d. F – Em “Só pude imaginá-la” (v. 14), “la” refere-se a “a viva alfombra”.

Pág. 218

PRÉ-LEITURA

1.1. Na imagem foca-se determinada moda de penteado (penteado exageradamente alto e trabalhado).



Materiais áudio

Leitura expressiva do soneto “Chaves na mão, melena desganhada” disponível nos Recursos do Projeto.

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

1.1. a.

Pág. 219

1.2. a.

1.3. b.

1.4. b.

1.5. c.

2. a. “moça *esbelta* e *aperaltada*” (v. 5) – A dupla adjetivação realça a beleza e a vaidade da filha, sugerindo o contraste com a mãe (“*melena desganhada*”); b. “doce voz” (v. 6) – A sinestesia introduz o tom irónico/falso/hipócrita da fala da filha.; c. “– Sumiu-se-lhe um colchão, é forte pena! Olhe não fique a casa arruinada...” (vv. 7-8) – A ironia sugere a insolência da filha relativamente à mãe.

3. Resposta pessoal.

Sugestão de atividade complementar (trabalho de grupo):

1. Pesquisa sobre o contexto social retratado no soneto (século XVIII: relação mães/filhas, situação de pais “embarcados”, modas de penteados...).
2. Reescrita do poema sob a forma de texto dramático (cf. Ficha Informativa da p. 250), desenvolvendo aspetos relacionados com o contexto social em causa.
3. Encenação e dramatização dos textos produzidos.
4. Apreciação do trabalho desenvolvido (auto e heteroavaliação).

GRAMÁTICA

1.1. No verso 3, a palavra “pena” significa “o que reveste e protege o corpo das aves” e que, neste caso, “serve de enchimento ao colchão”. Na segunda quadra, no verso 7, a palavra “pena” significa “tristeza ou desgosto”, sendo utilizada pela filha em tom irónico.

1.2. Estamos perante uma relação de homonímia, uma vez que se trata de palavras com grafia e pronúncia iguais, significados diferentes e com origem em dois étimos diferentes (*penna*-, pena/órgão que reveste o corpo das aves; *poena*-, pena/castigo/sofrimento).

2.1. a. As palavras “cuidas”, “caso” e “visto” são palavras polissémicas uma vez que, partindo do mesmo étimo, podem ter mais do que um significado. No contexto em que ocorrem, as palavras têm os seguintes sentidos: “cuidas” significa “*pensas*”/“*julgas*”, “caso” significa “*acontecimento*”/“*facto*” e a palavra “visto” significa “*que se viu*”/“*conhecido*”; b. **Exemplo de resposta:** Cuidas da minha avó enquanto vou ao supermercado?; O meu padrinho está a defender um caso muito difícil.; O Rui já tem visto para residir no país.

Pág. 220

Homonímia vs. Polissemia

Homonímia: relação entre palavras que partilham a mesma grafia e são pronunciadas da mesma forma, mas que têm significados distintos. Trata-se de palavras que convergem na ortografia e na pronúncia, mas que têm origens etimológicas diferentes. Assim, as palavras homónimas correspondem a palavras com diferentes entradas no dicionário.

Polissemia: propriedade semântica característica das palavras ou dos constituintes morfológicos que possuem mais do que um significado. Trata-se de palavras que foram adquirindo novos significados ao longo dos tempos. Uma palavra polissémica corresponde a uma única entrada no dicionário.



PowerPoint® Didáticos

PowerPoint® Significação lexical disponível nos Recursos do Projeto.

Pág. 221

EXERCÍCIOS

1.1. **a. F.** – A palavra *voo* é polissémica.; **b. V.**; **c. F.** – *Voadura* é um dos significados denotativos/literais que pode ser atribuído à palavra *voo*.; **d. V.**; **e. V.**

2. **a.** Arco-Íris; **b.** União entre o céu e a terra; **c.** Lume; **d.** Paixão; **e.** Água; **f.** Líquido incolor e transparente.

3. **Sugestão de resposta:** **a.** trabalho em equipa; **b.** morte; **c.** fidelidade; **d.** sabedoria/memória; **e.** cobardia; **f.** brutalidade; **g.** paz; **h.** astúcia; **i.** amor.

4.1. Resposta pessoal.

Sugestão de resposta: A ciência representa a realidade de forma técnica e objetiva; a poesia não se limita a representar a realidade – antes a recria subjetivamente, dando-lhe vida.

Pág. 222

PRÉ-LEITURA



Materiais áudio

Excerto da sinfonia *The Tempest*, de Sibelius, disponível nos Recursos do Projeto.

1.1. Resposta pessoal. **Sugestão de tópicos a abordar:** ambiente sombrio, inquietante, assustador, tenso...

Nota: Na página 14, no Guia do Professor, é exposta a seleção do *corpus* literário, surgindo este texto com o título “O céu, de opacas sombras abafado”. Tratando-se esta secção do manual de um momento de apresentação dos textos e obras a serem estudados no âmbito do domínio da Educação Literária, as autoras optaram por manter a designação do poema utilizada nas *Metas Curriculares de Português (Ensino Básico)*, para permitir uma mais fácil identificação do mesmo.

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

1.1. Nas estrofes 1 e 2, o sujeito poético descreve uma natureza noturna sombria, tempestuosa e assustadora. Nas estrofes 3 e 4, conclui que é mais soturno do que a natureza, devido à saudade e ao ciúme que sente.

2. **Sugestão metodológica:** Leitura expressiva das duas primeiras quadras do poema, pelo professor; ao som do excerto inicial da sinfonia de Sibelius (disponível nos Recursos do Projeto).

Pág. 223

2.1. “céu” → “de opacas sombras abafado/Tornando mais medonha a noite feia”; “noite” → “feia”; “mar” → “Mugindo sobre as rochas, que salteia”, “em crespos montes levantado”; “vento” → “Desfeito em furacões”, “irado”; “areia” → “Pelos ares zunindo”, “solta”; “pássaro noturno” → “que vozeia. / No agoureiro cipreste além pousado”; “cipreste” → “agoureiro”, “além pousado”.

2.1.1. Resposta pessoal.

2.2. Na descrição salientam-se, sobretudo, os sons nasais (*m*, *n*) e os sons fechados (*u*, *ô*...); pontualmente, podem ainda ser destacados os sons *f*, *v* e *z*.

2.2.1. Os sons nasais e os sons fechados podem ser associados ao ambiente noturno e ao piar do “pássaro noturno”; o *f*, o *v* e o *z*, à tempestade (vento, furacão).

2.2.2. A repetição intencional de sons consonânticos designa-se aliteração; a de sons vocálicos, assonância.

2.3.1. O ambiente descrito é um *locus horrendus*, pois o sujeito poético descreve uma paisagem noturna e assustadora, em que se destacam elementos como o mar revolto, a noite, as árvores despidas, ou as aves agoirentas, num ambiente outonal ou invernal (tempestade).

3.1. Entre os elementos naturais descritos na primeira parte do poema e o estado de espírito do sujeito poético há uma relação de analogia, já que ambos remetem para um clima de “horror” (os primeiros refletem o “horror” natural, o segundo, o “horror” psicológico); no entanto, o sujeito poético conclui que os ciúmes e as saudades que sente levam a que o “horror” psicológico em que se encontra seja superior ao “horror” da natureza.

4. O texto é um soneto, pois trata-se de um texto em verso constituído por duas quadras e dois tercetos decassilábicos (“O| pá|ssa|ro| no|tur|no,| que| vo|zei|a|”), sendo a rima emparelhada e interpolada nas quadras e cruzada nos tercetos (ABBA ABBA CDC DCD); o último terceto funciona como chave de ouro.

GRAMÁTICA

1.1. “Mugindo” (v. 3); “zunindo” (v. 6).

1.2.1. **A:** ásperos – “crespos” (v. 4); hedionda – “feia” (v. 2); colérico – “irado” (v. 5); **B:** compacta – “solta” (v. 6); aprazível – “terrível” (v. 9); transparentes – “opacas” (v. 1).

1.3. “noturno” (v. 7).

Sugestão de atividade:



Materiais áudio

Encontra-se disponível, nos Recursos do Projeto, um episódio da rubrica *Palavras de Ouro* (Estúdio Raposa) e respetiva transcrição, em que se apresenta a biografia de Bocage, a partir dos estudos de Hernâni Cidade. Este episódio poderá ser utilizado no âmbito de uma atividade de compreensão do oral.

Pág. 224

PRÉ-LEITURA



Outros textos

Texto informativo-expositivo “Sereia”, da *Infopédia*, disponível nos Recursos do Projeto.

1.1. **Sugestão de resposta:** A mulher representada por John William Waterhouse é muito bela, está sentada num penhasco junto ao mar, nua, e, segurando uma lira, interage com um naufrago. Trata-se, pois, de uma figura bastante próxima da sereia, surgindo associada ao canto que, provavelmente, terá hipnotizado o naufrago incauto que se deixou seduzir por ela.

**Materiais áudio**

Leitura expressiva do poema “Barca bela” disponível nos **Recursos do Projeto**.

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA (p. 225)

1. a. ... um “pescador”; ... alertar para os perigos do mar; **b.** ... algo de perigoso está para acontecer (“Não vês que a última estrela/No céu nublado se vela?”); **c.** ... não ser apanhado pelo canto da sereia.; **d.** ... “sereia”.

Pág. 225

2.1. a. Pessoa que procura o amor/que corre o risco de se apaixonar; **b.** Perigos e aventuras associados à vivência do amor; **c.** Amor/pessoa por quem o “pescador” se apaixona; **d.** Proteção, abrigo, segurança.

3.1. O poema é composto por cinco estrofes de quatro versos, constituídas por dois heptassílabos, seguidos de um trissílabo e de um tetrassílabo, que funciona como refrão. Cria-se, assim, um ritmo cadenciado e repetitivo, que sugere os movimentos das ondas (heptassílabos) e realça os conselhos do sujeito poético (trissílabos), que culminam com apóstrofes diretas ao destinatário (“Oh pescador!”).

Nota: Esta composição é influenciada pelas barcarolas medievais, o que se observa claramente no ritmo e na rima do poema.

Barcarola ou marinha – Tipo de cantiga de amigo característico da lírica galego-portuguesa e que acolhe temas ligados ao mar ou ao rio. O sujeito destas composições achase-se invariavelmente perante as ondas do mar ou as margens dos rios a quem confia as suas mais íntimas inquietações, que vão desde a ausência do amado à sua demora, por exemplo, por obrigações militares. O olhar perdido perante a imensidão das águas naturais é glosado dando a entender que o *amigo* pode regressar apenas pela força do desejo confessado.

Carlos Ceia, e-dicionário de Termos Literários, http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=133&Itemid=2 (consult. em 29-01-2014)

GRAMÁTICA

1. a. As palavras “pescar” e “pescador” pertencem à mesma família de palavras, pois têm o mesmo radical.; **b.** Os vocábulos “pescador”, “barca” e “rede” formam o campo lexical da palavra “pesca” (por exemplo).; **c.** A palavra “vela” (v. 7) é um merónimo da palavra “barca” (v. 1), porque se refere a um constituinte, a uma parte, do holónimo “barca”.; **d.** As palavras “vela” (v. 6) e “vela” (v. 7) são homónimas, porque têm grafia e pronúncia idênticas, significados diferentes (“oculta”/“encobre”, respetivamente) e provém de étimos diferentes (velare e velu-, respetivamente).; **e.** O termo “Colhe” apresenta características de polissemia, pois tem mais do que um significado. Neste contexto, é sinónimo de “recolher”, “guardar”, mas pode também significar “apanhar flores ou frutos” (Ex.: O João colhe uvas todos os anos.).

Pág. 226**PRÉ-LEITURA**

1.1. *Cavaleiro andante* – cavaleiro que, para ganhar fama, procurava aventuras e se envolvia em torneios; *paladino* – cavaleiro que se distinguiu pela sua bravura; *demanda do Santo Graal* – procura do vaso sagrado que, segundo a crença da Idade Média, foi utilizado por Jesus na última ceia com os apóstolos (o Graal simboliza a plenitude interior); *távola redonda*: mesa redonda (sem cabeceira) à volta da qual os cavaleiros do rei Artur se reuniam, representando a igualdade de todos os seus membros.

**Materiais áudio**

“O palácio da ventura”, lido por Luís Gaspar, disponível nos **Recursos do Projeto**.

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA (p. 227)

1.1. a. Sujeito poético; **b.** Busca do amor (simbolizado pelo palácio da Ventura); **c.** Inicialmente: “Por desertos, por sóis, por noite escura”; no final: “palácio encantado da Ventura”; **d.** A procura e a chegada ao “palácio [...] da Ventura”.

2. O sujeito poético autocaracteriza-se como um “cavaleiro andante” (v.1) e “Paladino do amor” (v. 3) à procura de um palácio encantado; apesar de, já no final do seu percurso, se sentir cansado “exausto e vacilante” (v. 5), ao atingir o seu objetivo, revela algum entusiasmo (cf. frase exclamativa, vv. 7-8).

Pág. 227

3.1. Os elementos criadores de “suspense” são, por um lado, as dificuldades por que o sujeito poético passa, que quase o aniquilam (vv. 5-6) e, por outro, o atingir do seu objetivo, subitamente (vv. 7-8).

4. Diante das portas do “palácio”, o sujeito poético sente-se revigorado e encorajado (bate à porta com “grandes golpes” e brada), e autocaracteriza-se como alguém sem paradeiro, que precisa de ser acolhido (v. 10).

5. Contrariamente às expectativas, o palácio encantado encerra apenas “Silêncio e escuridão” (v. 14), e não o amor ou a felicidade que o sujeito poético procurava desde o início da sua caminhada. O objetivo inicial não é, assim, atingido.

6. Resposta pessoal. **Sugestão de resposta:** A história narrada no poema pode ser, efetivamente, considerada uma alegoria pessimista da vida humana na medida em que o sujeito poético não atinge os seus objetivos iniciais (o amor, a felicidade...); ao chegar ao fim do seu caminho, resta-lhe apenas a tristeza e a frustração (“Silêncio e escuridão”) e não a recompensa pelo percurso duro realizado e pelas provações passadas.

GRAMÁTICA

1. a. Modificador restritivo do nome; **b.** Modificador afirmativo do nome; **c.** Complemento direto; **d.** Predicativo do sujeito; **e.** Vocativo; **f.** Modificador do grupo verbal (valor modal).

2.1. a. Complemento direto; **b.** Sujeito (simples); **c.** Complemento direto.

2.2. a. Sonho-o.; **b.** Elas abrem-se.; **c.** Mas dentro só os encontro.

2.2.1. a. O complemento direto foi substituído pelo pronome demonstrativo “o”, em posição pós-verbal, pois substitui uma oração subordinada substantiva completiva.; **b.** O sujeito simples foi substituído pelo pronome pessoal “Elas”; embora, na frase original, o sujeito surja posposto ao predicado, com a substituição pronominal o pronome pessoal deve ser colocado antes do verbo.; **c.** O complemento direto foi substituído pelo pronome pessoal “os”, pois substitui um grupo nominal; ocorre antes do verbo, devido à presença do advérbio “só” na frase.

ESCRITA**Materiais de apoio ao professor**

Grelha de avaliação da escrita disponível nos **Recursos do Projeto**.

Pág. 228

PRÉ-LEITURA

1. A expressão *construir castelos no ar* significa “fantasiar”.



Materiais áudio

Leitura expressiva do soneto “Na praia lá da Boa Nova, um dia” disponível nos Recursos do Projeto.

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

- 1.1. O sujeito poético edificou, na praia da Boa Nova, um “Alto Castelo” que, posteriormente, foi destruído.
2.1. A característica que lhe permitiu construir o castelo foi a fantasia (v. 3).
3.1. O “Castelo” foi construído na praia da Boa Nova com materiais associados ao mar – “lápiz-lazúli e coral” (v. 4).

Pág. 229

- 3.2. Provavelmente, porque se tratou de uma criação ilusória, que culminou em decepção.
3.3. O “Castelo” terá sido destruído pela passagem do tempo e pela entrada na vida adulta, em que a “fantasia” e a alegria de viver que caracterizavam a infância foram substituídas pela falta de vitalidade e pelo tédio (“Deserto”, “spleen”).
4. a. Neste verso estão presentes a comparação, a interjeição e as frases exclamativas, que sugerem a imponentia e o fascínio exercido pelo castelo, remetendo também para o universo da infância, em que se criam universos imaginários, associados aos reis e aos castelos.; b. Neste verso destaca-se a repetição e a frase exclamativa, que conotam o apego e a recusa do sujeito poético em admitir o carácter ilusório da sua criação.; c. Neste verso está presente a metáfora; aquela “idade em que se é conde assim” é a infância, época da imaginação criadora, da ilusão e felicidade construída à conta de castelos de areia.

GRAMÁTICA

- 1.1. a. Parênteses curvos; b. Intercalam uma reação emocional do sujeito poético.; c. Dois pontos; d. Introduzem um esclarecimento do sujeito poético, relativamente ao que afirmou anteriormente.; e. Parênteses curvos; f. Intercalam um comentário do sujeito poético.; g. Vírgulas/ponto de exclamação; h. Conferem destaque à expressão entre vírgulas/atribuem nostalgia à exclamação.; i. Reticências; j. Transmitem nostalgia e reflexão.

OUTROS TEXTOS / EDUCAÇÃO LITERÁRIA

1. Embora tenham sido escritos em séculos diferentes (XIX e XX), os sonetos de António Nobre e Florbela Espanca abordam a mesma temática: em ambos o sujeito poético revela a sua tristeza e frustração por ter perdido o seu “castelo” (metáfora da ilusão e do encantamento passados). No entanto, a causa da perda parece ser diferente nos dois sonetos – má sorte e melancolia, no caso do poema de Nobre, ânsia de algo inexistente, no caso de Florbela.

Pág. 230

PRÉ-LEITURA

- 1.1. As pinturas são consideradas impressionistas pois a natureza é representada com recurso a pinceladas que sugerem uma impressão de cor e de luz.



Materiais áudio

“De tarde”, lido por Luís Gaspar, disponível nos Recursos do Projeto.

Pág. 231

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

- 1.1. a. Entardecer: “Pouco depois, em cima duns penhascos, Nós acampámos, inda o sol se via” (vv. 9-10); b. Campo: “[...] descendo do burrico... Um ramallete rubro de papoulas.” (vv. 5-8); c. Burguesia: “pic-nic de burguesas” (v. 1); d. “tu” (v. 5), sujeito poético (“Nós acampámos”, v. 10); e. “Foi quando tu... inda o sol se via!” (vv. 5-10).
1.2. O poema pode ser dividido em quatro partes: na primeira estrofe, o sujeito poético faz o enquadramento da ação (v. 1), exprimindo a sua subjetividade em relação à ação a narrar (vv. 3-4); na segunda estrofe, apresenta o primeiro momento da ação protagonizado pela colheita das papoulas pela companheira/destinatária do poema; na terceira estrofe, relata um segundo momento da ação, o piquenique propriamente dito, em que intervém também como personagem; finalmente, na última estrofe, destaca um pormenor do piquenique: o ramallete de papoulas no decote da companheira.
1. 3. a. segunda; b. burguesa; c. “burrico”; d. “papoulas”; e. terceira e quarta; f. piquenique; g. cima dos penhascos; h. ramallete de papoulas.
2.1. O poema “De tarde” é impressionista. A comprová-lo está o facto de a descrição ser feita com base em sensações, predominantemente visuais: cores azul (“granzoal azul”), vermelha (“ramallete rubro”, “papoulas”, “todo púrpuro”) e amarela (“talhadas de melão”, “damascos”, “inda o sol”). Para além disso, a referência a alimentos (“talhadas de melão”, “damascos”, “pão de ló molhado em malvasia”) remete para o paladar. Finalmente, transmite-se ainda o conceito de linhas horizontais e verticais – o “granzoal” e os “penhascos” –, e de volume – “o ramallete”, “talhadas de melão”, “damascos”...
3. O poema é constituído por quatro quadras com versos decassilábicos (O| ra| malhe|te| ru|bro| das| pa|pou|las)), com rima cruzada.

GRAMÁTICA

- 1.1. “burrico” – derivação por sufixação (burro + -ico); “granzoal” – derivação por sufixação (granzoal: grão + z + -oal); “grão-de-bico” – composição morfossintática; “ramallete” – derivação por sufixação (ramalho + -ete. Nota: ramalho é constituído por ramo + -alho).
1.2. -ico e -ete: pequenez; -al: cultura de vegetais.
1.2.1. Exemplo de resposta: a. arrozal, cafezal; b. pombal, areal.

Pág. 232

PRÉ-LEITURA

1. a. Uma bola que o guarda-redes podia facilmente defender mas que, por inépcia, deixou entrar na baliza; b. Situação em que um jogador não acerta na bola; c. Condução rasteira da bola; d. Estar em desvantagem no marcador e tentar dar a volta ao resultado.



Materiais áudio

Leitura expressiva do poema disponível nos Recursos do Projeto.

Pág. 233

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

1. a. Garrincha; b. futebolística; c. público; d. sintonia.

2. c., d., e., f.

3.1. Os traços angélicos são sugeridos pelas expressões “*Mais rápido que o próprio pensamento*” (v. 6) e “*um pé de vento*” (v. 8).

4.1. Trata-se de uma personificação e de uma metáfora. O verbo *trançar* sugere, metaforicamente, o exímio controlo da bola pelo jogador e “*feliz*” personifica a bola e a maneira esplêndida como Garrincha lida com ela.

5.1. a. A atitude da multidão caracteriza-se pela unidade, pela fusão dos indivíduos num impulso coletivo: “*Num só transporte*” (v. 9); “*uníssono canto*” (v. 11).

5.2. b. O público exprime expectativa, esperando que o golo aconteça.

5.3. b. O golo é visto como cumprimento do desejo da multidão, pois o anjo Garrincha “*escuta e atende*” o anseio do público.

6.1. O sujeito poético separa as letras/os sons da palavra, tomando a letra inicial “*G*” como o pontapeador da bola, os “*O*” como o movimento que a bola descreve e o “*L*” como a baliza desimpedida. É a magia, a essência do golo que o poeta pretende captar.

7.1. O acontecimento relatado pelo sujeito poético baseia-se num facto objetivo, facilmente comprovável (futebol de Garrincha); a objetividade é ainda realçada pelo vocabulário técnico (“*couro*”, “*dribla*”). Por outro lado, o sujeito poético sente-se fascinado pela forma como Garrincha joga futebol e marca golos – a demonstrá-lo está o modo como se refere às suas capacidades futebolísticas (valorizando a sua rapidez, o seu poder de finta, a sua inteligência posicional e tática) e a forma emotiva como define o seu futebol (“*É pura dança!*” – cf. frase exclamativa e adjetivo anteposto).

8.1. Trata-se de um soneto, pois é constituído por duas quadras e dois tercetos com versos decassilábicos (*Co/mo a/ me/dir/ o/ lan/ce/ do/ mo/ men [to]*). O esquema rimático é ABAB ABAB CCA DDA.

Pág. 234

GRAMÁTICA

1. a. A incoerência resulta da inadequação do uso da palavra “*prognósticos*” (*conjetura sobre o que vai suceder, com base em dados reais, previsão*) – os prognósticos fazem-se antes do jogo e não no final.; b. A incoerência resulta da oposição – e aparente incompatibilidade – que se estabelece entre *pé* e *mão* (a palavra *mão* surge enquadrada na expressão idiomática *estar à mão*).; c. A palavra “*naftalina*” não se adequa ao contexto – provavelmente, o enunciador pretendia usar a palavra *adrenalina*.; d. A palavra “*respiratório*” não se adequa ao contexto – o enunciador pretendia usar a palavra *expiatório*.; e. A incoerência resulta da redundância entre “*humanos*” e “*pessoas*” – as palavras são sinonímicas – logo não faz sentido estabelecer entre elas uma relação de comparação.;

f. A expressão “*azul e branco*” é incompatível com “*uma cor*” (trata-se de duas cores).; g. O uso da expressão “*nem bem nem mal*” é incompatível com “*antes pelo contrário*” (a primeira não se opõe à segunda, por se tratar da coordenação de dois elementos distintos).

ORALIDADE

 Textos complementares

Biografia do jogador Garrincha para o desenvolvimento da atividade disponível nos Recursos do Projeto.

Pré-escuta

1. Garrincha foi um jogador de futebol brasileiro que, apesar de ter as pernas tortas, era exímio a driblar, a fintar e a romper defesas.

Escuta

2.1. D., A., C., B.

Pós-escuta

3. De acordo com a biografia, as jogadas de Garrincha eram “*divertidíssimas, cheias de ritmo e dança*”. Esta característica também é evidenciada no final do soneto de Vinícius de Moraes, quando o sujeito poético exclama subjetivamente “*É pura dança!*” (v. 14).

 Materiais projetáveis

Guia de escrita orientada de texto biográfico disponível nos Recursos do Projeto.

Pág. 235

 Materiais vídeo

Excerto do filme *Romeu e Julieta* disponível nos Recursos do Projeto.

Nota: O filme *Romeu e Julieta*, de Baz Luhrmann, é um dos filmes selecionados pelo Ministério da Educação e Ciência, no âmbito da experiência Plano Nacional de Cinema (in <http://www.portugal.gov.pt/pt/os-ministerios/ministerio-da-educacao-e-ciencia/mantenha-se-atualizado/20120921-sec-plano-nacional-cinema.aspx>, consult. em 29-01-2014).

PRÉ-LEITURA

1.1.1. Romeu aproxima-se de Julieta, que se encontra deitada num altar. Ao vê-la, deita-se junto dela e, julgando-a morta, beija-a e coloca-lhe um anel no dedo; Julieta reage tenuemente, mas Romeu não se apercebe e decide suicidar-se, envenenando-se. Julieta acorda e ainda tenta dialogar com o seu amado, mas é tarde de mais, pois Romeu morre nos seus braços. Então, Julieta suicida-se também.

 Materiais áudio

Leitura expressiva do poema disponível nos Recursos do Projeto.

Pág. 236

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

1.1. De acordo com o sujeito poético, há situações em que é necessário conhecer a verdade.

2.1. Trata-se de Romeu e Julieta.

2.2. Se Romeu soubesse que Julieta não estava morta... teria esperado que ela acordasse (vv. 6-7) ou ter-lhe-ia dado um beijo para que ela acordasse (vv. 8-10).

Nota: O aluno poderá ainda completar a sua resposta com elementos implícitos (relacionados com a “*história conhecida*”): Se Romeu soubesse que Julieta não estava morta... não se teria suicidado (como se sugere na última estrofe).

2.2.1. Esta hipótese permite defender que, se Romeu tivesse chegado “à verdade dos factos”, a sua história teria tido um final feliz. O sujeito poético apresenta uma hipótese do que poderia ter acontecido, caso Romeu soubesse o que na verdade se passava.

3.1. 1. difere; **2.** Verona; **3.** provavelmente; **4.** morrem; **5.** triunfa; **6.** imprevisivelmente; **7.** amor; **8.** almas; **9.** eternamente; **10.** fim.

4. a. O poema é constituído por quatro estrofes (duas décimas, uma sextilha e uma oitava).; **b.** Os versos do poema são brancos (não rimam).; **c.** Os versos têm sílabas métricas diferentes.

GRAMÁTICA

1. “Se Romeu naquele dia soubesse/que Julieta apenas hibernava/sob a aparência de um cadáver” (vv. 3-5); “Se assim tivesse acontecido” (v. 21).

1.1. Oração dos vv. 3-5: “teria esperado as horas necessárias” (v. 6);

Oração do v. 21: “a história/de Julieta e de Romeu seria/parecida com as histórias infantis [...]”. (vv. 21-26).

2.1. a. O presente do indicativo indica uma verdade permanente, remetendo para uma situação/tese que é sempre válida.; **b.** O pretérito imperfeito do conjuntivo e o condicional indicam que o que é dito se trata não de um facto real mas de uma hipótese.; **c.** O pretérito perfeito simples do indicativo indica um facto real, passado.

Pág. 239

1.1. A. Séc. XXI: Teatro contemporâneo; **B.** Séc. XIX: Teatro romântico; **C.** Séc. V a. C: Teatro da Grécia antiga; **D.** Séc. XVI: Teatro de Shakespeare; **E.** Séc. XV: Teatro de Gil Vicente.

2.1. Exemplo de resposta: Pierce Brosnan/James Bond; Hugh Laurie/Dr. House; Rowan Atkinson/Mr.Bean; Carlos Vidal/Avô Cantigas.

Pág. 240

1.1. a. gregas; **b.** africana; **c.** veneziana; **d.** chinesa; **e.** caretos transmontanos.

Pág. 241

Informação sobre a obra *As Mulheres no Parlamento*, de Aristófanes:

Porque se trata, antes de mais, em *As Mulheres no Parlamento*, de fazer aprovar uma nova estratégia governativa que revolucione os parâmetros tradicionais, manifestamente ineficazes, da vida política ateniense, Aristófanes encontra nesta comédia uma oportunidade de parodiar de novo o símbolo máximo da vivência democrática da sua cidade: a assembleia do povo.

Maria de Fátima Sousa e Silva, “Introdução”, in Aristófanes, *As Mulheres no Parlamento*, INICT, 1996

PRÉ-LEITURA

1.1. O locutor discursa para a assembleia, começando por referir que todos os cidadãos têm direito ao voto. No entanto, vai apresentando as “exceções à regra”, o que provoca a redução progressiva da assembleia (quem deixa de estar abrangido pelo direito ao voto deixa de aplaudir entusiasticamente o discurso e abandona o local). A diminuição dos balões sugere, assim, a diminuição numérica da assembleia, bem como o enfraquecimento do seu entusiasmo. Assim se conclui que, apesar de advogarem que todos os cidadãos deveriam ter uma participação ativa na vida da cidade, os gregos não permitiam que todos votassem (**nota:** é o caso das mulheres e dos escravos, por exemplo, que não tinham qualquer intervenção política).



Materiais áudio

Leitura expressiva do texto disponível nos **Recursos do Projeto**.

Pág. 243

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

1.1. As mulheres reuniram-se com o objetivo de convencerem os homens a entregarem-lhes o governo da cidade.

1.1.1. Para atingir esse fim, as mulheres planearam estar presentes no parlamento, apesar de só os homens o poderem fazer. Para isso assumiram um aspeto masculino (colocando barbas postiças, vestindo roupas de homem e preparando e exercitando o corpo).

2. Praxágora foi a mulher que incitou as outras a, masculinizadas, tomarem assento no parlamento; a prová-lo está a forma como coordena as companheiras, convocando a reunião (ll. 6-7), dando ordens, confirmando se todas cumpriram o combinado (ll. 15-25) e repreendendo comportamentos menos adequados (ll. 43-47).

2.1. Praxágora é a personagem principal (ou protagonista) da ação.

3.1. Trata-se da “segunda mulher”, que pretendia tricotar durante a reunião – tal comportamento ameaçava o êxito do projeto, pois o *tricot* poderia denunciar o disfarce, já que era uma tarefa tradicionalmente feminina.

4.1. O cómico de linguagem está presente, entre outras, nas seguintes palavras/expressões de carácter popular: “empanturradela” (l. 14), “Para já tenho os sovacos peludos que nem uma mata” (ll. 18-19), “pateta-alegre” (l. 43).

4.2. Para “assumirem um aspeto masculino”, as mulheres tiveram os seguintes comportamentos cómicos: uma untara-se “da cabeça aos pés” e pespegara-se “o dia inteiro ao sol, a torrar” (ll. 20-21); a outra atirou “com a navalha pela porta fora, para ficar coberta de pelos” (ll. 22-23).

5.1. Atualmente, as mulheres também têm assento no parlamento.

Sugestões:

1. O professor poderá pedir aos alunos um comentário sobre o artigo 13.º da Constituição Portuguesa, potenciando uma reflexão sobre a democracia:

Princípio da igualdade: “Todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei.”

2. O professor pode consultar o *Guião de Educação: Género e Cidadania*, destinado ao 3.º ciclo, em que constam várias atividades a desenvolver em sala de aula, em <http://www.cig.gov.pt/documentacao-de-referencia/doc/guia-de-educacao-genero-e-cidadania-3o-ciclo/> (consult. em 01-02-2014).

Pág. 244

GRAMÁTICA

1.1. Verbos principais transitivos diretos: *decidiram, assumirem, colocar, vestir, preparar, exercitar, diz* (**nota:** “Ó olho brilhante!” é o CD); verbos principais transitivos indiretos: *vem*; verbos principais transitivos diretos e indiretos: *deitar, convencer, entregar, serviram, darem*; verbos copulativos: *parecerem, foram*.

2. a. Vocês têm nas; b. E eu também a tenho; c. Se eles nem a têm!

ORALIDADE



Materiais projetáveis

Informação sobre “Como fazer uma apresentação oral” disponível nos Recursos do Projeto.



Materiais de apoio ao professor

Grelha de avaliação da oralidade disponível nos Recursos do Projeto.

Pág. 245



Materiais áudio

Leitura expressiva do texto disponível nos Recursos do Projeto.

Pré-escuta

1. Resposta pessoal.

Escuta

2.1. Presidente da República, Assembleia da República, Governo, Tribunais.

2.2. **Presidente da República:** cidadão com mais de 35 anos; **Assembleia da República:** deputados (cidadãos com mais de 18 anos); **Governo:** Primeiro-Ministro e restantes ministros; **Tribunais** [não se aplica].

2.3. **Presidente da República:** representar o país; **Assembleia da República:** fazer leis (poder legislativo); discutir os problemas do país e as propostas dos ministros; **Governo:** tomar medidas para desenvolver o país e garantir que as leis são postas em prática (poder executivo); **Tribunais:** garantir a justiça (poder judicial).

3.1. e; f.

3.2. c.

4. 1. d.; 2. b.; 3. a.; 4. c.

Pós-escuta

5. Segundo o texto, em Portugal, o poder de governar encontra-se dividido por quatro órgãos de soberania: o Presidente da República, a Assembleia da República, o Governo e os Tribunais. O primeiro é o chefe do Estado (representante máximo do país); a AR é constituída pelos deputados, que são os responsáveis pela elaboração das leis principais destinadas a todo o país (poder legislativo); o Governo detém o poder executivo, garantindo que as leis são postas em prática (poder executivo); os Tribunais existem para garantir a justiça, sendo detentores do poder judicial.



Materiais projetáveis

Anúncio publicitário “Voto feminino” disponível nos Recursos do Projeto.

Pág. 246

Informação sobre a obra *O Avaro*, de Molière:

O Avaro não é apenas – como quem o ler à ligeira poderá julgar – a exibição duma personagem sempre ridícula e por vezes repugnante; é mais, muito mais: é um estudo crítico das deploráveis consequências da teimosia paterna em matéria matrimonial, com respeito aos filhos.

Este tema, que hoje não tem a importância que tinha no século de Molière, não deixa de nos ser simpático – porque, por muito viciados que estejamos, por muito mais corruptos que sejamos do que os homens do tempo de Luís XIV – toda a ideia generosa nos agrada tanto como nos repugna a prepotência. E a pior das prepotências é a prepotência paterna, a única que, salvo casos excecionais – tão excecionais que são monstruosos – não pode ser espezinhada, nem de ela se pode tirar vingança que satisfaça.

Do prólogo da obra *O Avaro*, Ed. Lello, 1925

PRÉ-LEITURA

1.1. a. velho; b. repolho; c. médico; d. moedas; e. avaro; f. outro.

1.1.1. Confrontado com o preço que teria de pagar por uma consulta médica para curar um ferimento no olho, um velho avaro não só recusa a cura como também diz que, pelo preço da consulta, vende o outro olho.

Sugestão:

O professor pode dinamizar a audição das seguintes faixas do CD *O prazer de pecar (7 pecados capitais)*, declamadas por Vítor de Sousa (Ovação, 2008):

- “Levando um velho avaro...” (Bocage);
- “Melhor do que eu me governo” (D. Diniz);
- “Puxando um avaro de um pataco...” (João de Deus);
- “Exclamou certo avaro...” (António Feliciano de Castilho).



Materiais áudio

Leitura expressiva do texto disponível nos Recursos do Projeto.

Pág. 248



Materiais projetáveis

Cartaz do espetáculo *O Avaro* disponível nos Recursos do Projeto.

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA (p. 249)

1.1. O criado transmite-nos uma opinião extremamente negativa, considerando que nunca viu ninguém pior do que o seu amo.

Pág. 249

2.1. Essa demora confirma o carácter desconfiado e irascível de Harpagão, bem como o autodomínio de Flecha, servindo para criar o cómico, seja pela manifestação do carácter maniaco do amo (cómic de carácter), seja através do insulto – “Ah, grande malandro!”, l. 7 (cómic de linguagem).

2.2. Harpagão argumenta que Flecha espíará as suas ações, com intuito de o roubar (ll. 12-16). Flecha considera que esse argumento não tem cabimento, já que o amo guarda ciosamente tudo o que tem (ll. 17-19).

3.1. Um boato é um rumor sem fundamento; visto que Harpagão tem, efetivamente, dinheiro guardado em casa (ll. 21-24), o facto de se dizer que ele tem dinheiro escondido em casa não se trata de um boato, mas de um facto verdadeiro.

4.1. As palavras de Flecha poderão ter vários sentidos:

- mesmo que o seu amo tivesse muito dinheiro, o seu comportamento não se alteraria, permanecendo um criado de confiança;
- mesmo que soubesse que o amo tem dinheiro guardado, nunca o conseguiria encontrar, pois Harpagão vigiava tudo e todos;
- mesmo que o amo tivesse muito dinheiro, isso não mudaria em nada a sua situação económica.

4.2. Harpagão considera que se trata de uma resposta marcada pela “esperteza”, atribuindo a esta palavra o significado de fineza/manha. Para Harpagão, a resposta de Flecha demonstra a capacidade que o seu criado tem de não perder a face em situações de aperto.

4.2.1. “Quem me dera poder roubá-lo.” (ll. 47-48).

5.1. A desconfiança de Harpagão, provocada pela sua avareza maniaca, leva-o a obrigar o criado a mostrar-lhe as mãos (duas vezes) e, não satisfeito, a revistar-lhe afanosamente os bolsos; por fim, leva-o a mandá-lo embora, apelando à sua “consciência” (de forma a que este não o roube, mesmo se tiver ocasião para isso). Harpagão, avaro e desconfiado, não se consegue controlar, caindo na caricatura.

6. Harpagão é avarento, desconfiado, agressivo, despótico. Flecha é finório, ladino, esperto.

GRAMÁTICA

1.1. Advérbios de predicado: “imediatamente”, “aqui”, “lá”, “já”; Advérbios de dúvida: “acaso”, “porventura”; Advérbio de interrogação: “Como”; Advérbio de quantidade e grau: “mais”; Advérbios de exclusão: “só”, “Apenas”.

Pág. 252

Informação sobre a obra *A Ilha Encantada*, de Hélia Correia:

O rei de Nápoles, o seu filho e vários membros da corte são vítimas de um naufrágio e encontram abrigo numa ilha remota e solitária onde Próspero, o “verdadeiro” duque de Milão, vive desterrado com a sua jovem filha e dois escravos [...]. A ação decorre num único espaço, a ilha onde Próspero (detentor do “dom” de alterar as condições atmosféricas e responsável pelo naufrágio) tentará ajustar contas com o usurpador do Ducado de Milão.

in <http://www.guiadacidade.pt/pt/art/a-12010-00> (consult. em 03-02-2014)

Guiões de Leitura

No caderno *Guiões de Leitura* que acompanha o manual apresentamos uma proposta de trabalho para a leitura orientada da obra *A Ilha Encantada*, de Hélia Correia (Versão para Jovens de *A Tempestade* de Shakespeare), da qual faz parte este excerto.

PRÉ-LEITURA



Materiais projetáveis

Capa da obra *A Ilha Encantada* disponível nos **Recursos do Projeto**.

1.1. O excerto tem como título “A tempestade”; a figura feminina, numa praia rochosa, observa o mar revolto por uma tempestade.

Sugestão:

Em <http://www.youtube.com/watch?v=2XZ091CEgNU>, http://www.youtube.com/watch?v=5xYzRsQBn_M e http://www.youtube.com/watch?v=HWa_uhtj0Fk (consult. em 03-02-2014) poderá encontrar *The Tempest*, de Shakespeare (com o argumento adaptado por Leon Garfield), numa versão animada, através da técnica de *stop motion*, e com legendagem em inglês.



Materiais áudio

Leitura expressiva do texto disponível nos **Recursos do Projeto**.

Pág. 257

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

1. a. V. (“Se por tua magia, querido pai,/ Puseste as águas neste estado, para-as” – ll. 3-4); **b. F.** (O poder de Próspero consiste em fazer magia, mais concretamente em controlar os elementos atmosféricos.); **c. V.** (“Ai, sofri/Pelos que vi sofrer.” – ll. 7-8; “Pobre gente, morreu! Fosse eu um deus/Com poder e o mar soterraria/Antes que ele pudesse o bom navio/E a sua carga de almas engolir.” – ll. 12-15); **d. V.** (“a teu respeito tudo ignoras” – l. 24); **e. F.** (Miranda afirma que nunca pretendeu saber mais do que o que o pai lhe revelara.); **f. V.** (“Muita vez a contar-me começaste/Para às minhas perguntas te deteres;/Rematando: ‘Ainda não’.” – ll. 42-44).

2.1. a.

2.2. c.

2.3. a.

3.1. a. Próspero; **b.** governar; **c.** biblioteca; **d.** Rei de Nápoles.

3.2.1. A traição foi “um vil golpe”, pois pai e filha sofreram muito com isso: Próspero foi considerado incapaz de governar e injustamente expulso do seu ducado, passando a viver de forma muito modesta, com Miranda. Por outro lado foi “uma bênção”, já que ambos foram parar àquele lugar e Próspero proporcionou à filha uma educação exemplar.

4.1. Resposta pessoal.

Sugestão de resposta: Esse pretexto não é sensato, pois é motivado mais pela ambição do que pela razão. Próspero era o legítimo Duque de Milão; o facto de viver para os livros foi o pretexto a que o irmão recorreu para o declarar incapaz de governar e usurpar o poder.

Pág. 258

5.1. Ficou por esclarecer o motivo que levou Próspero a provocar a tempestade e o naufrágio.

5.2. Miranda, vencida pelo sono, acabou por adormecer antes de o pai lhe contar tudo.

6. a. verso.

GRAMÁTICA

1.1. a. O complexo verbal que se encontra na forma passiva é “*fomos encaminhados*”, sendo constituído por um verbo principal e pelo verbo auxiliar *ser*. Para além disso, o constituinte “*pela bênção do destino*” exerce a função sintática de complemento agente da passiva – função essa que só existe em frases passivas.

2. a. Criaturas que minhas eram foram moldadas para o seu serviço.; **b.** As portas de Milão foram abertas por António.; **c.** Os meus inimigos foram trazidos para aqui por um estranho acaso.

3. A, D, C, E, B.

Pág. 259

ESCRITA

Sugestão:

Terminada a fase de redação do texto dramático, o professor poderá promover um momento de partilha e confronto dos textos entre os alunos da turma, com vista à tomada de consciência e sistematização de marcas distintivas do texto dramático.

Numa fase posterior, os/alguns textos poderão ser dramatizados – desta forma criar-se-ão mecanismos que asseguram a circulação dos textos produzidos pelos alunos.



Materiais de apoio ao professor

Grelha de avaliação da escrita disponível nos Recursos do Projeto.

Pág. 260

PRÉ-LEITURA

Informação sobre a obra *Aquilo que os Olhos Veem ou O Adamastor*, de Manuel António Pina:

A história é contada, em finais do primeiro quartel do século XVI, pelo físico e astrólogo Mestre João, que regressa, velho e doente, a Portugal, depois de muitos anos no Oriente, e que, à passagem do Cabo da Boa Esperança, recorda os acontecimentos de que fora, aí, testemunha muitos anos antes.

<http://www.wook.pt/ficha/aquilo-que-os-olhos-veem-ou-o-adamastor/a/id/82769> (consult. em 03-02-2014)

Nota: Antes de iniciar a leitura do texto, o professor poderá explicar aos alunos que o Cabo da Boa Esperança/Cabo das Tormentas foi representado, na epopeia *Os Lusíadas*, por uma figura monstruosa, de aspeto horrendo, de nome Adamastor; o Adamastor também é conhecido por dois outros nomes: Mostrengo e Avantesma.

1.1. Resposta pessoal.

Tópicos a abordar: O aluno deverá apresentar, na sua explicação da rota, informações semelhantes às veiculadas pelo texto que a seguir se apresenta.

“De Lisboa até Cabo Verde não havia grandes dificuldades. Era depois deste arquipélago que surgiam os primeiros problemas. Era preciso escolher a longitude certa para montar com êxito a costa brasileira iniciando a volta do mar, contornando o alísio no Atlântico Sul. [...] Da costa brasileira seguia-se em direção ao Cabo da Boa Esperança. [...] Depois do Cabo colocava-se, novamente, uma questão de datas. Os navios seguiam em direção a norte, devendo escolher entre fazer a viagem por dentro, pelo canal de Moçambique, ou por fora, passando a leste dessa ilha. A escolha entre a viagem por dentro e por fora tinha de ser feita, segundo os regimentos, de acordo com a data em que se cruzava o Cabo, sendo meados de julho a data de transição. A viagem por dentro seguia então à ilha de Moçambique onde se podia, ou não, fazer escala e daqui para Goa ou Cochim. Por fora havia que alargar a rota, após dobrar o cabo da Boa Esperança, até se estar a 100 léguas da ponta sul de Madagáscar, seguindo pelo Índico Central até Goa ou Cochim. Uma outra rota seguida era em direção a Malaca, sem ir à Índia. A melhor forma de o fazer era seguir até ao Cabo da Boa Esperança, como qualquer outro navio, e daí atravessar o Índico diretamente para aquela cidade.”

Rui Godinho, “Carreira da Índia”, in Centro Virtual Camões, <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/navegacoes-portuguesas-48324.html> (consult. em 03-02-2014 e com supressões)



Materiais áudio

Leitura expressiva do texto disponível nos Recursos do Projeto.

Pág. 262



Guiões de Leitura

No caderno *Guiões de Leitura* que acompanha o manual apresentamos uma proposta de trabalho para a leitura orientada da obra *Aquilo que os Olhos Veem ou O Adamastor*, de Manuel António Pina, da qual faz parte este excerto.

Pág. 263

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

1.1. b., c., d.

1.2. Numa noite de tempestade, a bordo de uma nau, junto ao Cabo das Tormentas, Manuel e Mestre João conversam, sobre o Adamastor, quando, de repente, a criatura surge em cena, desaparecendo de seguida. Entretanto, a tempestade amaina e Manuel conclui que o Adamastor vinha à sua procura.

2.1. A didascália transmite informação sobre a localização temporal da ação: a ação decorre no passado (tempo do perfeito = tempo passado/acabado/terminado).

3.1. Ao longo da conversa são referidas a primeira navegação de Bartolomeu Dias pelo Cabo das Tormentas (ll. 36-38), uma navegação em que Manuel participou, também comandada por Bartolomeu Dias (ll. 16-25) e a navegação atual, de que Manuel e Mestre João fazem parte.

3.2. A conversa é interrompida quer pela violência da tempestade, que leva a que um homem caia ao mar e a que as ondas assolem o convés, quer pelo facto de o Adamastor surgir em cena.

3.3. Resposta pessoal.

4.1. Exemplo de resposta: **a.** “Noite de tempestade.” (l. 1); “Mal se vê.” (l. 8); **b.** “A nau balança de um lado para o outro, atirando com as lanternas em todas as direções; tombam objetos no convés.” (ll. 6-7); **c.** “O vento uiva furiosamente, batendo as velas e as vergas. [...] Relâmpagos e trovões.” (ll. 2-4); **d.** “Incrédulo” (l. 28); “Hesitante” (l. 34); “MANUEL E MESTRE JOÃO detêm-se, alarmados, à escuta.” (l. 40); **e.** “Na coberta, tenuemente iluminados, estão MANUEL [...] e MESTRE JOÃO” (ll. 12-13), “Off” (ll. 21, 22, 39, 41 e 45); “Luzes.” (l. 67).

5.1. a. Pavimento superior do navio, da proa à popa, na altura da borda; **b.** Pavimento inferior ao convés de um navio; **c.** Recolher as velas; **d.** Soltar a âncora; **e.** Fazer passar as velas de um bordo ao outro; **f.** O mar estar calmo; **g.** Milhas (nó: unidade de velocidade constante correspondente a uma milha marítima por hora); **h.** Manobrar o leme para levar a embarcação a aproximar a proa da linha do vento; **i.** Homem caído ao mar (fórmula de alerta); **j.** Atrás (ré: parte do navio que vai da popa ao mastro grande); **k.** Virar à esquerda (fórmula de instrução).

Pág. 264

EXERCÍCIO

1. Não foi respeitado o princípio de cooperação, pois, ao dizer “Sabe, e pronto, querida.”, o pai não responde de forma pertinente à pergunta feita pela filha. (Nota: Poder-se-á afirmar que também não responde de forma verdadeira, dado que o Pai Natal não existe.)

Pág. 265

Informação sobre a obra *O Colar*, de Sophia de Mello Breyner Andresen:

Vanina está apaixonada. Porque assim começa a vida. E do dia pleno se passa para a noite. “A vida é difícil, Vanina”, é o que lhe repetem em tons diferentes as pessoas que encontra. Vanina, ao longo da pequena peça, como quem diz ao longo da vida, vai aprender que é verdade. Chora. Aprende que a vida não é um conto de fadas, aprende a dificuldade, o que é a liberdade limitada, aprende o que é viver com os outros. Conhece a decepção. Percebe que nem sempre a arte, a verdade e a justiça se encontram. Mas lava-se na natureza, na fonte dos pastores. E decide, inventa-se. E aprende a amar.

Luis Miguel Cintra

in <http://www.teatro-cornucopia.pt/htmls/conteudos/EEluAV/pyUuUuAVITeR.shtml> (consult. em 03-02-2014)

 Guiões de Leitura

No caderno **Guiões de Leitura** que acompanha o manual, apresentamos uma proposta de trabalho para a leitura orientada da obra *O Colar*, de Sophia de Mello Breyner Andresen, da qual faz parte este excerto.

PRÉ-LEITURA

1.1. As imagens referem-se a Veneza (Itália).



Materiais áudio

Leitura expressiva do texto disponível nos **Recursos do Projeto**.

Pág. 268

EDUCAÇÃO LITERÁRIA / LEITURA

1.1. A personagem manifesta grande ansiedade, repetindo para si própria que tem de se pentear, revendo-se ao espelho, preocupada com o seu aspeto, chamando novamente a criada Bonina, inquietando-se com a sedentária D. Geraldina, que a espia.

1.2. O motivo reside na paixão à primeira vista por Pietro Alvisi.

2.1. Bonita: “estou bem bonita” (l. 27), “A rosa mais bonita para a menina mais bonita da festa!” (ll. 61-62).

Olhos azuis: “Os meus olhos também brilham. Hoje estão completamente azuis” (ll. 26-27).

Feliz: “Que dia lindo!” (ll. 2-3), “Está tudo a brilhar” (ll. 3-4).

Vaidosa: “(Olha-se bem ao espelho [...])” (ll. 25-26).

Apaixonada: “Mas eu apaixonei-me por ele desde o primeiro instante e para sempre.” (l. 52).

Pertencente a um meio socioeconómico favorecido: “BONINA – Haveis tocado, Senhora?” (l. 6) [Vanina tem uma criada particular.]; “O pior é ter de levar comigo a D. Geraldina. E está sempre a espiar-me e conta tudo ao meu tutor.” (ll. 12-13) [As meninas de alta condição social apenas saíam à rua acompanhadas. Neste caso, Vanina sairia acompanhada por uma aia.]

Em idade de casar: “(Vanina continua a arranjar-se em frente do espelho, a pentear-se e a pôr rouge)” (ll. 21-22) [A protagonista é jovem, está sentada ao tocador a pentear-se, maquilhar-se e perfumar-se, pois tem em mente um encontro amoroso.]

3.1. Fisicamente, Pietro é bonito e possui uma bela voz. Psicologicamente, é galante (“colheu uma rosa da trepadeira e disse: A rosa mais bonita para a menina mais bonita da festa!” – ll. 61-62), sentimental, imprimindo paixão e doçura ao seu canto e “misterioso como um pirata” (l. 48). Socialmente, é pobre, mas de origem aristocrática (“filho do Conde Alvisi que morreu arruinado” – l. 47).

4.1. O cómico em causa é o cómico de linguagem. Vanina brinca com os significados das palavras *Geraldina* e *girar*, foneticamente semelhantes mas representando realidades opostas (D. Geraldina gosta de estar quieta e não de girar).

5.1. 1. d.; 2. d.; 3. a.; 4. b.; 5. c.

Pág. 269

GRAMÁTICA

1. a. Frase de tipo exclamativo; b. Frase de tipo imperativo; c. Frase de tipo declarativo; d. Frase de tipo interrogativo.

1.1. a. Com a frase de tipo exclamativo, Vanina expressa a sua felicidade.; b. Com a frase de tipo imperativo, Vanina pretende dar uma ordem a Bonina (destinatária do seu discurso).; c. Com a frase de tipo declarativo, Vanina comunica uma informação, descrevendo-se fisicamente.; d. Com a frase de tipo interrogativo, Vanina formula uma interrogação (retórica).

2. Sugestão de resposta: a. “Vou sair” (l. 2), “vou [...] escrever” (l. 65).; b. “Tenho que me pentear” (l. 10); “ter de levar” (l. 12).; c. “não posso sair” (l. 25).

ESCRITA



Materiais de apoio ao professor

Grelha de avaliação da escrita disponível nos **Recursos do Projeto**.

Pág. 270

OUTROS TEXTOS / ORALIDADE



Materiais áudio

Canção “Linhas cruzadas”, do grupo *Virgem Suta*, disponível nos **Recursos do Projeto**.

Sugestão:

Poderá visionar o videoclip desta música em <https://myspace.com/virgemsuta/video/linhas-cruzadas/106652334> (consult. em 03-02-2014).

1.1. 1. incómodo; 2. direção; 3. disfarçar; 4. Roubas; 5. dom; 6. confusão; 7. Confesso; 8. encontrar; 9. boca; 10. ti; 11. tempo; 12. cumprimentar; 13. dia; 14. noite; 15. olhar; 16. querer; 17. enorme; 18. invenção; 19. capricho; 20. sangue.

1.2. Tal como Vanina, também o sujeito enunciativo da canção se sente fascinado pela pessoa amada sem, todavia, a conhecer bem. Muito pelo contrário, as emoções que está a viver não se fundamentam num conhecimento profundo da outra pessoa, mas num amor à primeira vista.

Pág. 273

Esta oficina de gramática baseia-se nas propostas apresentadas em J. Costa, A. Caldeira Cabral, A. Santiago e F. Viegas, *Guião de Implementação do PPEB – Conhecimento Explícito da Língua*, ME-DGIDC, 2011.

1. **Tipo de atividade:** construção e mobilização de conhecimentos + treino
2. **Descritores de desempenho:** sistematizar propriedades distintivas de classes e subclasses de palavras.
3. **Pré-requisitos:** conjugação coordenativa, advérbio conectivo, oração coordenada, sujeito, predicado, complemento do verbo.
4. **Duração estimada:** 45 minutos.

Para além dos descritores do PPEB, acima indicados, nesta oficina de gramática é trabalhado o seguinte descritor de desempenho (pertencente ao domínio da Gramática) referenciado nas MCP: “integrar as palavras nas classes a que pertencem”. (Helena C. Buescu et alii, *Metas Curriculares de Português*, 2012, p. 61).

ETAPA 1

1.1.1. b.

1.1.2. a.

1.2. Valor dos conectores: oposição, oposição, conclusão, conclusão; **Orações que introduzem:** coordenada adversativa, coordenada adversativa, coordenada conclusiva, coordenada conclusiva.

Conclui e completa

a. oposição; **b.** conclusão.

Pág. 274

ETAPA 2

1.1. a. *O Ricardo leu o livro, não entendeu mas o final.; **b.** Chove muito, o Pedro não trouxe, porém, guarda-chuva./Chove muito, o Pedro, porém, não trouxe guarda-chuva.; **c.** *É o meu dia de folga, não tenho logo pressa.; **d.** Fiz um bom trabalho, recebi, portanto, um aumento.

1.2.1. Frases corretas: b., d.; porém, portanto; advérbios conectivos; **Frases incorretas: a., c.;** mas, logo; conjunções coordenativas.

Conclui e completa

a. conjunções coordenativas; **b.** advérbios conectivos; **c.** conjunções coordenativas; **d.** advérbios conectivos; **e.** sujeito; **f.** complemento.

2.1. ... das conjunções.

2.2. a. e c.

Pág. 275

2.3. b.

Conclui e completa

a. uma conjunção; **b.** não pode existir/não é possível.

Treina

1.1. a. *Os alunos estudaram muito, acharam mas o teste difícil.; **b.** *Descansei toda a noite, estou logo muito bem.; **c.** O Frederico já almoçou, o rapaz, contudo, ainda tem fome./O Frederico já almoçou, o rapaz ainda tem, contudo, fome.; **d.** Preciso de emagrecer, farei, portanto, exercício físico.; **e.** A Rita explicou o exercício, os amigos, todavia, não compreenderam.

1.1.1. a. e b.

1.1.2. Os advérbios conectivos são “*contudo*”, “*portanto*” e “*todavia*”. As conjunções coordenativas são “*mas*” e “*logo*”.

Pág. 276

Esta oficina de gramática baseia-se nas propostas apresentadas em J. Costa, A. Caldeira Cabral, A. Santiago e F. Viegas, *Guião de Implementação do PPEB – Conhecimento Explícito da Língua*, ME-DGIDC, 2011.

1. **Tipo de atividade:** construção e mobilização de conhecimentos + treino
2. **Descritores de desempenho:** caracterizar classes de palavras e respetivas propriedades; aplicar as regras de utilização do pronome pessoal átono (reflexo e não reflexo) em adjacência verbal; distinguir processos sintáticos de articulação entre frases complexas.
3. **Pré-requisitos:** conjugação coordenativa explicativa e subordinativa causal, oração coordenada explicativa e subordinada adverbial causal, pronome pessoal átono.
4. **Duração estimada:** 90 minutos

Para além dos descritores do PPEB, acima indicados, nesta oficina de gramática são trabalhados os seguintes descritores de desempenho (pertencentes ao domínio da Gramática) referenciados nas MCP: “aplicar as regras de utilização do pronome pessoal em adjacência verbal: em orações subordinadas” e “dividir e classificar orações”. (Helena C. Buescu et alii, *Metas Curriculares de Português*, 2012, p. 62).

ETAPA 1

1. a. V.; b. V.; c. F.; d. F.; e. V.

2. a. e b. O Rui atrasou-se, porque perdeu o autocarro. (relação de causa e efeito)./O Rui atrasou-se, pois/que perdeu o autocarro. (relação de justificação).; e. Os vizinhos saíram, pois/que não vejo o carro deles. (relação de justificação)./*Os vizinhos saíram, porque não vejo o carro deles. (relação de justificação).

Conclui que, em relação às alíneas a. e b., é possível estabelecer relações de causa/efeito (por meio de conjunções subordinativas causais) e de explicação (por meio de conjunções coordenativas explicativas); na frase e., só é possível, estabelecer uma relação de explicação (por meio de conjunções coordenativas explicativas).

3. Ambas as interpretações são possíveis/têm sentido.

3.1. a. Saíram da água, pois/que a maré estava muito alta.; b. Saíram da água, porque a maré estava muito alta.

Conclui e completa

a. subordinativa; b. coordenativa; c. advérbio; d. possíveis.

Pág. 277

ETAPA 2

1.1. Não está ninguém em casa, pois/que as luzes estão apagadas.

1.1.1. Valor explicativo/justificativo.

1.2. O Pedro tirou negativa no teste, porque não estudou.

1.2.1. Valor causal.

Conclui e completa

a. explicativo/justificativo; b. explicação; c. justificação; d. causal; e. causa/razão.

ETAPA 3

1. Oração coordenada explicativa: b., d.; oração subordinada adverbial causal: a., c..

1.1. Nas frases acima apresentadas, quer as orações coordenadas explicativas quer as subordinadas adverbiais causais são pospostas, isto é, as orações coordenadas explicativas surgem depois das orações coordenadas e as orações subordinadas adverbiais causais surgem depois das orações subordinantes.

Pág. 278

1.2.1. a. Porque o professor adoeceu, o teste foi adiado.; b. *Pois entrou no Quadro de Honra, a Ana está feliz.; c. Porque a empresa faliu, o Rui perdeu o emprego.; d. *Pois tem cólicas, a bebé chora muito.

1.2.2. Sim. Apenas têm sentido as frases das alíneas a. e c. (que integram orações subordinadas adverbiais causais).

Conclui e completa

a. coordenadas explicativas; b. subordinadas adverbiais causais; c. subordinantes.

2.1.1. a. O Afonso ajudou aquela rapariga, pois viu-a a chorar.; b. A Eduarda está feliz, pois o Francisco telefonou-lhe.; c. A Ana tem frio, pois vestiu-se com roupas frescas.

2.1.2. a. O Afonso ajudou aquela rapariga porque a viu a chorar.; b. A Eduarda está feliz porque o Francisco lhe telefonou.; c. A Ana tem frio porque se vestiu com roupas frescas.

Conclui e completa

a. depois; b. direita; c. antes; d. esquerda.

Pág. 279

Esta oficina de gramática baseia-se nas propostas apresentadas em J. Costa, A. Caldeira Cabral, A. Santiago e F. Viegas, *Guião de Implementação do PPEB – Conhecimento Explícito da Língua*, ME-DGIDC, 2011.

1. Tipo de atividade: construção e mobilização de conhecimentos + treino

2. Descritores de desempenho: sistematizar padrões de formação de palavras complexas: por composição de duas ou mais formas de base; consultar regularmente obras lexicográficas, mobilizando a informação na análise da receção e da produção do modo oral e escrito.

3. Pré-requisitos: palavra simples e palavra complexa; processo de derivação; processo de composição; forma de base; vogal de ligação; radical.

4. Duração estimada: 60 minutos.

ETAPA 1

1.1. Palavras simples: computador, casaco; palavras complexas: inadequado, psicologia, escolaridade, corta-unhas, couve-roxa, afro-americano, ex-mulher.

1.2. a. a. e g.; b. radical.

1.3. c.

1.3.1. a. derivadas; b. compostas.

Conclui e completa

a. radical; b. derivação; c. composição.

Pág. 280

ETAPA 2

1. a. 1; b. 2; c. 2; d. 1.

2. Grupo I: a.: radical + vogal de ligação + radical; b.: radical + vogal de ligação + palavra; Grupo II: a. e b.: palavra + palavra.

Conclui e completa

a. radicais; b. palavras; c. vogal de ligação; d. palavras.

Pág. 281

ETAPA 3

1.1. a. geo + logia; b. luso + descendente; c. tira + nódoas; d. trabalhador + estudante.

1.2. a. relativo a Terra + estudo = ciência que estuda a Terra; b. português + que descende = pessoa que descende de portugueses; c. elimina + manchas = substância ou preparado que elimina nódoas; d. que trabalha + que estuda = pessoa que trabalha e estuda simultaneamente.

1.3. Foi possível chegar ao significado das palavras a partir da junção dos significados dos elementos que as constituem.

Treina

1. a. relativo ao fogo + arte, técnica = arte de usar o fogo; b. relativo a política + relativo a cultura = com características políticas e culturais; c. embarcação + local destinado à formação = navio destinado à formação; d. estudante + pessoa exemplar = aluno que serve de exemplo.

Pág. 282

Nota: Esta Oficina de Escrita baseia-se na proposta apresentada em I. Niza, J. Segura e I. Mota, *Guião de Implementação do PPEB – Escrita*, pp. 98-107.

Conteúdos

Nesta oficina de escrita, pressupõe-se que os alunos mobilizem e desenvolvam conhecimentos sobre o texto expositivo e sobre aspetos de coesão textual.

Nesta oficina de escrita é trabalhado o seguinte descritor de desempenho (pertencente ao domínio da Escrita) referenciado nas MCP: “Escrever textos expositivos sobre questões objetivas propostas pelo professor, respeitando: o predomínio da função informativa; a estrutura interna: introdução ao tema; desenvolvimento expositivo, sequencialmente encaixado e corroborado por evidências; conclusão; o uso predominante da frase declarativa.”. (Helena C. Buescu et alii, *Metas Curriculares de Português*, 2012, pp. 59-60).

Sequência de atividades

Sugere-se a seguinte sequência de atividades:

Ponto de partida para o trabalho (criação de um contexto)

1. Negociação do produto final do trabalho a realizar (texto expositivo sobre uma espécie em vias de extinção em Portugal).

2. Leitura do texto expositivo “Espécies em vias de extinção”.

3. Preenchimento da grelha apresentada em 1.1.

a. Transmitir/expor informações sobre as espécies em vias de extinção.; b. Espécies em vias de extinção.; c. Definição do conceito de espécies em vias de extinção.; d. Identificação de algumas espécies em vias de extinção, a nível global, e apresentação de formas de evitar a extinção das espécies referidas.; e. Apresentação do caso português: identificação de espécies em vias de extinção e de uma espécie já extinta, bem como das prováveis causas da sua extinção.; f. Sim, define-se o conceito espécies em vias de extinção.; g. Sim, apresentam-se factos relativos a algumas espécies em vias de extinção (baleia, panda, [ave de] rapina, lince da serra da Malcata, “Grande Branca da Madeira”); h. Sim.

Pág. 283

i. Sim (“espécies em vias de extinção”, “procriação em cativeiro (natural ou assistida)”, “áreas protegidas”, “Pieris brassicae wollastoni”...); j. Verbo ser.

k. Presente (que tem valor genérico) e pretérito perfeito simples do indicativo (que é usado para narrar factos passados); l. Sim (“foi considerada”).

Antecipação do texto a ser produzido

Pesquisa e tratamento de informação

4. Seleção, por cada aluno, do animal em vias de extinção que será o tema do seu texto.

Nota: Nesta fase o professor deverá fornecer aos alunos documentação de apoio, a partir da qual eles poderão fazer as suas opções. Poderá, para isso, constituir um *dossier* temático com o apoio do professor de Ciências Naturais.

5. Identificação dos tópicos a desenvolver e apresentação oral dos mesmos à turma; apreciação coletiva dos trabalhos.

6. Preenchimento de uma grelha semelhante à apresentada em 3.

Pág. 284

Produção do texto

“É igualmente importante que o professor não pretenda sistematizar todos os aspetos relevantes aquando da produção de um único texto, dando por terminado o trabalho sobre os conteúdos que lhe estão associados. Os alunos devem produzir recorrentemente textos expositivos, de diferentes formatos e com diferentes enfoques. Num determinado momento, o professor poderá levar os alunos a focalizarem a sua atenção nas questões relativas à organização e à progressão da informação; noutra ocasião, o foco do trabalho poderá ser a produção de bons parágrafos iniciais ou finais; noutro momento ainda poderá pensar-se na melhor forma de suscitar o interesse dos leitores (mediante a utilização de exemplos, a adoção de uma lógica de pergunta-resposta).”

I. Niza, J. Segura e I. Mota, *Guião de Implementação do PPEB – Escrita*, p. 104

Divulgação dos textos produzidos

7. Divulgação dos textos produzidos pelos alunos num sítio da *Internet* subordinado ao tema “Animais em vias de extinção em Portugal”.

Nota: Este trabalho poderá ser integrado num projeto interdisciplinar.

Pág. 285

Nota: Esta Oficina de Escrita baseia-se na proposta apresentada em I. Niza, J. Segura e I. Mota, *Guião de Implementação do PPEB – Escrita*, pp. 128-135.

Conteúdos

Nesta oficina de escrita, pressupõe-se que os alunos mobilizem e desenvolvam conhecimentos sobre o texto argumentativo e sobre aspetos de coesão textual.

Nesta oficina de escrita é trabalhado o seguinte descritor de desempenho (pertencente ao domínio da Escrita) referenciado nas MCP: “Escrever textos argumentativos com a tomada de uma posição; a apresentação de razões que a justifiquem, com argumentos que diminuam a força das ideias contrárias; e uma conclusão coerente.”. (Helena C. Buescu et alii, *Metas Curriculares de Português*, 2012, p. 60).

Sequência de atividades

Sugere-se a seguinte sequência de atividades:

Ponto de partida para o trabalho (criação de um contexto)

1. Negociação do produto final do trabalho a realizar (texto de opinião sobre o uso do telemóvel na escola, adequado a um jornal escolar).
2. Leitura do texto informativo “Telemóveis: uso ou abuso?”.

Pág. 286

3. Resolução do exercício 1.1.

- 40,8% – Desligam o telemóvel nas aulas.
- 84,2% (dos 9 aos 12 anos) – Têm telemóvel.
- 72,1% – Tiveram o primeiro telemóvel com 13 anos ou menos.
- 80,3% – Têm os amigos como principal alvo da comunicação.
- 28,6% – Consideram que a vida mudaria para pior se ficassem sem telemóvel durante duas semanas.
- [Em média] Fazem 3,56 chamadas por dia.
- [Em média] Envia 25,72 mensagens através do telemóvel.
- 85,2% – Sentem-se mais tranquilos quando têm o telemóvel consigo.
- 74,3% – Consideram que o seu telemóvel só é útil se estiver sempre ligado.

4. Discussão coletiva dos dados apresentados no texto informativo.

Antecipação e produção do texto

5. Preenchimento da grelha apresentada em 2.

Nota: Pretende-se, com esta atividade, que os alunos sistematizem os principais aspetos da discussão coletiva – distinguindo dois pontos de vista possíveis (a favor e contra o uso do telemóvel na escola) e posicionando-se relativamente ao assunto.

Pág. 287

6. Redação de uma primeira versão do texto, baseada no quadro apresentado em 3.

Nota: Conforme as características dos alunos da turma, este trabalho poderá ser desenvolvido em pares.

Leitura e apreciação dos textos

7. Heterocorreção, em trabalho de pares. Cada par de alunos deverá ler e apreciar dois textos diferentes.
8. Redação da versão final do texto, tendo em conta a heterocorreção feita pelos colegas.

Divulgação dos textos produzidos

9. Divulgação dos textos produzidos pelos alunos no jornal da turma ou da escola.